MILVA ALVES MAGALHÃES
JANAINA DE JESUS SANTOS

SEQUÊNCIA DIDÁTICA

PALAVRAS
EM LIBERDADE

LEITURA COMO EQUIPAGEM
DO LEITOR-NAVEGADOR







PROJETO PARA O ANO INTEIRO



Foto: Wikimedia.commons

GUIA
FOUCAULT
POR ONDE COMEÇAR?

MAPA

Bibliotecário Carlos Roberto M. de S. Marinho
CRB 5/2142
Sistema de Bibliotecas da UNEB

M189 Magalhães, Milva Alves
Palavras em liberdade: Leitura como equipagem do leitor-navegador. Milva Alves Magalhães; Janaina de Jesus Santos. Caetité/BA: 2025. 109p.

Produto Técnico-Tecnológico Educacional (PTTE) elaborado no Programa de Pós-graduação em Ensino, Linguagem e Sociedade) - Universidade do Estado da Bahia, Departamento de Ciências Humanas, Campus VI, Caetité, 2025.

Bibliografia: p.108

1. Formação de leitores. 2. Leitura. I. Título.

CDD: 370

UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB – DCH VI – CAETITÉ

Programa de Pós-Graduação em Ensino, Linguagem e Sociedade (PPGELS)
Curso de Pós-Graduação *Stricto Sensu*, em nível de Mestrado
Departamento de Ciências Humanas – Campus VI – Caetité–BA



CAETITÉ – BAHIA
2024



PALAVRAS
EM LIBERDADE

Um convite para:

Ler e escrever

Ler e compartilhar



Ler a vida

Ler a si mesmo



- **Equipar-se da leitura e da escrita como ferramentas** para pensar consigo, com o próximo e com a realidade.
- **Mediar a leitura com afetividade**, com a sensibilidade do olhar, do corpo, e das emoções, possibilitando conexões subjetivas com as palavras, com a imaginação e a criatividade.
- **Pensar a formação de jovens leitores** como um processo contínuo e integrado à vida escolar e cultural.
- **Ensinar a leitura lendo**, formar leitores pela prática constante e consciente da leitura, despertando seu potencial crítico e imaginativo.
- **Contar histórias para os jovens**, conectando gerações pelo encontro com as narrativas do passado e do presente, explorando o potencial dessa arte milenar.
- **Expandir o ato de ler além das palavras**, explorando outras possibilidades de sentidos por meio do diálogo com produções culturais diversas, como séries, memes e vídeos.
- **Explorar diferentes formas de leitura**, reconhecendo e valorizando práticas não tradicionais.
- **Construir comunidades de leitura colaborativas,** promovendo a troca de ideias e experiências entre leitores.
- **Conectar os repertórios dos jovens aos da escola**, prestigiando os conhecimentos prévios e os interesses dos(as) estudantes.
- **Desacelerar o ritmo e meditar com a leitura**, favorecendo uma experiência mais profunda e significativa.
- **Valorizar a leitura como uma pausa**, transgredindo a aceleração da vida contemporânea, contrapondo-se à fragmentação e à superestimulação do digital.
- **Reconhecer a potência transformadora da leitura**, para formar sujeitos críticos e sensíveis.
- **Resistir com as palavras**, abrindo um livro e contando histórias e versos.
- **Problematizar o que estamos lendo e escrevendo na escola**, analisando as escolhas dos textos, dos livros e das estratégias metodológicas.
- **Refletir sobre como narramos a história da leitura**, questionando as idealizações do ser leitor e as barreiras socio-históricas que limitam essa prática.

Descrição Técnica do Produto

Título:
Palavras em liberdade: Leitura como equipagem do leitor-navegador

Origem do Produto:
Trabalho de Dissertação intitulado *De volta para o futuro da leitura: uma navegação pela infinitude Booktok e o devir do sujeito-leitor,* desenvolvido no Mestrado em Ensino, Linguagem e Sociedade (PPGELS/UNEB).

Nível de Ensino a que se destina o produto: Educação Básica - Ensino Médio

Área do Conhecimento: Linguagens

Finalidade:
Auxiliar docentes e estudantes no processo de formação de leitores sob uma perspectiva discursiva da linguagem.

Organização do Produto:
Sequência didática apresentada em formato de e-book, contendo três oficinas e um guia introdutório ao pensamento de Foucault. Esquematicamente: **Oficina 1**: *Ler é resistir: Parar, ler e pensar no mundo digital*; **Oficina 2**: *Ler é ressignificar: Subvertendo o código das videorresenhas*; **Oficina 3**: *Ler é transformar: Navegando da imagem à leitura discursiva* e o guia ***Foucault, por onde começar?***

Público Alvo:
Professores de Língua Portuguesa e estudantes do Ensino Médio

Categoria:
Produto Técnico-Tecnológico Educacional (PTTE)

Registro do Produto:
Biblioteca da UNEB – Campus VI

Avaliação do Produto:
Aprovado

Disponibilidade:
Irrestrita, mantendo-se o respeito à autoria do produto, não sendo permitido uso comercial por terceiros.

Divulgação: meio digital e/ou outros

URL: Produto acessível no site do PPGELS: www.ppgels.uneb.br/teses-dissertacoes/

Diagramação: Mateus Oliveira

Idioma: Português

Autora

Milva Alves Magalhães

Mestre do Programa de Pós-Graduação em Ensino, Linguagem e Sociedade: PPGELS – UNEB – Campus VI – Caetité – BA. Professora de Língua Portuguesa do Ensino Médio da rede pública estadual da Bahia e dos anos finais do Ensino Fundamental da rede pública municipal de Tanque Novo – BA. Graduada em Letras com Habilitação em Português e Literaturas de Língua Portuguesa, na Universidade do Estado da Bahia – UNEB. Pós–Graduada em Literatura Brasileira (2005–FIJ), Formação de Leitores (2011–FCG) e Mídias na Educação (2013–UESB). Integrante do grupo de estudos do Audiovisual e do Discurso – AUDiscurso, realiza pesquisas sobre discursos em leitura na mídia digital.



Autora

Janaina de Jesus Santos

Realizou estágio pós–doutoral (2018–2019) no Programa de Pós–Graduação em Letras: cultura, educação e linguagens, na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB, possui Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa (2014) pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquista Filho – UNESP, Mestrado em Estudos Linguísticos (2011) pela Universidade Federal de Uberlândia – UFU, Especialização em Linguística aplicada ao Ensino do Português (2006) e Graduação em Letras com Habilitação em Português e Inglês e respectivas literaturas (2001) pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB. É professora titular na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB, atua no Programa de Pós–graduação em Letras: Cultura, Educação e Linguagem – PPGCEL/UESB e Programa de Pós–graduação em Ensino, Linguagem e Sociedade – PPGELS/UNEB. Lidera o Laboratório de Estudos do Audiovisual e do Discurso – AUDiscurso/CNPq. Atua nas áreas de Análise do Discurso e Linguística Aplicada, com interesse nos temas: sujeitos contemporâneos no audiovisual, discurso e ensino, formação de professores de línguas, currículo, gênero e raça.





Quebrar as armadilhas do mundo é, antes de mais nada, quebrar o mundo de armadilhas em que se converteu o nosso próprio olhar (Mia Couto).

SUMÁRIO

Apresentação | 9
Introdução | 10

Sumário clicável!

Mapa da jornada: estrutura geral da sequência didática | 11 e 12

Requisitos e parâmetros | 13
Interlocuções com a BNCC | 13
O tempo e o ritmo das oficinas | 13
A sequência didática aplicada à aprendizagem em leitura | 14
Por que o letramento literário? | 14
Por que a multimodalidade? | 14
Por que videorresenha? | 15
Por que a leitura profunda como uma prática de si? | 15
Por que a leitura discursiva? | 15

SEQUÊNCIA DIDÁTICA | 17

Oficina 1: Ler é resistir | 17
Oficina 2: Ler é ressignificar | 40
Oficina 3: Ler é transformar | 60

Palavras Finais | 82





Todos os QR codes são clicáveis!

Foucault, por onde começar? | 83

Referências | 106

PALAVRAS EM LIBERDADE

Milva Magalhães
Janaina Santos

APRESENTAÇÃO

Querido professor, querida professora,



Neste espaço, você encontra uma sequência didática (SD), organizada em oficinas, voltada à formação de leitores. As atividades propostas foram pensadas sob uma perspectiva discursiva da linguagem e buscam seguir um caminho de apropriação da potência formativa da leitura como ferramenta de resistência e emancipação. Seu pressuposto alcança a camada dos discursos consensuais e hegemônicos sobre essa prática, bem como a ressignificação de suas verdades divisoras, em vista do fortalecimento dos elos que a leitura ajuda a construir e a pressa tende a dissolver.

Na abertura desta janela discursiva, as atividades estão voltadas para o pleno desenvolvimento da competência leitora, envolvendo leitura, escrita, escuta, análise de textos multimodais, linguagem oral, verbal e imagética, pesquisas, produção e aprimoramento de texto dos(as) estudantes, entre outros. Consiste, portanto, em um material de apoio para planejamento e realização das aulas, sob o compromisso de um maior ajustamento entre os anseios da cultura jovem pela dessacralização da leitura e os objetivos escolares e pedagógicos.

Firmes na ideia de que é preferível poucas e profundas leituras a uma profusão de textos que ajudam a saturar a mente, utilizamos como obra fonte para as atividades propostas o livro ***Torto Arado***, de Itamar Vieira Júnior (2019). Alternativamente, o(a) professor(a) poderá adotar outras obras literárias como texto base para a SD, em consideração à realidade de cada turma, de cada escola. Para ajudar na escolha, ao longo e ao final de cada oficina sugerimos uma **coletânea de livros altamente recomendáveis** para o público juvenil.

Desejamos uma jornada produtiva!

As autoras,

Milva Alves Magalhães
Janaina de Jesus Santos



> *A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto (Freire, p. 9, 2015).*

INTRODUÇÃO

O produto técnico-tecnológico educacional (PTTE) **Palavras em liberdade: leitura como equipagem do leitor–navegador** reúne propostas para o trabalho em leitura discursiva destinadas a professoras e professores do componente curricular Língua Portuguesa do Ensino Médio (EM) e Itinerários afins que, materializados sob a forma de uma sequência didática (SD), visam a aprendizagem, o incentivo e a apropriação da leitura como ferramenta de estar e agir no mundo. Adota como base filosófica os estudos foucaultianos da linguagem, a partir da qual se chega à noção de leitura como equipagem auto–sócio–analítica do sujeito.

Nas páginas finais desta SD, disponibilizamos um **guia introdutório ao pensamento foucaultiano**, denominado **Foucault, por onde começar?**, contendo um mapa de sua oficina, um pequeno vocabulário com alguns conceitos essenciais, além de sugestões de leituras e links de acesso à produção acadêmica sobre o tema e à obra do autor.



A SD está organizada em **três oficinas** e estas em estações de trabalho. Cada **estação** conta com **atividades** que, conforme a necessidade, são apresentadas em **etapas**. Oficinas, estações, atividades e etapas são numeradas sequencialmente e a contagem recomeça a cada oficina. Sendo necessário um roteiro como guia para determinada ação, este será apresentado junto à respectiva atividade*.

Os mapas das páginas 11 e 12 apresentam a estrutura geral das oficinas. Para facilitar a navegação, disponibilizamos um menu clicável na parte superior de cada página.

MAPA



***Ferramentas de IA foram utilizadas em apoio ao desenvolvimento de algumas atividades, sob a supervisão das autoras.**

PALAVRAS EM LIBERDADE

Milva Magalhães
Janaina Santos

Mapa das Oficinas

Oficina 1
Ler é Resistir

Atividades de leitura e escrita como práticas de si, do outro e do mundo. Desenvolve ferramentas mínimas de leitura discursiva de textos e imagens.

Oficina 2
Ler é Ressignificar

Atividades em leitura discursiva aplicadas ao gênero textual videorresenha.

Oficina 3
Ler é Transformar

Atividades de produção de videorresenha voltadas à leitura discursiva no cenário digital.

PARA VISUALIZAR CADA OFICINA INDIVIDUALMENTE, CLICAR OU DIGITALIZAR

Milva Magalhães
Janaina Santos

PALAVRAS EM LIBERDADE

Leitura como equipagem do leitor-navegador

Mapa das Oficinas

CLICÁVEL

OFICINA1 LER É RESISTIR

Parar, ler e pensar no mundo digital

ESTAÇÕES

- E1. Ponto de Embarque
- E2. Todos a bordo
- E3. Navegar é preciso
- E4. Diário de Bordo
- E5. Derivas

ATIVIDADES

- A1. Conversa mediada: avaliação diagnóstica
- A2. A leitura e o navegante digital
- A3. Roda de Leitura Apresentação de Torto Arado (obra fonte)
- + Olhai os memes da rede

PRODUÇÃO 1

Roda de leitura

OFICINA 2 LER É RESSIGNIFICAR

Subvertendo o código das videorresenhas

ESTAÇÕES

- E1. Ponto de Embarque: uma pausa para ler junto
- E2. Todos a bordo
- E3. Navegar é preciso
- E4. Diário de Bordo
- E5. Derivas

ATIVIDADES

- A1. Introdução ao gênero videorresenha
- A2. Um olhar discursivo sobre Torto Arado
- A3. Videorresenhas nas comunidades digitais de leitura
- A4. Por dentro das videorresenhas literárias
- + Diálogos entre Anne whitean E e Malala

PRODUÇÃO 2

Leitura discursiva de texto literário, videorresenha e gêneros digitais

OFICINA 3 LER É TRANSFORMAR

Navegando da imagem à leitura discursiva

ESTAÇÕES

- E1. Ponto de Embarque: uma pausa para ler junto
- E2. Todos a bordo
- E3. Navegar é preciso
- E4. Diário de Bordo
- E5. Derivas
- E6. Avaliando distâncias

ATIVIDADES

- A1. Leitura discursiva do conto *A Terceira Margem do Rio*
- A2. Círculo de Leitura
- A3. Transformar é saber-fazer
- A4. Nas asas da leitura
- A5. Pense depois de ler
- A6. Uma imagem vale mais que mil palavras?

A3 a A6 - Produção, roteiro, experimentação, pós-produção e publicização de videorresenha.

PRODUÇÃO FINAL

Produção e publicação de videorresenha

Fonte: Autoria própria, 2024.



GUIA FOUCAULT, POR ONDE COMEÇAR?

As oficinas têm estrutura flexível e podem ser adaptadas para os anos finais do Ensino Fundamental II. No Ensino Médio, sugere-se um trabalho conjunto com outros componentes curriculares devido à redução da carga horária de Língua Portuguesa no novo currículo, que se mostra insuficiente para um aprofundamento na leitura literária. Propõe-se o desenvolvimento transdisciplinar das atividades, integrando itinerários formativos e estações dos saberes do currículo integral, para viabilizar a implementação completa da SD.

Além disso, considerando a Lei nº 15.100/2025, que restringe o uso de celulares nas escolas, é necessário adaptar práticas pedagógicas que envolvam tecnologias, direcionando atividades mediadas por dispositivos móveis para o tempo de estudo extraclasse, quando indispensável, para garantir o engajamento e a aprendizagem dos(as) estudantes.

REQUISITOS E PARÂMETROS

APOIAR professores(as) e estudantes do Ensino Médio no ensino e aprendizagem em leitura discursiva de texto e imagem, com vistas ao multiletramento, em particular o literário, em um percurso de apropriação da potência emancipatória dessa prática.

Parâmetros:
1. Adotar perspectiva discursiva;
2. Utilizar variados gêneros textuais e multimodalidades;
3. Compatibilizar práticas e preferências dos(as) estudantes com as rotinas escolares e objetivos didáticos.

INTERLOCUÇÕES COM A BNCC

Na página inicial de cada oficina é apresentada uma seleção de habilidades e competências relacionadas à área de Linguagens e suas Tecnologias no EM, entre aquelas anunciadas na Base Nacional Curricular Comum (BNCC), acionadas ao longo da imersão dos estudantes no desenvolvimento das atividades propostas.

O TEMPO E O RITMO DAS OFICINAS

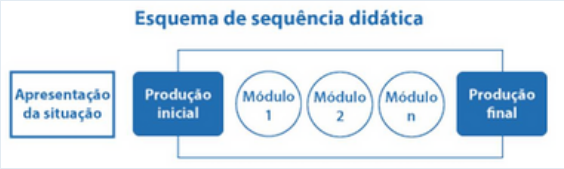


O tempo sugerido para cada oficina é de uma unidade letiva, estendendo a aplicação da SD por um ano letivo completo, mas essa estimativa pode variar conforme a realidade escolar. É essencial que o professor tenha uma visão geral das três oficinas, realizando uma leitura prévia do material para compreender as atividades, objetivos e estratégias propostos. Caso a aplicação integral da SD não seja possível, as oficinas e suas atividades podem ser aplicadas isoladamente, funcionando como um banco de atividades em leitura.

Com a mediação dos educadores, o material pode criar um espaço de profundidade cognitiva em sala de aula, onde a leitura seja vivenciada como ferramenta de transformação pessoal e social, podendo ser o ponto de partida para muitos estudantes se tornarem leitores. O desafio do professor é incentivar o gosto pela leitura de textos que, sem a escola, talvez não façam parte do repertório da maioria da população, mas que, por seu prestígio histórico, conferem valor a quem os lê. A solução está em criar situações estimulantes e significativas de leitura coletiva, criativa e dessacralizadora, aproximando textos, livros e autores de jovens considerados não-leitores. (Curcino, 2019, p. 659)

A SEQUÊNCIA DIDÁTICA APLICADA À ATIVIDADE EM LEITURA

Esta sequência didática organiza oficinas e atividades escolares sobre o gênero videorresenha, visando a progressão na leitura discursiva. Adapta o modelo de Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004), com etapas que partem da contextualização das experiências de leitura dos(as) estudantes e culminam na produção de uma videorresenha para publicização.



Fonte: Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004, p. 97)

A sequência didática propõe um percurso flexível, adaptável à realidade escolar e às necessidades dos(as) estudantes, com atividades alinhadas às competências da BNCC. Adaptamos de Dolz (2004) cinco orientações para professores:

1. Mapear e valorizar as leituras dos(as) estudantes fora da escola, identificando lacunas e preferências.
2. Apropriar-se da sequência e adaptar as atividades à realidade escolar.
3. Diversificar referências e promover leituras comparativas para incentivar a crítica.
4. Trabalhar sistematicamente as dimensões da leitura, considerando gostos e evoluindo para textos mais densos e reflexivos.
5. Estimular a autonomia e a leitura discursiva, incentivando os(as) estudantes a relacionar criticamente o texto com os sentidos evocados e seu contexto.

Uma contribuição para o ensino-aprendizagem em leitura

POR QUE O LETRAMENTO LITERÁRIO?

O letramento literário é o processo de apropriação da literatura por meio da interpretação e significação de obras, reconhecendo-as como produções artísticas de múltiplos sentidos, essencial para formar leitores críticos (Paulino e Cosson, 2009). Segundo Cosson (2014b), essa prática pode ser planejada na escola com estratégias metodológicas sequenciais. A leitura e escrita de textos literários, em diversos suportes, permitem ao leitor questionar discursos consensuais e apropriar-se singularmente da linguagem (Cosson, 2014b).

A formação de leitores na escola será mais eficaz ao conciliar o estudo do texto literário com outras modalidades textuais, como os audiovisuais, presentes no cotidiano dos estudantes. Por isso, as atividades deste PTTE seguem a sequência expandida de Cosson (motivação, introdução, leitura, interpretação, contextualização e expansão) para a apreciação de narrativas ficcionais.

POR QUE A MULTIMODALIDADE?

Rojo e Barbosa (2015) definem o texto multimodal como:

> [...] aquele que recorre a mais de uma modalidade de linguagem ou a mais de um sistema de signos ou símbolos (semiose) em sua composição. Língua oral e escrita (modalidade verbal), linguagem corporal (gestualidade, danças, performances, vestimentas – modalidade gestual), áudio (música e outros sons não verbais – modalidade sonora) e imagens estáticas e em movimento (fotos, ilustrações, grafismos, vídeos, animações – modalidades visuais) compõem hoje os textos da contemporaneidade, tanto em veículos impressos como, principalmente, nas mídias analógicas e digitais. (Rojo; Barbosa, 2015, p. 108).

Segundo as autoras, a linguagem multimodal combina diferentes semioses (verbal, oral, gestual, digital e visual), produzindo significações multideterminadas e representações sociais. Aprimorada por recursos digitais, exige novas formas de leitura que tensionem a produção e compreensão de sentidos. Com a ascensão das redes digitais, a multimodalidade questiona práticas leitoras, especialmente entre jovens, que priorizam novidades em detrimento da leitura crítica em suporte impresso. Estratégias pedagógicas com textos audiovisuais podem reconstruir pontes com a leitura analógica, mas exigem multiletramentos para compreender e produzir significados em diferentes linguagens e culturas (Rojo, 2012, p. 19).

POR QUE VIDEORRESENHA?

A videorresenha, amplamente difundida nas comunidades virtuais de leitura, é uma adaptação digital da resenha crítica escrita, combinando vídeo, música e vinhetas. Seu propósito é apresentar um ponto de vista sobre um objeto, exigindo roteiro, edição e interação com o público (Silva, 2019, p. 24). Esse gênero híbrido explora o potencial pedagógico das linguagens visual e audiovisual, articulando descrição, comentário e argumentação, e integrando práticas leitoras com a cultura digital (Santos, 2019, p. 172).

A BNCC destaca que o Ensino Médio é o momento para aprofundar a análise crítica de textos verbais e multimodais, envolvendo reflexões sobre elementos discursivos, composicionais e formais das semioses visual, sonora, verbal e corporal (Brasil, 2018, p. 498). Para isso, é essencial desenvolver competências que permitam aos estudantes apropriar-se das linguagens da cultura digital, explorando e produzindo conteúdos em diversas mídias, ampliando acesso à ciência, tecnologia, cultura e trabalho (Brasil, 2018, p. 474).

POR QUE A LEITURA PROFUNDA COMO PRÁTICA DE SI?

A leitura profunda e a leitura como prática de si complementam os usos comuns dessa prática para informação e entretenimento, promovendo uma atividade reflexiva e emancipatória. Wolf (2019) descreve a leitura profunda como focada e paciente, capaz de gerar o espaço mental necessário à formulação de ideias. Foucault (2010a, 2014) a entende como uma ferramenta para o sujeito refletir, transformar-se e agir no mundo de forma ética.

Essas perspectivas convergem ao tratar a leitura como um meio de estar e transformar o mundo, funcionando como ponto de equilíbrio entre estabilidade e movimento. Ela transforma incertezas em materialidade conhecida, suspende a urgência do tempo e proporciona conexões consigo, com os outros e com a realidade Apropriar-se da leitura, nesse sentido, tem algo de gratuito, sereno, perene e transformador.

POR QUE A LEITURA DISCURSIVA?

> A educação pode muito bem ser, de direito, o instrumento graças ao qual todo indivíduo, numa sociedade como a nossa, pode ter acesso a qualquer tipo de discurso; sabemos, no entanto, que, na sua distribuição, naquilo que permite e naquilo que impede, ela segue as linhas que são marcadas pelas distâncias, pelas oposições e pelas lutas sociais. Todo sistema de educação é uma maneira política de manter ou de modificar a apropriação dos discursos, com os saberes e poderes que estes trazem consigo. (Foucault, 2014, p. 41).

Vivemos em uma sociedade letrada, tecnológica e hiperconectada que, embora atravessada por desigualdades e hierarquias, explora promessas de liberdades. A revolução tecnológica, com algoritmos e inteligências artificiais, intensificou a impermanência e a sobrecarga informacional, gerando fragmentação da atenção, perplexidade e cansaço mental, refletidos no cotidiano escolar. A realidade é cada vez mais moldada por narrativas digitais, que reforçam discursos dominantes e influenciam pensamentos e ações individuais.

A linguagem imagética evidencia a pobreza simbólica e a rendição ao consumismo, em uma sociedade fragmentada e desigual, apesar dos avanços tecnológicos. A capacidade de realizar leituras discursivas dessa realidade torna-se essencial para a sobrevivência, pois as divisões sociais filtram o acesso ao progresso, perpetuando privilégios e marginalizando camadas desfavorecidas. Essa realidade precisa ser contestada em nome da justiça social.

Curcino (2019, p. 649) destaca a importância do domínio da escrita e da leitura para compreender como os discursos hegemônicos perpetuam consensos e verdades divisoras, atribuindo lugares e juízos sociais conforme a origem dos indivíduos. Esses discursos promovem conformidade e resignação, refletindo o funcionamento de uma sociedade hierarquizada.



Continua...

POR QUE A LEITURA DISCURSIVA?

Assim, a questão do domínio da escrita e da leitura assume contornos de sobrevivência e desafia a escola, como espaço de formação do sujeito para a vida em sociedade, a uma correção de rota, à medida em que:

> A educação escolar do século XXI é tensionada para abarcar os temas que emergem das situações do cotidiano dos educandos por meio de abordagens transversais e interdisciplinares, para transformar a sociedade em um lugar mais igualitário e inclusivo para todos, em especial para as minorias representativas da sociedade brasileira. (Santos, p. 173, 2019).

Além do ajustamento do tempo, rotinas e objetivos escolares aos contextos dos educandos, a abordagem discursiva da realidade, em suas mais variadas possibilidades, pode ser incorporada à educação escolar como condição de possibilidade para a escola:

> [...] atuar como lugar de resistência, abandonando práticas tradicionais de imitação, limitação, reprodução, cerceamento, exclusão, tornando-se um ambiente em que práticas de criticidade, criatividade, responsabilidade e liberdade ganhem espaço e embasem a formação dos sujeitos educandos. Isso pode possibilitar outras leituras de mundo, outras subjetividades e outras práticas sociais. Santos e Cortes (2020, p. 20).

Santos e Cortes (2020) e Curcino (2019) destacam a escola como espaço de resistência, onde se deve compreender o funcionamento dos discursos que qualificam a leitura e os sujeitos que a praticam. Discursos hegemônicos, carregados de verdades absolutas, precisam ser desconstruídos, e a leitura discursiva é uma ferramenta essencial para desmontar esses consensos, facilitando a resistência, contestação e superação de seus efeitos. Ao apropriar-se dessa visão, os estudantes podem transcender textos e imagens, desmistificando distâncias entre sua prática e as expectativas sociais, transformando-se a si mesmos e a realidade por meio da leitura em suas múltiplas dimensões (Curcino, 2024, p. 79-92).



PALAVRAS
EM LIBERDADE

LEITURA COMO EQUIPAGEM
DO LEITOR-NAVEGADOR

OFICINA 1

Ler é RESISTIR

Parar, ler
e pensar
no mundo digital

- *Redescobrindo a leitura em comunidade*



Milva Magalhães
Janaina Santos

Clique aqui para retornar ao sumário principal.

1 SUMÁRIO

MAPA



Mapa Síntese da Oficina | 19

Estação 01: Ponto de Embarque | 21

Uma pausa para ler junto | 22
Janela Teórica | 23

Sumário clicável!

Estação 02: Todos a Bordo | 23

Atividade 1: Conversa mediada (avaliação diagnóstica) | 24

Estação 3: Navegar é preciso | 27

Atividade 2: A leitura e o navegante digital | 27

Atividade 3: Roda de Leitura *Leio, logo sou* | 31

Apresentação da obra fonte (*Torto Arado*) | 32

Estação 4: Diário de bordo | 36

Estação 5: Derivas - Mapeando novos horizontes | 37

Indicações para ler, pensar e sentir! | 38

Todos os QR codes são clicáveis!



1 OFICINA
Ler é RESISTIR

OFICINA 1: LER É RESISTIR

A educação escolar do século XXI é tensionada para abarcar os temas que emergem das situações do cotidiano dos educandos por meio de abordagens transversais e interdisciplinares, para transformar a sociedade em um lugar mais igualitário e inclusivo para todos, em especial para as minorias representativas da sociedade brasileira. (Santos, p. 173, 2019).

Oficina 1: Ler é resistir
Parar, ler e pensar no mundo digital
Tema Integrador: Cultura Digital e Direitos Humanos
Objeto do Conhecimento: Práticas de linguagem: Leitura, apreciação e réplica, produção de sentidos, exploração da multimodalidade, contexto de produção, circulação e recepção de textos, relação entre os gêneros em circulação, mídias e práticas da cultura digital.
Abordagem discursiva: Leitura e escrita como práticas de si
Transdisciplinaridade: Itinerários da área de Linguagens
Campos de atuação: Campo da vida pessoal, Campo artístico literário e Campo jornalístico–midiático
Recursos e materiais necessários: Trechos dos textos selecionados, impressos ou digitais, caderno individual para registro, materiais para escrita, projetor, notebook, smartphones, computador com acesso à internet, livros, textos literários. Multimídia (projetor, sala de informática, tevê da sala, etc.).
Cronograma/duração: uma unidade letiva
Competências específicas de linguagens para o ensino médio contempladas
Competência 1 – Compreender o funcionamento das diferentes linguagens e práticas culturais (artísticas, corporais e verbais) e mobilizar esses conhecimentos na recepção e produção de discursos nos diferentes campos de atuação social e nas diversas mídias, para ampliar as formas de participação social, o entendimento e as possibilidades de explicação e interpretação crítica da realidade e para continuar aprendendo. **Competência 2 –** Compreender os processos identitários, conflitos e relações de poder que permeiam as práticas sociais de linguagem, respeitando as diversidades e a pluralidade de ideias e posições, e atuar socialmente com base em princípios e valores assentados na democracia, na igualdade e nos Direitos Humanos, exercitando o autoconhecimento, a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, e combatendo preconceitos de qualquer natureza.

Habilidades de linguagens para o ensino médio contempladas
(EM13LP46) Participar de eventos (saraus, competições orais, audições, mostras, festivais, feiras culturais e literárias, rodas e clubes de leitura, cooperativas culturais, jograis, repentes, slams etc.), inclusive para socializar obras da própria autoria (poemas, contos e suas variedades, roteiros e microrroteiros, videominutos, playlists comentadas de música etc.) e/ou interpretar obras de outros, inserindo–se nas diferentes práticas culturais de seu tempo. **(EM13LP45)** Compartilhar sentidos construídos na leitura/escuta de textos literários, percebendo diferenças e eventuais tensões entre as formas pessoais e as coletivas de apreensão desses textos, para exercitar o diálogo cultural e aguçar a perspectiva crítica. **(EM13LP50)** Selecionar obras do repertório artístico–literário contemporâneo à disposição segundo suas predileções, de modo a constituir um acervo pessoal e dele se apropriar para se inserir e intervir com autonomia e criticidade no meio cultural. **(EM13LGG103)** Analisar, de maneira cada vez mais aprofundada, o funcionamento das linguagens, para interpretar e produzir criticamente discursos em textos de diversas semioses.

Objetivos Gerais
• Contribuir para a formação de jovens leitores por meio de propostas pedagógicas que integrem diferentes gêneros textuais, práticas de leitura de dentro e fora da escola, valorizando a leitura literária como processo discursivo de auto-sócio-análise. • Promover a leitura como prática de resistência e transformação, incentivando o engajamento ativo com os textos, o compartilhamento de vivências leitoras e a reflexão crítica sobre si, sobre o mundo e as dinâmicas digitais, fundamentada em uma ética do cuidado de si e do outro.

	Estação	Objetivos	Atividades
OFICINA 1	**Estação 1** **Ponto de embarque**	– Apresentar para os(as) estudantes a proposta da sequência didática e promover um momento de leitura coletiva, criando um espaço de pausa para a leitura compartilhada.	– Leitura compartilhada: uma pausa para ler junto.
	Estação 2 **Todos a bordo**	– Refletir sobre o potencial da leitura e da escrita na compreensão de si e do mundo, considerando a relação com textos na cultura digital para orientar práticas pedagógicas alinhadas às necessidades e interesses dos(as) estudantes.	- Atividade 1: Conversa mediada (avaliação diagnóstica) - Atividade 2: A leitura e o navegante digital
	Estação 3 **Navegar é preciso**	– Estimular a reflexão crítica sobre os impactos do ambiente digital nas práticas de leitura, promovendo estratégias conscientes que equilibrem concentração, interpretação e competências analógicas e digitais.	

OFICINA 1	Estação	Objetivos	Atividades
	Estação 3 **Navegar é preciso**	– Promover a leitura e a escrita como práticas de liberdade, autocuidado e autoconhecimento, incentivando o diálogo e a troca de experiências entre os(as) estudantes.	-Atividade 3: Roda de leitura: Leio, logo sou
	Estação 4 **Diário de bordo**	– Estimular a capacidade de expressar e analisar criticamente as interpretações individuais e coletivas, fortalecendo a empatia e a compreensão mútua em relação ao mundo digital e às diferentes perspectivas de leitura.	-Escrita de si: Relato de experiência sobre o percurso trilhado durante a realização da oficina.
	Estação 5 **Derivas: mapeando novos horizontes**	– Ampliar o repertório de leitura juvenil com acervos de curadorias reconhecidas, e propor outras atividades com foco na multimodalidadee práticas com diversos gêneros textuais.	-Sugestão de repertórios de leituras para o público juvenil e de atividades pedagógicas com ênfase na multimodalidade.

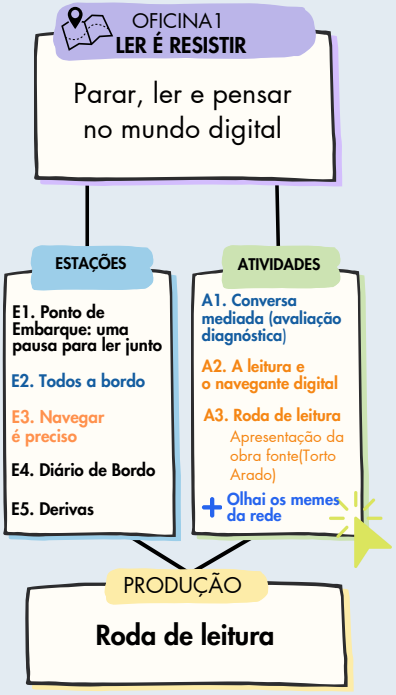
Fonte: Autoria própria, 2024.

Estação 1: Ponto de Embarque

Olá, professor(a),

Bem-vindo(a) à nossa jornada pelo universo da leitura no contexto digital! Esta primeira oficina da SD explora práticas de leitura próprias de uma cultura digitalmente influenciada e como elas podem contribuir para a formação de leitores na escola. Para iniciar, recomendamos apresentar a proposta de forma clara e atrativa aos estudantes (conferir o mapa da p. 12), explicando o funcionamento de cada oficina, desde as leituras iniciais e discussões até a produção da videorresenha. É importante promover diálogos constantes com os estudantes, adaptando as atividades à realidade da turma sempre que necessário. Esse contato enriquece o planejamento, aumentando o engajamento e tornando o processo mais colaborativo.

A organização desta oficina pode ser conferida no mapa ao lado.



Fonte: Autoria própria, 2024.

Uma pausa para ler junto





Como professora acho importante reforçarmos, do ponto de vista simbólico, o valor da leitura. É nosso papel defender e difundir essa prática fundamental para os sujeitos em uma sociedade letrada. É preciso que a defendamos como um direito, de modo a rompermos com o discurso burguês, elitista e alienante que a apresenta como um gosto, como um dom, como uma escolha individual. Para isso é preciso compreendermos e difundirmos as razões históricas e culturais de seu prestígio, ligadas à distribuição controlada e regrada do direito de ser leitor. (Curcino, 2019, 654)

Prezado(a) Professor(a),

Que tal começar cada semana com uma **pausa para leitura**? Sugerimos reservar alguns minutos da aula para compartilhar um texto, música ou poesia, convidando os estudantes à experenciação de uma temporalidade alternativa ao tempo frenético do mundo virtual. Priorizando sentido e profundidade, essa iniciativa pode funcionar como um gesto de resistência à superficialidade, capaz de conectar os jovens a ideias e reflexões criativas.

Dicas para implementar:

1. **Variedade de Textos:** Usar poemas, contos, crônicas ou citações que estimulem a reflexão e o senso crítico.

2. **Relação com o Tema:** Escolher textos que dialoguem com o conteúdo da aula ou com a vida dos(as) estudantes.

3. **Incentivo à Participação:** Convidar os estudantes a comentar, questionar e compartilhar suas percepções.

4. **Reflexão Individual e Coletiva:** Propor um momento de silêncio ou anotações após a leitura, promovendo escuta ativa e respeito mútuo.

Janela Teórica



[...] compartilhamos certos consensos do que é ser leitor, e esses consensos se constroem coletivamente a partir da difusão prioritária e frequente de certas maneiras institucionalizadas, autorizadas e valorizadas de exercer essa prática, de falar dela e de falar de nós e dos outros como leitores. Ou seja, por meio de discursos. Assim, tanto quando lemos, como quando avaliamos os gestos de leitura dos demais leitores, acionamos uma série de representações, sociais e históricas, sobre 'o que é ler', 'o que é ser leitor', sobre 'o que é ler um texto literário', 'o que é ler bem' etc. (Curcino, 2019, p. 650)

A partilha dessa imagem genérica e idealizada do que é ser leitor reforça o fosso da segregação cultural que privilegia alguns que com ela podem se identificar e condena outros não apenas a sua não identificação com essa representação, como também ao autorreconhecimento de uma falha, de um erro, de uma escolha ruim. (Curcino, 2019, p. 651)

Seja qual for a promessa que o futuro contém, todavia, o que um ser humano poderia fazer de mais ignorante seria não compreender aquilo que os leitores experientes deste momento possuem. O futuro – qualquer futuro – depende de nosso entendimento do valor verdadeiro do bom leitor e do papel que a leitura profunda tem no modo como vivemos nossas vidas. (Wolf, 2019, p. 217)

Estação 2: Todos a bordo

"A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza , a sociedade, o semelhante."
(Antônio Cândido)

Atividade 1: Conversa mediada (avaliação diagnóstica)



Esta atividade visa diagnosticar o perfil leitor da turma, problematizar as condições socioculturais que influenciam a formação de leitores e ajustar os repertórios de leitura para a sequência didática. Os resultados ajudarão a adaptar a prática docente no planejamento e desenvolvimento das próximas atividades.

Atividade 1

O que vamos ler? Textos expositivos

Onde? Sala de aula

Como? Leitura reflexiva

Quanto tempo leva? 2 aulas

Etapa 1



Para motivar o debate, sugerimos a leitura dos textos **Os direitos imprescindíveis do leitor**, de Daniel Pennac (1993, p. 139), e **O Direito à literatura**, de Antônio Cândido (2004, p. 174). Essas obras podem promover reflexões sobre o comportamento leitor, os valores atribuídos à leitura, a liberdade e a diversidade nas práticas leitoras. É importante estimular os estudantes a pensar na fruição literária como um direito nem sempre acessível e no papel da leitura na formação cidadã.

Texto 1

Os direitos imprescindíveis do leitor (Daniel Pennac)

1. Direito de não ler
2. Direito de pular páginas
3. Direito de não terminar um livro
4. Direito de reler
5. Direito de ler qualquer coisa
6. Direito ao bovarismo
7. Direito de ler em qualquer lugar
8. Direito de ler uma frase aqui e outra ali
9. Direito de ler em voz alta
10. Direito de calar



Texto 2



O direito à literatura (Antônio Cândido)

Chamarei de literatura, da maneira mais ampla possível, todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático, em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, desde o que chamamos folclore, lenda, chiste, até as formas mais complexas e difíceis da produção escrita das grandes civilizações. Vista desse modo, a literatura aparece claramente como manifestação de todos os homens em todos os tempos. Não há povo e não há homem que possa viver sem ela, isto é, sem a possibilidade de entrar em contato com alguma espécie de fabulação. Assim como todos sonham todas as noites, ninguém é capaz de passar as vinte e quatro horas do dia sem alguns momentos de entrega ao universo fabulado. [...] Ora, se ninguém pode passar vinte e quatro horas sem mergulhar no universo da ficção e da poesia, a literatura concebida no sentido amplo a que me referi parece corresponder a uma necessidade universal, que precisa ser satisfeita e cuja satisfação corresponde a um direito. Alterando um conceito de Otto Ranke sobre o mito, podemos dizer que a literatura é o sonho acordado das civilizações. Portanto, assim como não é possível haver equilíbrio sem sonho durante o sono, talvez não haja equilíbrio social sem a literatura. Deste modo, ela é fator indispensável de humanização e, sendo assim, consuma o homem na sua humanidade, inclusive porque atua em grande parte no subconsciente e no inconsciente. [...]

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: Vários escritos. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2004. p. 174



Etapa 2

Com base nas leituras, propomos um diálogo sobre as **desigualdades no acesso à leitura**, refletindo sobre sua **democratização** e importância para uma sociedade mais justa e inclusiva. Problematize as **condições materiais e imateriais** que influenciam a prática leitora com questões como:

1. Quais condições sociais e econômicas são necessárias para alguém se tornar leitor? Estão disponíveis para todos?
2. Todos têm as mesmas oportunidades para desenvolver o hábito da leitura?
3. A falta de tempo e a sobrecarga de trabalho afetam o acesso à leitura?
4. Como a exclusão social impacta o acesso à literatura?
5. De que maneiras a desigualdade digital influencia o acesso à leitura?



Etapa 3



A partir das reflexões sobre os textos discutidos na etapa 1, sugerimos iniciar um diálogo sobre as **práticas de leitura dos estudantes**. Para isso, propomos a aplicação do questionário individual abaixo, seguido de uma conversa coletiva, adaptável ao **contexto de cada turma**. Ao final, é importante sintetizar os sentidos construídos, acolhendo a **diversidade de pontos de vista** apresentados.

Questionário:



Eu, leitor nos oceanos da internet

1. Como nos tornamos leitores ou não leitores, e o que define um bom leitor?
2. Você já abandonou um livro ou pulou partes de uma leitura? Como se sentiu ao fazer isso?
3. Ao terminar um livro, prefere compartilhar suas impressões ou guardar suas reflexões? Por quê?
4. Quais formas de leitura você pratica (livros físicos, digitais, gibis, revistas, internet, séries, filmes)?
5. Como a leitura pode ser um exercício de liberdade, e qual o papel da literatura na formação pessoal e social?
6. Quais são seus gêneros literários favoritos para ler e escrever (conto, crônica, poema, romance, etc.)?
7. Quais escritores, textos ou livros marcaram sua vida, e por quê?
8. Que livros ou textos você gostaria de ler, e quais critérios usa para escolhê-los?
9. Com que frequência visita bibliotecas, livrarias ou acessa sites literários, e o que guia suas escolhas *online*?
10. Como a leitura influencia suas opiniões, decisões e interações, e como você desenvolve uma leitura crítica, especialmente nas redes sociais?



Estação 3: Navegar é preciso

Atividade 2

O que vamos ler? Reportagens e Videorresenhas

Onde? Sala de aula e casa

Como? Leitura discursiva

Quanto tempo leva? 4 aulas + tempo extraclasse

Atividade 2: A leitura e o navegante digital

Em uma cultura influenciada pelo digital, vivenciamos novos modos de ler. A proposta desta atividade é refletir sobre as práticas atuais de leitura e explorar comunidades digitais de leitores, considerando a relação entre o analógico e o digital, e o papel da leitura e escrita na compreensão de si, do outro e da realidade. Antes da aplicação, sugerimos apresentar à turma todas as etapas desta atividade.

Etapa 1

Organizar a turma em pequenos grupos para realizar o estudo dos textos apresentados abaixo (o acesso aos textos pode ser via link ou cópias impressas).



Etapa 2

Realizar a leitura individual da reportagem definida para o grupo.

Etapa 3

Compartilhar as interpretações com os colegas do grupo e anotar de forma resumida os principais pontos, considerando percepções de todos os componentes.

Etapa 4

Navegar pelas comunidades digitais de leitura: *BookTok, Bookgram, Booktube, Booktwitter* (pode ser realizada tanto em sala de aula, através de projetor ou no tempo de estudo extraclasse, dependendo das condições de acesso às plataformas digitais).

Etapa 5

Socializar as interpretações do grupo em relação aos pontos de vistas defendidos nos excertos e as percepções sobre as comunidades digitais de leitura.

Clique nos links ou digitalize os códigos QR

Textos para leitura e discussão em grupo

1. "Os livros nos tornam mais humanos", diz neurocientista Michel Desmurget (Diogo Sponchiato)

https://veja.abril.com.br/paginas-amarelas/os-livros-nos-tornam-mais-humanos-diz-neurocientista-michel-desmurget

2. Hábitos digitais estão 'atrofiando' nossa habilidade de leitura e compreensão? (Paula Adamo)

https://www.bbc.com/portuguese/salasocial-47981858

3. Como a tecnologia mudou nossos hábitos de leitura (Andréa Campos)

https://www.terra.com.br/byte/como-a-tecnologia-mudou-nossos-habitos-de-leitura,6d23480122944894ae11252d8bd75ab6bjwpzqdm.html?utm_source=clipboard

4. O quanto os hábitos digitais influenciam os hábitos de leituras?

https://gente.globo.com/texto-o-quanto-os-habitos-digitais-influenciam-os-habitos-de-leitura

5. Acesso à leitura ainda é desafio no Brasil. Como formar mais leitores?

https://prosabersp.org.br/acesso-a-leitura-ainda-e-desafio-no-brasil-como-formar-mais-leitores/

6. Retratos da leitura no Brasil: por que estamos perdendo leitores (José Alves)

https://saberesepraticas.cenpec.org.br/tematicas/retratos-da-leitura-no-brasil-por-que-estamos-perdendo-leitores

7. BookTok: como TikTok está transformando jovens em leitores e autores em best-sellers (Simone Machado – BBC News Brasil)

https://www.bbc.com/portuguese/articles/cek5e5mr3pdo

8. Booktok: a influência na vida das pessoas e no mercado literário (Beatriz Failla)

https://www.band.uol.com.br/noticias/booktok-indicacoes-de-leituras-influenciam-a-vida-das-pessoas-e-o-mercado-literario-16662995

Conteúdos para ampliar os horizontes sobre as comunidades digitais de leitura

Clique nos links ou digitalize os códigos QR

1. A descriticalização das bookredes e o fenômeno da anti–intelectualidade. (Read With Anna)

https://www.youtube.com/watch?v=UF3wYU9zNKw

2. O TikTok e o fim da leitura (Canal Meteoro)

https://www.youtube.com/watch?v=fxq-weYaLzc&t=351s

3. O que é literatura? Booktokers e polêmicas sobre *Biblioteca da Meia Noite* (Bruna Martiolli)

https://www.youtube.com/watch?v=C1RqmGOSP_0&t=12s

Sugestão de roteiro para análise discursiva dos textos jornalísticos

1 – Observação e problematização
Analisar o que o texto apresenta como verdade, quais enunciados autoriza e para quais sentidos direciona o olhar: Qual tema central emerge? Quem fala e sob quais condições? Que visões de mundo reforça ou apaga? Identificar sujeitos ou grupos invisibilizados ou excluídos. O que é destacado como legítimo ou relevante? Quais saberes ou modos de existência são marginalizados? Avaliar os interesses nas escolhas discursivas, os pontos de vista silenciados e como isso reflete relações de poder e controle sobre a narrativa.
2 – Ressignificação
Analisar como palavras, imagens e informações se articulam para construir uma verdade sobre a leitura e o ser leitor. Como as associações no texto produzem efeitos de sentido, moldando a compreensão, os modos de subjetivação e a opinião dos leitores?
3 – Interpretação/reflexão
Quais elementos do texto podem ser questionados ou revisitados para novas interpretações? Quais aspectos podem ser reavaliados para gerar sentidos alternativos, e como o leitor pode se posicionar criticamente? Quais outras abordagens são possíveis para refletir sobre o tema?

Após a conversa coletiva, sugere-se uma síntese na lousa sobre as abordagens dos textos em relação à leitura na era digital, destacando contextos, opiniões dos autores e pontos e contrapontos sobre as práticas relacionadas. Compartilhe e problematize a experiência de navegação em comunidades digitais de leitura, discutindo o observado e refletindo sobre regularidades nos textos. Incentive o respeito aos turnos de fala e a expressão respeitosa, valorizando diferentes pontos de vista para a aprendizagem coletiva. Como culminância, proponha um debate sobre o impacto das tecnologias digitais nas práticas de leitura, refletindo sobre experiências com leitura digital, hábitos nas redes sociais e desafios de concentração.

Finalizado o debate, os(as) estudantes serão orientados a redigir um texto dissertativo-argumentativo sobre o tema: **O Impacto das Tecnologias Digitais para as Práticas de Leitura: Desafios e Oportunidades**, explorando aspectos como acesso ao conteúdo digital, riscos da superficialidade online e o papel da tecnologia na formação de novos leitores, promovendo uma análise crítica e fundamentada.



Incentivando o protagonismo juvenil

Como culminância, sugere-se a criação de um *podcast* para refletir sobre os efeitos dos hábitos digitais nas habilidades de leitura dos jovens, convidando a comunidade a pensar sobre suas atividades nas redes. O *podcast* deve articular ideias de forma colaborativa e crítica, explorando aspectos positivos e limitações das práticas digitais, promovendo um diálogo acessível para a comunidade escolar e familiar. Esta atividade estimula o protagonismo dos estudantes e amplia o debate sobre as influências do mundo digital na formação leitora.

Orientações sobre produção de podcast na estação Derivas: ampliando os horizontes.

Janela Teórica

[...] é decisiva a mediação dessa prática [da leitura], de forma constante e qualificada, garantida tanto pela ampliação de repertórios narrativos de quem conta, de quem lê ou indica a leitura, quanto dos acervos das bibliotecas, em especial das escolares, de modo a expandir práticas (intra e extramuros da escola) de incentivo à leitura e de garantir o acesso a bens culturais de modo geral, e aos livros, a certos livros, de modo específico, a toda e qualquer pessoa, como condição de sua cidadania, como sendo um seu direito. (Curcino, 2019, p. 657)

Atividade 3: Roda de Leitura Leio, logo sou

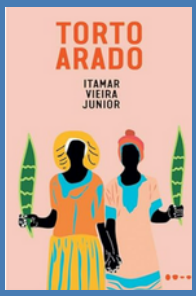
> *Contar uma história significa levar as mentes no voo da imaginação e trazê–las de volta ao mundo da reflexão. (Paulina Chiziane)*

Atividade 3
O que vamos ler? Textos literários
Onde? Sala de aula
Como? Leitura–fruição e leitura colaborativa
Quanto tempo leva? 4 aulas

A roda de leitura ***Leio, Logo Sou*** conecta a multiplicidade e a complexidade de trajetórias leitoras. A inclusão de participantes de diferentes idades e pessoas com deficiência enriquece o diálogo, promovendo trocas de saberes e modos diversos de ler. Ao promover a **redescoberta da leitura em comunidade**, os participantes podem compartilhar experiências como "um livro inesquecível", "versos para a vida" ou "histórias da infância", em um espaço inclusivo de conexão, transformação, autocuidado e respeito à diversidade.

Professor(a), sugerimos iniciar a **roda de leitura** com a apresentação da obra fonte que será trabalhada nas três oficinas da sequência didática. O livro escolhido é **Torto Arado**, de Itamar Vieira Júnior, que possibilitará um trabalho rico e profundo no percurso da SD, subsidiando discussões e atividades que exploram temáticas como **identidade, desigualdade social e resistência**, através de uma narrativa poética e envolvente.

Apresentação de *Torto Arado* (obra fonte)



CLIQUE SOBRE A CAPA OU DIGITALIZE O QR CODE PARA ACESSAR O PDF DO LIVRO TORTO ARADO

Etapa 1

Para apresentação e contextualização da obra fonte, propomos:

a) **Apresentar um exemplar do livro *Torto Arado***, de Itamar Vieira Júnior, vencedor do prêmio literário Jabuti, através de um breve resumo, destacando temas como a vida no sertão, relações de poder, resistência e luta pela terra, que refletem a realidade de comunidades rurais brasileiras. Proponha uma breve reflexão sobre os títulos do livro e capítulos, levantando hipóteses sobre seus significados e possíveis conexões com a narrativa.

b) **Contar trechos previamente selecionados do livro**, destacando passagens que evidenciem o contexto social, a linguagem rica e os conflitos dos personagens. Sugestão: início do capítulo *Fio de Corte* (p. 13-16), que introduz as irmãs Bibiana e Belonísia e o acidente que marca suas vidas.

c) **Levantar questões instigantes** que relacionem a leitura crítica da obra à compreensão de aspectos sociais e históricos do Brasil e à reflexão sobre questões humanas universais. Exemplos:

- O que o título Torto Arado sugere sobre a narrativa?
- Como a capa do livro (cores, elementos visuais) se relaciona com os temas da obra?

A relação entre a fotografia e a ilustração da capa (imagens abaixo) pode ser explorada nesse encontro inicial com a obra. Para saber mais, consultar ***As histórias curiosas por trás das capas de livros como Torto Arado.***



Inspiração para a capa de Torto Arado (Da série **Nouvelle semence** (2010), Giovanni Marrozzini)



Ilustração da capa de Torto Arado (Todavia)

Etapa 2

Leitura Coletiva e Discussão Inicial

a) Realizar a leitura coletiva de trecho(s) selecionados, os quais deverão ser previamente distribuído(s) aos estudantes.

Etapa 3

b) Apresentar questões para debate:

- Quais temas ou conflitos pareceram mais importantes no(s) trecho(s) lido(s)?
- Que emoções e/ou reflexões sua leitura desperta?
- Como os personagens e o contexto se conectam com a realidade atual?

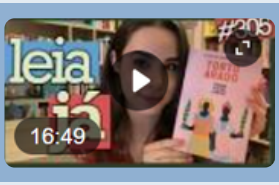
Etapa 4

Incentivo à leitura do livro Torto Arado

a) Sugestões de reportagem e videorresenhas







b) Solicitar aos estudantes que prossigam a apreciação da obra realizando a leitura autônoma do livro, durante o **tempo de estudo extraclasse**, informando que este romance servirá de fonte **para outras atividades** a serem desenvolvidas ao longo do **ano letivo** durante aplicação da SD.

A roda de leitura pode ser organizada no formato da proposta metodológica:

Tertúlia Literária

A **tertúlia literária** é um encontro onde participantes discutem e compartilham impressões sobre **textos literários**. Cada pessoa apresenta um trecho ou obra lida, seguido de um **diálogo coletivo** sobre as experiências de leitura. A prática valoriza a construção colaborativa de sentidos, promovendo um ambiente crítico, reflexivo e inclusivo, que **conecta os leitores à literatura** de forma democrática.

Para saber mais sobre a Tertúlia Literária:

Valorizar outras trajetórias leitoras, com a participação de contadores de histórias e convidados especiais, enriquece profundamente a experiência da roda de leitura, trazendo novas perspectivas sobre obras e a importância dessa prática em suas vidas. Convidados de origens diversificadas incentivam a exploração da leitura além do texto escrito, enquanto contadores de histórias a revitalizam como experiência viva, conectando os participantes a diferentes culturas. Esses encontros ampliam o repertório dos(as) estudantes e inspiram a valorização da leitura como prática transformadora. A criação de um clube de leitura na escola pode favorecer esses diálogos e experiências.

PALAVRAS EM LIBERDADE

Tertúlia Literária



CLIQUE SOBRE A CAPA OU DIGITALIZE O QR CODE PARA ACESSAR O PDF DO LIVRO TORTO ARADO

Orientações para a roda de leitura

Etapa 1

Planejamento e organização Para realizar o evento, é essencial definir a data, o local e convidar professores, alunado, pessoas da comunidade, colaboradores da escola, contadores de histórias, etc.

Etapa 2

Divulgação: O convite e a divulgação do evento pode ser feita através de banners, cards, vídeos, que podem ser produzidos pelos(as) estudantes e compartilhados nas redes sociais, engajando a comunidade escolar e promovendo discussões prévias sobre o tema.

Etapa 3

Ambientação: A roda de leitura pode ser realizada no ambiente da sala de aula ou em outro espaço coletivo da escola. Se possível, é pertinente escolher um espaço tranquilo, com uma iluminação confortável, incluir elementos que favoreçam o aconchego, como tapetes, plantas ou até um fundo musical suave. Esses cuidados ajudam a criar uma atmosfera de atenção e respeito, essencial para que cada participante sinta–se seguro para compartilhar suas reflexões e percepções.

Etapa 4

Mediação: Durante a roda de leitura, o mediador introduz o tema e os objetivos, apresenta os convidados e estimula o diálogo, promovendo reflexão e respeito às diferentes interpretações. A interação com os convidados enriquece a discussão, e os participantes são orientados a ouvir atentamente e respeitar as diversas vivências e interpretações.

Etapa 5

Encerramento: Ao encerrar, o mediador sintetiza as experiências leitoras compartilhadas, agradece a participação de todos e sugere a continuidade das práticas de leitura, destacando sua importância para o autoconhecimento e a empatia. A atuação do mediador é imprescindível para garantir um debate respeitoso e inclusivo, facilitando o diálogo e valorizando todas as perspectivas.



Estação 4: Diário de bordo

Registros e apontamentos do leitor-navegador

A **autorreflexão** é uma ferramenta para trilhar novos caminhos com maturidade e confiança, além de ser fundamental para planejar desafios e tomar decisões. Sugerimos que os(as) estudantes(as) usem um caderno como diário do bordo para registro de reflexões sobre leituras e experiências, **problematizando como se constituem leitores, suas percepções sobre si, o outro e o mundo.**

Questões norteadoras:

1. Como nos tornamos os leitores que somos?
2. Quais as diferenças entre a leitura praticada em épocas anteriores às tecnologias digitais e a leitura na atualidade?
3. Quais as vantagens e desvantagens da leitura em cada época?
4. Como equilibrar desafios e oportunidades da leitura na vida digital?
5. Quais modos de ler, escrever e contar foram preservados no contexto digital? Que outros não permaneceram?
6. Quais tipos de livros estamos lendo e por que os escolhemos?
7. Temos praticado a leitura utilitária (voltada para objetivos práticos) ou como uma atividade crítica?
8. De que maneiras o posicionamento assumido diante das temáticas sociais relaciona-se à leitura?
9. Como conciliar a leitura utilitária com a leitura por prazer (realizada por interesse pessoal e entretenimento)?

Estação 5
Derivas: Mapeando novos horizontes

Atividade complementar:

PALAVRAS EM LIBERDADE

Clique ou digitalize

Olhai os memes da rede


PALAVRAS EM LIBERDADE Milva Magalhães Janaina Santos 01

Atividade 1: Olhai os memes da rede

Diálogos entre literatura, música e imagem

Professor(a), a criação de memes a partir de uma obra literária, integrando-a a músicas, poemas ou imagens, torna o aprendizado mais dinâmico e amplia a compreensão dos temas e contextos abordados. Essa conexão entre literatura e a linguagem visual/digital, familiar aos estudantes, estimula a expressão crítica e criativa, além de oferecer novas perspectivas de interação com o texto.

Etapa 1

Apresentação do meme: Após selecionados pelo(a) professor(a), os memes serão apresentados para a turma, preferencialmente através de projeção, de forma a facilitar a visualização e a leitura. Os memes podem estar relacionados a temas literários ou a obras que estão sendo discutidas em classe. O conteúdo dos memes pode fazer referência a livros, situações de leitura, dilemas dos personagens ou até mesmo ao comportamento do leitor.

Sugestões de memes

Minha mãe passando comigo em uma livraria pra eu não querer comprar nada:

Quando os leitores vão ao cinema ver a adaptação de tal livro.

ANATOMIA DE UM LEITOR

EU SOU UM LEITOR NÃO PORQUE EU NÃO TENHO UMA VIDA MAS PORQUE EU ESCOLHI TER UMA

Para algumas pessoas, esses senhores são solitários. Para outras, esses senhores estão no meio do paraíso.

Fonte: https://br.pinterest.com/pin/371820511009370111/ Acesso em: 10 nov. 2024.

OFICINA 1 Ler é resistir

Para saber mais:

Sugestões de leituras para o público juvenil

- Selo altamente recomendáveis
- PNLD Literário 2018/ 2021 – Categoria Juvenil
- Obras Premiadas I e II
- Obras Literárias – Vestibular UNEB e UESB

Planos de aula sobre:

- Como produzir um diário de leitura
- Como produzir *podcast* na escola
- Como criar um clube de leitura da escola

Clique sobre as **Sugestões de leitura** para acessar os sites

FNLIJ ALTAMENTE recomendável 50 ANOS

LIBRIS Laboratório do Livro, Leitura, Literatura e Biblioteca

UFG Universidade Federal de Goiás

escrevendo o futuro

Livros Premiados

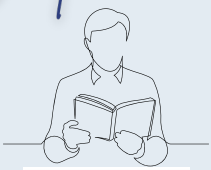
UNEB

UESB Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Guia Digital PNLD2018 - LITERÁRIO

eduCAPES

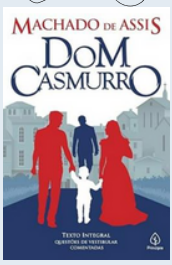
Indicações para ler, pensar e sentir!



CLÁSSICOS NACIONAIS

Mar Absoluto – Cecília Meireles
Dos Medos e Assombrações – Cora Coralina
Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais – Cora Coralina
A Legião Estrangeira – Clarice Lispector
Dom Casmurro – Machado de Assis
Memórias Póstumas de Brás Cubas – Machado de Assis
Triste Fim de Policarpo Quaresma – Lima Barreto
O Cortiço – Aluísio Azevedo
Os Sertões – Euclides da Cunha
Claro Enigma – Carlos Drummond de Andrade
Estrela da Manhã – Manuel Bandeira

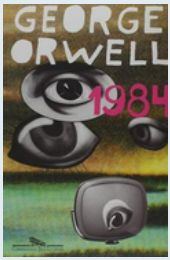




CLÁSSICOS UNIVERSAIS

O Sol é Para Todos – Harper Lee
1984 – George Orwell
Orgulho e Preconceito – Jane Austen
Em Busca do Tempo Perdido – Marcel Proust
A Revolução dos Bichos – George Orwell
O Processo – Franz Kafka
O Estrangeiro – Albert Camus

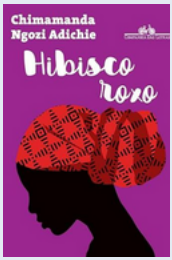




LITERATURA CONTEMPORÂNEA

A Moça Tecelã – Marina Colasanti
O Nome da Manhã – Marina Colasanti
Hibisco Roxo – Chimamanda Ngozi Adichie
Americanah – Chimamanda Ngozi Adichie
Olhos D'água – Conceição Evaristo
Becos de Memória – Conceição Evaristo
Eu sou Malala – Malala Yousafzai e Christina Lamb
Estórias Abensonhadas – Mia Couto
Vozes Anoitecidas – Mia Couto
O Mundo que habita em nós – Liliane Prata





SUCESSOS DO *BOOKTOK*

É Assim que Acaba – Colleen Hoover
É Assim que Começa – Colleen Hoover
Vermelho, Branco e Sangue Azul – Casey Mcquiston
Uma Coisa Absolutamente Fantástica – Hank Green
Depois daquele Verão – Carley Fortune
Imperfeitos – Cristina Lauren
Divinos e Rivais – Rebecca Ross

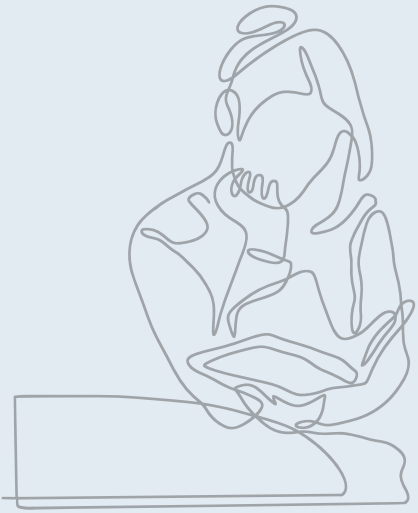




Aquecendo os motores para a próxima oficina

Querido(a) professor(a), sugerimos que ao selecionar textos para os/as estudantes, considere o acervo da biblioteca, as condições de acesso ao livro e o repertório cultural da turma. Escolha obras clássicas e contemporâneas que dialoguem com os interesses juvenis, respeitando a diversidade de vivências. Os clássicos expandem horizontes literários, conectando os(as) estudantes à tradição cultural, sem ignorar seu contexto atual.

Com base no diagnóstico realizado e disponibilidade de repertórios, organize uma seleção de textos literários e convide-os à leitura extraclasse para as atividades das próximas oficinas da sequência didática.



PALAVRAS
EM LIBERDADE

LEITURA COMO EQUIPAGEM
DO LEITOR-NAVEGADOR



OFICINA 2

Ler é RESSIGNIFICAR

subvertendo o código da videorresenha

- *Leitura discursiva de texto literário*
- *Videorresenha*
- *Gêneros digitais*





Milva Magalhães
Janaina Santos

Clique aqui para retornar ao sumário principal.

2 SUMÁRIO

Mapa Síntese da Oficina | 42

Estação 01: Ponto de Embarque | 45

Janela Teórica | 46
Uma pausa para ler junto | 46

Sumário clicável!

Estação 02: Todos a Bordo | 47

Atividade 1: Introdução ao gênero resenha crítica | 47
Atividade 2: Um olhar discursivo sobre Torto Arado | 49

Estação 3: Navegar é preciso | 51

Atividade 3: Videorresenhas nas comunidades digitais de leitura | 51

Atividade 4: Por dentro das videorresenhas literárias | 52

Roteiro para leitura discursiva de textos audiovisuais | 56

Estação 4: Diário de bordo | 57

Estação 5: Derivas - Mapeando novos horizontes | 58

Indicações para ler, pensar e sentir! | 59

MAPA

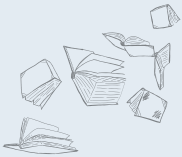




Todos os QR codes são clicáveis!

2 OFICINA
Ler é RESSIGNIFICAR

OFICINA 2: LER É RESSIGNIFICAR



Eu celebro o ensino que permite transgressões – um movimento contra e além dos limites. É esse movimento que faz da educação a prática da liberdade. (bell hooks)

Oficina 2: Ler é ressignificar
Subvertendo o código das videorresenhas
Tema Integrador: Cultura Digital e Educação para a Diversidade
Objetos do conhecimento: Estratégias de leitura, produção de sentidos, exploração da multissemiose, contexto de produção, circulação e recepção de textos, relação entre os gêneros em circulação, mídias e práticas da cultura digital.
Abordagem discursiva: Relações de saber e poder e produção de sentidos
Transdisciplinaridade: Itinerários da área de Linguagens
Campos de atuação: Campo da vida social e Campo jornalístico midiático
Recursos e materiais necessários: Dispositivo com conexão à internet, livros e textos literários, computador, notebook, smartphones, projetor multimídia, trechos dos textos selecionados, impressos ou digitais,materiais para registros e anotações.
Cronograma/ duração: uma unidade letiva
Competências específicas de linguagens para o ensino médio contempladas
Competência 6. Apreciar esteticamente as mais diversas produções artísticas e culturais, considerando suas características locais, regionais e globais, e mobilizar seus conhecimentos sobre as linguagens artísticas para dar significado e (re)construir produções autorais individuais e coletivas, exercendo protagonismo de maneira crítica e criativa, com respeito à diversidade de saberes, identidades e culturas. **Competência 7.** Mobilizar práticas de linguagem no universo digital, considerando as dimensões técnicas, críticas, criativas, éticas e estéticas, para expandir as formas de produzir sentidos, de engajar–se em práticas autorais e coletivas, e de aprender a aprender nos campos da ciência, cultura, trabalho, informação e vida pessoal e coletiva.

Habilidades de linguagens para o ensino médio contempladas
(EM13LP12) Analisar efeitos de sentido decorrentes de escolhas e formatação das imagens (enquadramento, ângulo/vetor, cor, brilho, contraste) e de sua sequenciação (disposição e transição, movimentos de câmera, remix), das performances (movimentos do corpo, gestos, ocupação do espaço cênico), dos elementos sonoros (entonação, trilha sonora, sampleamento etc.) e das relações desses elementos com o verbal, levando em conta esses efeitos nas produções de imagens e vídeos, para ampliar as possibilidades de construção de sentidos e de apreciação. **(EM13LP14)** Produzir e analisar textos orais, considerando sua adequação aos contextos de produção, à forma composicional e ao estilo do gênero em questão, à clareza, à progressão temática e à variedade linguística empregada, como também aos elementos relacionados à fala (modulação de voz, entonação, ritmo, altura e intensidade, respiração etc.) e à cinestesia (postura corporal, movimentos e gestualidade significativa, expressão facial, contato de olho com plateia etc.). **(EM13LGG702)** Avaliar o impacto das tecnologias digitais da informação e comunicação (TDIC) na formação do sujeito e em suas práticas sociais, para fazer uso crítico dessa mídia em práticas de seleção, compreensão e produção de discursos em ambiente digital. **(EM13LGG103)** Analisar, de maneira cada vez mais aprofundada, o funcionamento das linguagens, para interpretar e produzir criticamente discursos em textos de diversas semioses. **(EM13LGG202)** Analisar interesses, relações de poder e perspectivas de mundo nos discursos das diversas práticas de linguagem (artísticas, corporais e verbais), para compreender o modo como circulam, constituem-se e (re)produzem significação e ideologias.
Objetivos Gerais
• Realizar atividades de leitura que privilegiem a triagem, o mapeamento e a análise discursiva de conteúdos lidos em diversas linguagens e mídias, a fim de atenuar o ritmo ditado pelas redes sociais e qualificar a leitura literária como uma prática temperante dos efeitos da cultura digital e da leitura como ferramenta de auto-socio-análise. • Integrar o gênero videorresenha ao letramento literário, ampliando os horizontes discursivos dos estudantes. • Promover a análise discursiva e crítica de produções audiovisuais e literárias, explorando suas linguagens, intencionalidades e estratégias como forma de estimular leituras críticas e novas possibilidades interpretativas.

	Estação	Objetivos	Atividades
OFICINA 2	**Estação 1** **Ponto de embarque**	– Apresentar para os(as) estudantes as etapas da oficina 2. – Promover um momento de leitura coletiva.	– Conversa dialógica para apresentação das atividades propostas na oficina. – Leitura compartilhada: Uma pausa para ler junto
	Estação 2 **Todos a bordo**	– Explorar o gênero resenha crítica e videorresenha, identificando seus elementos estruturais, linguagens e potenciais de expressão para, a partir disso, propor leituras e outras possibilidades de abordagem textual. – Estimular a análise discursiva de obras literárias, incentivando a reflexão sobre as relações de poder e as questões socioculturais representadas.	– Atividade 1: Leitura e análise de resenha crítica sobre o livro Torto Arado de Itamar Vieira Júnior. – Estudo comparativo entre o gênero textual resenha crítica e videorresenha. – Atividade 2: Um estudo discursivo sobre a obra Torto Arado .
	Estação 3 **Navegar é preciso**	– Aprimorar a percepção crítica em relação ao papel das imagens nas videorresenhas, avaliando as possíveis estratégias de resistência presentes nesses textos para possibilitar outros modos de interpretação. – Ampliar a capacidade dos(as) estudantes de analisar criticamente produções audiovisuais e literárias, com foco nos discursos, intencionalidades e estratégias de linguagem empregadas nos vídeos, relacionando–as com outros gêneros e discursos midiáticos. – Integrar as práticas de leitura escolar e não escolar, conectando–as ao repertório cultural juvenil, para potencializar a leitura literária nos tempos digitais.	–Atividade 3: Videorresenhas nas comunidades digitais de leitura: análise dos recursos multimodais – Atividade 4: Por dentro das videorresenhas literárias: Leitura de imagens em movimento segundo a perspectiva discursiva da linguagem.
	Estação 4 **Diário de bordo**	– Estimular a capacidade de expressar e analisar as interpretações individuais e coletivas, fortalecendo a empatia e a compreensão mútua em relação ao mundo digital e às diferentes perspectivas de leitura.	– Escrita de si: registro das experiências durante o percurso trilhado na realização desta etapa da sequência didática.
	Estação 5 **Derivas: mapeando novos horizontes**	– Ampliar o repertório de atividades direcionadas à pratica da leitura no contexto digital.	– Sugestão de atividades pedagógicas que exploram diferentes gêneros multimodais.

Fonte: Autoria própria, 2024.

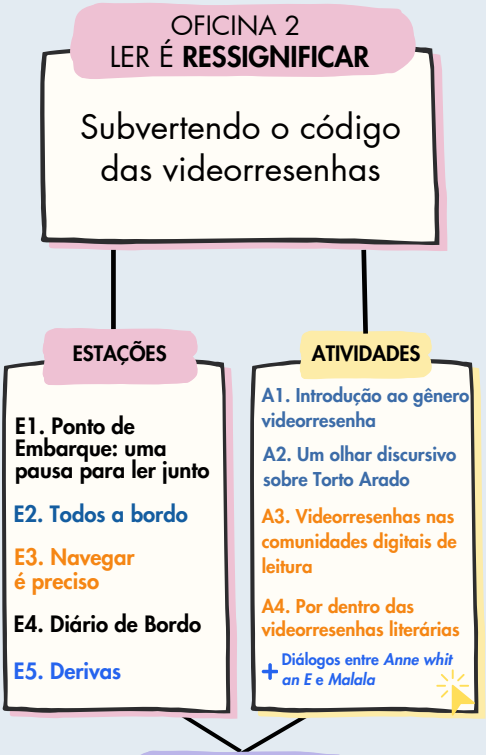
Estação 1: Ponto de Embarque

Olá, professor(a),

Nesta oficina, serão realizadas atividades de leitura focadas na **análise discursiva de textos multimodais e literários**, com o objetivo de desacelerar o ritmo imposto pela cultura digital e valorizar a leitura literária como prática reflexiva. Serão abordados temas como identidade, opressão e resistência, incentivando os(as) estudantes a refletir sobre suas subjetividades e posições no mundo, além de explorar questões de alteridade por meio de uma perspectiva discursiva.

A partir do **gênero resenha crítica**, os participantes analisarão o papel da linguagem audiovisual (imagética) na produção de sentidos em **videorresenhas**, explorando o diálogo entre elementos verbais e não verbais para aprofundar a compreensão crítica dos textos e mídias. A oficina visa uma leitura comprometida com a análise dos discursos em circulação, com a complexidade e multiplicidade das trajetórias leitoras e com o potencial emancipatório dessa prática.

As atividades podem ser ajustadas às necessidades docentes e ao contexto da turma, com base nas observações feitas na oficina anterior. Essa flexibilidade permite adaptar o nível de aprofundamento e garantir que as ações pedagógicas atendam às necessidades específicas dos(as) estudantes.



Fonte: Autoria própria, 2024.

Janela Teórica

Para realizar uma leitura em profundidade de objetos midiáticos na sala de aula, é crucial buscar sua compreensão como uma produção discursiva situada historicamente, na medida em que palavras e imagens são construções; conceber a linguagem como um lugar de análise e experimentação de sujeitos. (Santos e Cortes, p. 18, 2022).

[...] já não basta mais a leitura do texto verbal escrito – é preciso colocá-lo em relação com um conjunto de signos de outras modalidades de linguagem (imagem estática em movimento, som, fala) que o cercam, ou intercalam ou impregnam. (Rojo, 2010, p. 7).

[...] os sentidos nunca se dão em definitivo; existem sempre aberturas por onde é possível o movimento da contradição, do desdobramento e da polêmica. (Gregolin, 2000, p. 61).

Uma pausa para ler junto

A **arte de contar e ler histórias**, muitas vezes silenciada pelo barulho digital, ultrapassa as fronteiras da revolução tecnológica e mantem–se como uma prática imprescindível para aproximar os sujeitos de sua **essência humana**. Essa estratégia favorece o **despertar dos sentimentos, das emoções e reflexões**, promovendo a autoanálise e o pensamento crítico. Além disso, ao mergulhar no mundo narrativo, os jovens desenvolvem habilidades discursivas, ao mesmo tempo que se aproximam do universo letrado a partir de **experiências simples e cotidianas.**

Incluir momentos de leitura e contação de histórias para os(as) estudantes do ensino médio é, portanto, **um caminho para a compreensão de si e do mundo à sua volta**, uma ferramenta que favorece a **imaginação e a criatividade**. Assim, praticar a **leitura coletiva no cotidiano** da sala de aula é um exercício para a formação de leitores em todas as etapas da educação básica.

Ler é preciso, pensar também.
Conecte–se com os estudantes pela arte da palavra!



Estação 2: Todos a bordo



Professor(a),

Nesta atividade, você é convidado(a) a refletir juntamente com a sua turma sobre as características e o caráter discursivo do gênero textual: **resenha crítica**. Examinaremos sua organização, destacando sua função social e estrutura composicional. Para isso, a turma será convidada a ler diferentes resenhas e identificar, reconhecer e refletir sobre os diversos elementos que compõem essa sequência textual.

Atividade 1

O que vamos ler? Resenha crítica

Onde? Sala de aula

Como? Leitura reflexiva

Quanto tempo leva? 2 aulas

Atividade 1: Introdução ao gênero resenha crítica

Sugestões para a realização desta atividade:

Etapa 1

Selecione um trecho representativo da obra **Torto Arado** que possibilite uma reflexão sobre a vida das personagens, as relações de trabalho ou as dinâmicas familiares e sociais. Um exemplo seria a descrição do cotidiano no sertão baiano ou um momento que revela as relações de poder e resistência presentes na narrativa.

Etapa 2

Comece a aula lendo o trecho em voz alta, de forma expressiva e "apaixonada", buscando transmitir as emoções e tensões presentes na cena. Esse momento é fundamental para que os(as) estudantes respirem a atmosfera do texto, a que nos remete Foucault em sua visão sobre leitura, e conectem–se às personagens. Após a leitura, pergunte aos(às) estudantes o que mais chamou a atenção deles nesse trecho. Convide–os a comentar sobre as emoções que sentiram e as imagens construídas a partir da leitura. Incentive–os a ir além do texto. Essa breve reflexão ajuda a abrir o espaço para a análise e contextualização do livro.

Etapa 3

Proponha **a leitura individual do texto** sugerido ao lado **(resenha crítica sobre o livro Torto Arado)** para os estudantes sem mencionar que se trata de uma **resenha crítica**. Posteriormente, sugira que elaborem um conceito, a partir das **suas análises e percepções**, sobre a modalidade textual lida, oriente–os a justificar a resposta a partir dos **elementos linguísticos e estruturais** da sequência textual. Após essa atividade escrita, o compartilhamento oral das respostas, mediada pela intervenção do docente, possibilitará a introdução a esse gênero textual, subsidiando **um diagnóstico sobre o nível de familiaridade** dos(as) estudantes com o texto resenha crítica, que, geralmente, é explorado nos anos finais do ensino fundamental.



Etapa 4

Solicite aos(às) estudantes que se manifestem oralmente sobre a função e contexto de produção do gênero resenha crítica, a partir das seguintes questões: Qual é a função social desse texto? Quais elementos compõem a estrutura? Qual é o tom utilizado na resenha? Ele é formal, informal ou coloquial? Quais tipos de argumentos são usados para apoiar as opiniões do autor? Em que veículo (jornal, revista, site, rede social) foi publicada a resenha? Como isso influencia seu conteúdo e abordagem? A linguagem apresenta objetividade ou tende a ser subjetiva? Como isso afeta a credibilidade do texto? Como a opinião do resenhista é justificada? Faz uso de modalizadores discursivos? Para finalizar essa etapa, sintetize na lousa as características estruturais da resenha: introdução (apresentação da obra), desenvolvimento (avaliação e argumentação crítica) e conclusão (posicionamento final).



Considerando que ao final da sequência didática os(as) estudantes produzirão uma videorresenha literária, a partir do diagnóstico sobre os conhecimentos da classe, **é importante a sistematização da estrutura, contexto de circulação e linguagem do gênero resenha crítica**. Para isso, o professor pode utilizar uma **apresentação em PowerPoint com uma abordagem aprofundada** sobre essa modalidade textual ou sugerir como atividade extraclasse a apreciação do **material referido na estação Derivas: ampliando os horizontes.**

Atividade 2: Um olhar discursivo sobre Torto Arado

Sugestões para a realização desta atividade:

Atividade 2

O que vamos ler? Texto literário

Onde? Sala de aula e casa

Como? Leitura autônoma, colaborativa e discursiva

Quanto tempo leva? 4 aulas + tempo extraclasse

Etapa 1

Explique aos(às) estudantes que esta atividade consiste em explorar os temas e personagens de **Torto Arado** por meio de diferentes formas de expressão artística, valorizando o olhar único que cada estudante pode trazer à obra. Incentive–os a pensar na linguagem artística que melhor se adapta à sua própria compreensão e aos aspectos da história que mais os tocaram. As interpretações podem ser expressas em diferentes formatos como:

- **Poema ou Cordel:** Os(as) estudantes podem criar poemas ou cordéis que narrem a história ou enfoquem aspectos importantes, como a cultura e a resistência das comunidades rurais.
- Teatro ou Dramatização: Grupos de estudantes podem interpretar cenas impactantes da obra ou recriar diálogos, trazendo à tona as relações entre os personagens e as tensões sociais e familiares.
- **Artes Visuais (Desenho, Pintura, Colagem):** Incentive a produção de ilustrações, colagens ou pinturas que representem personagens, cenários e momentos importantes do livro.
- Música e Canto: Proponha a criação de músicas ou interpretações de canções que evoquem a ambientação do sertão, os sentimentos dos personagens e os temas centrais do livro.
- **Textos audiovisuais:** Grupos podem produzir podcasts, fanzines, fanfics, videorresenhas, bookstrailler ou curtas–metragens em que expressem suas interpretações, trazendo suas vozes e perspectivas em relação ao texto.
- **Dança ou Expressão Corporal:** Para explorar os temas de forma mais abstrata, grupos podem criar coreografias inspiradas pela luta e pela resistência retratadas no livro, expressando–se através do movimento.





Etapa 2

Planejamento e Orientações:

– Divida a turma em grupos, de acordo com as linguagens artísticas escolhidas.

– Reserve um tempo para que os grupos planejem suas apresentações, incentivando–os a pesquisar e a discutir as características do gênero artístico escolhido e sua relação com os temas do livro.

– Ofereça orientação sobre o tempo de apresentação e possíveis materiais que os grupos poderão utilizar.



Etapa 3

Apresentação:

– Organize um dia para as apresentações, criando um ambiente receptivo onde todos(as) possam compartilhar suas criações e interpretações de Torto Arado.

– Após as apresentações, promova uma discussão, incentivando os(as) estudantes a compartilhar o que tentaram expressar e como conectaram suas produções artísticas aos temas da obra.



Etapa 4

Reflexão:

A perspectiva crítica sobre as questões sócio-históricas em Torto Arado, de Itamar Vieira Júnior, permite problematizar as relações entre saber e poder e seu impacto na formação dos sujeitos e em suas posições sociais. Sugerimos concluir a apreciação da obra com uma discussão oral guiada por uma leitura discursiva, orientada pelos seguintes questionamentos:

Saber Tradicional X Saber Institucionalizado:
Como o conflito entre o conhecimento ancestral das comunidades rurais e o saber institucionalizado afeta a vida dos personagens e é desvalorizado pelos grupos de poder no romance?

Poder e Exploração:
Como os grandes proprietários de terra mantêm ciclos de exploração e opressão sobre os trabalhadores rurais, e qual o impacto da falta de acesso à educação formal nessas desigualdades?

Gênero e Saber:
De que forma as mulheres, como Bibiana e Belonísia, desafiam as estruturas patriarcais e se empoderam através do saber ancestral, enquanto enfrentam violência de gênero e exploração do trabalho feminino?

A Terra como Espaço de Conflito:
Por que a terra é um símbolo de identidade e resistência para os trabalhadores rurais, e como o conflito pela sua posse revela a disputa entre saberes tradicionais e técnicos?

Reflexão Crítica:
Que paralelos podem ser traçados entre a desigualdade social no livro e a realidade brasileira atual, e como a memória e a cultura são usadas como ferramentas de resistência contra a opressão na narrativa?

Etapa 5

Torto Arado como espelho

Convide os jovens a refletir sobre os temas do livro e a pensar em como suas próprias atitudes e escolhas podem contribuir para a construção de um mundo mais justo e igualitário.

Percepções para o Diário de Bordo:

1. Como as questões de identidade, desigualdade e resistência em Torto Arado dialogam com sua realidade?
2. De que modo você pode se posicionar, no cotidiano, frente a desafios como preconceito, luta por justiça e busca por voz ativa na sociedade?
3. Como você reage às pressões sociais e culturais que moldam seu comportamento, e como pode questioná-las para buscar seu próprio caminho?
4. A leitura do livro pode inspirar reflexões sobre tensões familiares e a busca por transformação e superação?
5. De que forma você pode refletir sobre sua postura diante da injustiça e contribuir para um ambiente mais justo na escola, comunidade ou sociedade?
6. Quais formas de opressão você identifica em seu contexto atual, e como pode se tornar mais consciente para desafiar essas realidades?
7. Como Torto Arado nos convida a repensar nosso papel na luta por justiça social?
8. Quais ações, individuais ou coletivas, podemos tomar para combater as desigualdades retratadas na obra?

Lembrete

As atividades 1 e 2 podem ser **adaptadas para outras obras** que tratem de temas relevantes para a sociedade. Essa **flexibilidade** permitirá alinhar a proposta às necessidades de cada turma, enriquecendo o trabalho com a **diversidade literária** e promovendo uma **análise crítica adaptada à realidade** e interesses dos estudantes. Ao adaptar, é importante destacar os aspectos fundamentais de cada texto e suas relações com dinâmicas de poder, identidade e realidade social dos personagens. Na atividade seguinte, por exemplo, para introduzir o gênero videorresenha, utilizamos como texto base o romance **É Assim que Acaba**, de Colleen Hoover.

Estação 3: Navegar é preciso

Atividade 3: Videorresenhas nas comunidades digitais de leitura

Atividade 3

O que vamos ler? Resenha Crítica e Videorresenhas

Onde? Sala de aula e casa

Como? Leitura reflexiva

Quanto tempo leva? 2 aulas

Sugestões para a realização desta atividade:

Etapa 1

Apresentação do Livro: Se disponível, comece a aula apresentando o livro físico ***É Assim que Acaba***, de Colleen Hoover. Informe aos estudantes que se trata do livro mais vendido do mundo e no Brasil em 2022 e 2023.



Introdução ao Gênero: Para introduzir o tema da aula, apresente duas modalidades do gênero videorresenha: uma videorresenha e uma resenha escrita do mesmo livro.

Seleção de Exemplos: Escolha uma resenha escrita publicada em um blog ou site literário e uma videorresenha de plataformas como *BookTok* ou *BookTube*. Isso permitirá que os(as) estudantes comparem as diferentes abordagens e estilos de apresentação.

Discussão: Após assistir e ler os exemplos, promova uma discussão sobre as características de cada formato, incentivando os(as) estudantes a refletirem sobre o impacto de cada um na recepção do texto.

Recomendamos contextualizar o livro resenhado. Pergunte aos estudantes se conhecem **É Assim que Acaba**, e em seguida faça uma breve sinopse, destacando os temas principais. Explique que a obra é popular entre jovens e aborda questões sociais relevantes, promovendo um olhar crítico e sensível.

clique sobre as opções

Booktok
Vídeo 1
Vídeo 2
Vídeo 3

Booktube
Vídeo 1
Vídeo 2

Resenha crítica escrita
Resenha 1
Resenha 2

Etapa 2

Pergunte aos(às) estudantes: O que notaram de diferente entre a resenha escrita e a videorresenha? Quais estratégias foram usadas no vídeo para despertar a atenção do espectador (como expressão facial, entonação de voz, o corpo, a edição, etc.)? Como o influenciador literário usa imagens, músicas ou cortes para enfatizar aspectos da obra? Promova uma reflexão sobre como essa modalidade de vídeo é uma estratégia largamente utilizada para explorar e debater esses temas de maneira autêntica e apaixonada.

Etapa 3

Sintetize na lousa traços que definem as características principais da videorresenha:

Linguagem acessível e expressiva, com foco na oralidade.

Uso de recursos audiovisuais (imagens, edição de vídeo, música de fundo, performance corporal, etc.) para enriquecer a apresentação.



Enfoque direto nas opiniões e impressões pessoais do resenhista, convidando o público à reflexão.

Atividade 4: Por dentro das videorresenhas literárias

Sugestões para a realização desta atividade:

Atividade 4

O que vamos ler? Videorresenhas

Onde? Sala de aula e casa

Como? Leitura discursiva

Quanto tempo leva? 4 aulas + tempo extraclasse

Etapa 1

Professor(a), para esta atividade, indicamos uma coletânea de videorresenhas de plataformas como *BookTok* e *BookTube*, que avaliam obras literárias de diversos gêneros, incluindo obras clássicas e *best sellers* contemporâneos da literatura (YA). Sugerimos que o(a) professor(a) selecione alguns vídeos, considerando o perfil da turma e o conteúdo de cada produção, antes de seguir com a atividade.

Após a exibição das videorresenhas, promova uma discussão coletiva sobre as impressões e interpretações dos vídeos, destacando a linguagem utilizada e a eficácia das análises em despertar o interesse pela leitura.

É importante observar os recursos audiovisuais, como o ambiente, trilhas sonoras, efeitos visuais e a linguagem corporal tornam o conteúdo mais atraente e persuasivo, ajudando a direcionar a percepção do público. Além disso, considere as posições assumidas pelos influenciadores, que se apresentam como leitores profissionais, exercendo um papel de autoridade e mediação. Reflita também sobre os contextos sociais, culturais e econômicos que legitimaram esses sujeitos como críticos literários e as redes sociais como espaços de recomendação literária e construção de comunidades de leitores.

Lembrete: outros modelos de videorresenhas podem ser acessados no *TikTok/BookTok* e no *Youtube/Booktube*, como:



clique sobre as opções

PALAVRAS EM LIBERDADE

Vídeo 1	Vídeo 6
Vídeo 2	Vídeo 7
Vídeo 3	Vídeo 8
Vídeo 4	Vídeo 9
Vídeo 5	Vídeo 10

Sugestões de videorresenhas *TikTok* e *Youtube*

Etapa 2

Sugerimos que os (as) estudantes escolham uma videorresenha em formato *Booktube* ou *BookTok*, de acordo com seus gostos e interesses, e analisem o conteúdo sob uma perspectiva discursiva, observando como a linguagem e os recursos audiovisuais relacionam–se com as intenções e as posições do influenciador ao apresentar a obra. Para isso, podem seguir o roteiro proposto abaixo.

Sugestão de roteiro para a leitura discursiva de videorresenhas literárias

1 – Percorrendo o contexto

Observação e Descrição: Qual é a intenção do influenciador: informar, persuadir ou entreter? Identifique como essa intenção se manifesta na escolha de palavras e no tom geral. Como o vídeo começa? Quais elementos visuais se destacam, como figurino, cenário, iluminação e sonoridade? Qual é o tom da voz? O resenhista demonstra confiança, informalidade ou descontração? Quais aspectos da obra são enfatizados (personagens, trama, estilo)?

Posicionamento do Resenhista: Como o resenhista se posiciona em relação ao livro? A análise inicial reflete uma opinião firme ou flexível? Quais recursos linguísticos e audiovisuais indicam uma predisposição positiva ou negativa? O resenhista destaca a obra por sua popularidade, por ser desconhecida ou por trazer algo inovador?

Circunstâncias e Contexto: Qual é o contexto sociocultural da produção e dos sujeitos envolvidos? Pesquise sobre as videorresenhas no BookTok e outras plataformas, considerando como o cenário digital influencia a prática de leitura entre jovens. Observe também o perfil do resenhista e o público-alvo, relacionando isso ao tom e à abordagem utilizados.

2 – Comparando diálogos e flagrando rupturas com outros discursos

Abordagem discursiva: Relações de Poder e Saber: Quem fala e quem ouve?

Regularidades: Mapeie elementos em comum nos vídeos? Identifique **marcas de linguagem verbal** presentes em ambos os vídeos. O formato sugere que essas regularidades resultam de escolhas intencionais? Qual é o efeito desses escolhas na situação comunicativa? Em relação aos **elementos não verbais** (movimentação corporal, entonação e ritmo da fala), são percebidas estratégias em comum? Descreva-as. Como esses elementos não verbais contribuem para os sentidos produzidos?
Estrutura do Vídeo: Identifique padrões de abertura, encerramento, duração e uso de elementos visuais e sonoros.
Tonalidade e Linguagem: Analise o tom (formal ou informal), o uso de gírias e o vocabulário.
Foco e Profundidade Crítica: Observe os aspectos mais abordados (personagens, enredo, temas) e a profundidade da análise.
Apelo ao Público: Verifique o nível de interação, referências ao cotidiano dos jovens e incentivos à participação.
Estilo do Resenhista: Note expressões faciais, uso de humor e o papel que assume (especialista, amigo ou influenciador).
Pontos de Vista e Valores: Identifique os temas e valores transmitidos, além das questões socioculturais abordadas.
Comparação de Estilos: Observe padrões de similaridade e variação entre resenhistas, estilo e popularidade dos vídeos.

3 – Investigando saberes

Abordagem discursiva: Formas de Visibilidade e Regulação

Exigências e Influências Digitais: Esses vídeos seguem as regras e interesses econômicos da plataforma digital? Ou eles subvertem a norma? Quais papéis e posições os influenciadores assumem para serem aceitos como críticos literários? Quais fatores, materiais e culturais permitem essa posição, esse status?
Identifique se há padrões de comportamento sugeridos ou uma "regulação" do gosto literário, reforçando o que seria aceitável ou desejável ler e comentar. Observe se o comportamento é uma manifestação individual, ou produto das normas expectativas e poderes? Como essas ações individuais estão entrelaçadas com as relações de poder?
Visibilidade e Regras
O que torna essas resenhas populares atualmente? Que expectativas regulam as opiniões sobre livros nas redes? Quem é incluído ou excluído das normas e regras de aceitação nesse espaço digital? Quais padrões ou preferências literárias esses vídeos sugerem como ideais ou valorizados?
Elementos Visuais e Narrativa imagética
Como o uso de planos de filmagem, cortes e animações contribuem para a narrativa sobre o livro?

Que dispositivos visuais, como iluminação, cenário e vestuário, moldam a imagem do influenciador e criam um vínculo de confiança com o público? Que performances ou emoções o influenciador utiliza para conectar–se com o público?

O Poder Sensitivo do Audiovisual

Como expressões faciais, sons e imagens contribuem para a construção de sentidos, despertando emoções e criando identificação no espectador? Como os elementos sonoros e visuais articulam–se para intensificar o compartilhamento dos sentimentos e sentidos, oferecendo um lugar de identificação?

4 – Reconstruindo e ressignificando
Abordagem discursiva: análise e interpretações
Sujeitos–Leitores e Relações de Saber Quais são as expectativas e os resultados esperados em relação ao livro? A partir de sua percepção, quais sentidos são suscitados no público jovem pelas condições de produção dos vídeos, pelo veículo de circulação e pelo *status* do influenciador? **Qual posição o resenhista ocupa e atribui ao sujeito–leitor?** Observe como o resenhista se posiciona e como direciona a fala ao público, definindo o que significa ser "leitor" dentro do discurso. **Há evidências de práticas de autocuidado ou da formação do sujeito–leitor?** Podem ser identificadas referências a um tipo de leitor que não tem acesso ao livro e à determinadas formas de leitura? Ou você considera que essas questões são invisibilizadas? Por quê? Leia e analise alguns comentários dos vídeos e responda: Eles aderem ao discurso do influenciador ou há questionamentos, recriação, recusa? Há posicionamento crítico em relação aos sentidos produzidos? **Ética do cuidado de si e sujeito–leitor** Essa rede tem atuado como um exercício democrático ou tem incitado modos de existência que reproduz interesses de determinadas classes sociais? **A relação com o outro e com o mundo** O discurso prevalente das comunidades de leitura instiga uma leitura reflexiva e crítica ou estimula a leitura veloz e superficial, voltada ao gosto do público? Qual o papel do algoritmo na forma como nos relacionamos com a leitura no cenário digital?

Fonte: Autoria própria, 2024.

Etapa 3

Após esse estudo individual, recomendamos organizar a classe **em pequenos grupos** para compartilhar observações e comparar as **interpretações em relação às videorresenhas analisadas**. Oriente–os a sistematizar e refletir sobre **as regularidades e descontinuidades** interpretadas em suas análises. Motive a turma a dialogar relacionando as diferentes percepções dos participantes do grupo, observando como **diferentes influenciadores literários** (*bookinfluencers*), recursos e abordagens constroem **a experiência de apresentação literária** e afetam as interpretações sobre a obra.

Um roteiro para leitura discursiva de textos audiovisuais

Textos audiovisuais integram elementos verbais, visuais e sonoros, como imagens, vídeos, músicas e palavras, para criar sentidos de forma envolvente e impactante. Presentes em mídias digitais, como vídeos online e propagandas, eles combinam linguagem verbal e não verbal com a finalidade de facilitar a compreensão e influenciar o público. Para uma análise mais profunda dessa linguagem imagética, propomos um roteiro baseado na abordagem discursiva, focando nas relações de poder, saber e implicações socioculturais, em vista de realizar uma reflexão crítica sobre seu impacto.

CONTEXTO ENUNCIATIVO:

- Quem fala no texto e qual sua posição social ou intelectual?
- Como se expressa? Qual o propósito e a finalidade do texto?
- Para quem se dirige e quais veículos utilizam?

CONTEXTO SOCIOHISTÓRICO:

- Quais referências culturais, sociais ou históricas estão presentes e como influenciam a compreensão do texto?
- Quais eventos permitiram que o tema emergisse na sociedade?
- Qual a função social do texto e a que necessidades ele atende?

DESCRIÇÃO
PERCEPÇÃO INICIAL
SUPERFÍCIE
LINGUÍSTICA

Arquivo/Texto:

- Qual é o tema, gênero textual e linguagem utilizados? Quais sentidos são produzidos?

Estrutura composicional:

- Quais elementos compõem o texto e como ele se organiza visual e verbalmente?
- Quais imagens, palavras ou símbolos se destacam?
- Como os elementos multimodais (imagens, sons, gestos, movimentos) estão organizados? São sincrônicos ou sobrepostos?
- O que mais chamou sua atenção nos recursos visuais?

Formações discursivas:

- Quais vozes sociais, históricas, religiosas, científicas ou artísticas constituem o texto?
- Que ideias o texto reforça ou naturaliza, e quais convenções ele segue?
- O que é omitido no texto e quais eventos anteriores influenciam seu conteúdo?
- Por que certos sujeitos são escolhidos e não outros? Por que este texto específico?
- Como esses vídeos/textos ganharam visibilidade atualmente?
- A posição do enunciador é individual ou reflete normas e poderes? Como essas ações individuais se entrelaçam com relações de poder?

DESCONSTRUÇÃO
PROBLEMATIZAÇÃO
OBJETO
DISCURSIVO

Questões sobre Processos de Produção de Sentidos: O Verbal e o Audiovisual:

- Quais camadas de sentido estão presentes nas imagens e palavras? Quais sentidos são evidenciados e quais são omitidos?
- Como esses sentidos refletem as relações de poder e saber vigentes?
- Na narrativa audiovisual, quais elementos não verbais (movimentação corporal, entonação, ritmo da fala) são utilizados?
  - a) Existem estratégias em comum com outros textos? Descreva-as. Qual o efeito da trilha sonora na comunicação?
  - b) Como os elementos não verbais (imagem, gestos, som) contribuem para os sentidos evidenciados?

Reconstrução:

- Que discurso é legitimado e reforçado pelo texto?
- Quais vozes estão silenciadas ou excluídas?
- Como o texto reorganiza as informações para influenciar nossa opinião?
- Como as imagens, palavras e símbolos se complementam ou se contradizem?
- Existe tensão entre esses elementos que gera novos sentidos?

RECONSTRUÇÃO
PROCESSO DISCURSIVO
RELAÇÃO

Relação:

- Como texto, imagem, cor e estilo se complementam ou se opõem?
- O que muda ao observar o texto de um ângulo diferente?
- O que acontece ao questionar as relações evidentes entre esses elementos?
- Como as imagens se organizam? Existem sobreposições e quais cores se destacam?
- Como as cores se relacionam com o projeto do texto como um todo?

Análise:

- Quais interpretações podem ser feitas a partir do dizível? Quais significados e emoções são evocados?
- Existe um ponto de vista alternativo que desafia as ideias apresentadas? Como esse ponto de vista poderia reestruturar o discurso dominante?
- Como o visual se conecta ao verbal? Há uma tentativa de suavizar, intensificar ou desviar o conteúdo através do que é visibilizado?
- Qual é o percurso de leitura indicado pelo produtor do vídeo e quais outros são possíveis?
- Há termos que evidenciam opinião ou juízo de valor? Como essa modalização crítica se relaciona com as questões sociohistóricas do tema?

INTERPRETAÇÃO
INFERÊNCIAS
ANÁLISE CRÍTICA
CONSTRUÇÃO/
SÍNTESE DO
ESTUDO DOS
SENTIDOS

Interpretação:
Como estou interpretando o vídeo/texto? Por que esse sentido e não outros? Quais são outras possíveis leituras? Que ideias do texto você está aceitando ou questionando? Que pistas o texto oferece para formar uma opinião crítica? Como pode relacionar essa análise com seu próprio contexto social e cultural? Como os sentidos atribuídos pelo texto modificariam se olhássemos para ele de uma perspectiva contrária ou alternativa? Que outras leituras são possíveis a partir de uma visão crítica?

Fonte: Autoria própria, 2024.

Estação 4: Diário de Bordo



Registros e apontamentos do leitor–navegador

O diário de bordo convida os(as) estudantes à reflexão e ao registro sobre a própria trajetória leitora. A pensar em como o mundo digital (redes sociais, vídeos curtos, notificações) está moldando as formas de praticar a leitura. É importante compreender o tipo de leitor que somos nesses ambientes imagéticos, interpretando e equilibrando suas possibilidades e impactos sobre a atenção, repertórios, capacidade cognitiva e o tempo dedicado à leitura. Ao voltar a atenção para esses questionamentos, somos instigados a analisar os fatores que lançam algumas práticas ao esquecimento, enquanto outras são visibilizadas. A **escrita de si como leitor** no ambiente digital pode favorecer uma melhor compreensão dos **discursos que definem a nossa relação com a leitura e, portanto, a forma como nos vemos e nos apresentamos ao mundo como leitores**, alargando horizontes discursivos em tempos de abandono da densidade. As questões a seguir norteiam essa reflexão auto-sócio-analítica.





Questões norteadoras para o Diário de bordo:

- Tenho disponibilidade de tempo para ler? Como organizo minha rotina para incluir a leitura? Quais momentos do dia poderiam ser usados para essa atividade?
- Quando reservo tempo para ler, consigo aproveitar plenamente ou me disperso com outras atividades? O que posso fazer para exercitar uma atenção sustentada e aproveitar melhor esse tempo?
- Quais atividades ou responsabilidades competem pelo meu tempo de leitura? Como posso equilibrar essas tarefas para criar mais espaço para a leitura?
- Costumo ler de forma contínua ou interrompo a leitura com frequência? O que isso revela sobre o meu envolvimento com o texto e sobre as práticas atuais de leitura?
- Quais questões sobre leitura e leitores estão se tornando padrões sociais pela influência das redes? Como estamos habitando esses espaços de leitura?
- De que modo estou lendo os textos que acesso nas redes sociais? Estou consciente das influências que esses ambientes exercem sobre a minha leitura?
- Como posso resistir ao impulso de priorizar a quantidade sobre a qualidade na prática da leitura? Até que ponto sou realmente livre e autônomo nas minhas escolhas sobre o que ler?

Estação 5:
Derivas - Mapeando novos horizontes

PALAVRAS EM LIBERDADE

Para saber mais:

Resenha Crítica I..... clique aqui

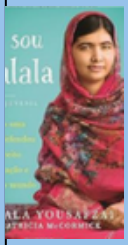
Resenha Crítica II..... clique aqui

Resenha Crítica III..... clique aqui

Outras resenhas literárias..... clique aqui

Leituras de Torto Arado..... clique aqui





Atividade complementar

Diálogos entre *Anne whit an E* e Eu sou *Malala*

Clique ou digitalize

Indicações para ler, pensar e sentir!

Não sei dormir sem ler. Gosto de manusear um livro. O livro é a melhor invenção do homem. (Carolina Maria de Jesus).



CLÁSSICOS NACIONAIS

Quarto de Despejo – Carolina Maria de Jesus
O Poema Sujo – Ferreira Gullar
Vidas Secas – Graciliano Ramos
Morte e Vida Severina – João Cabral de Melo Neto
Capitães da Areia – Jorge Amado
O Ateneu – Raul Pompéia
Antes do Baile – Lygia Fagundes Telles
A Vida como ela é – Nelson Rodrigues
Úrsula – Maria Firmina
Balé das Emoções – Geni Guimarães

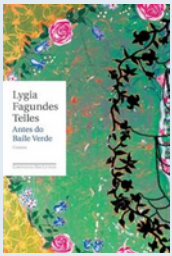




CLÁSSICOS UNIVERSAIS

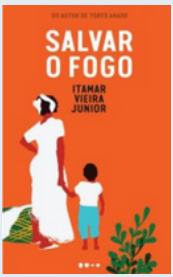
Morro dos Ventos Uivantes – Emily Bronte
Frankenstein – Mary Shelley
O Corvo – Edgar Allan Poe
A Metamorfose – Franz Kafka
Por quem os Sinos dobram – Ernest Hemingway
A Elegância do Ouriço – Muriel Barbery
O Apanhador no Campo de Centeio – J. D. Salinger
O Conto da Aia – Margaret Atwood





LITERATURA CONTEMPORÂNEA

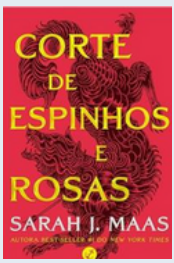
Dois irmãos – Milton Hatoum
O Sol na Cabeça: contos – Geovani Martins
Salvar o Fogo – Itamar Vieira Junior
Redemoinho em Dia Quente – Jarid Arraes
O Verão Tardio – Luiz Ruffato
As Cem Melhores Crônicas Brasileiras – Joaquim Santos
As Cem Melhores Contos Brasileiros – Joaquim Santos
Comédias para ler na Escola – Luís Fernando Veríssimo





SUCESSOS DO BOOKTOK

A Mandíbula de Caim – Edward Powys
A Cantiga dos Pássaros e das Serpentes – Suzanne Collins
A Rainha Vermelha – Vitória Aveyard
Enfeitiçados – F.T. Lukens
Eles Dois Morrem no Final – Adam Silvera
O Acordo (The Deal) – Elle Kennedy
A Corte de Espinhos e Rosas – Sarah J. Maas
Era uma vez um Coração Partido – Stephanie Garber
A Hipótese do Amor – Ali Hazelwood
Os Sete Maridos de Evelyn Hugo – Taylor Jenkins Reid



PALAVRAS
EM LIBERDADE

LEITURA COMO EQUIPAGEM
DO LEITOR-NAVEGADOR

OFICINA 3

Ler é TRANSFORMAR

Navegando da imagem à leitura discursiva

- *Produção e publicação de videorresenhas*



Milva Magalhães
Janaina Santos

Clique aqui para retornar ao sumário principal.

3 SUMÁRIO

Mapa Síntese da Oficina | 62

Estação 01: Ponto de Embarque | 65

Uma pausa para ler junto | 66
Janela Teórica | 67

Sumário clicável!

Estação 02: Todos a Bordo | 68

Atividade 1: Leitura discursiva do conto A Terceira Margem do Rio | 68
Atividade 2: Círculo de Leitura - A realidade pela lente literária | 69

Estação 3: Navegar é preciso | 72

Atividade 3: Transformar é saber-fazer | 72
Atividade 4: Nas asas da leitura | 74
Atividade 5: Pense depois de ler | 75
Atividade 6: Uma imagem vale mais que mil palavras? | 76

Estação 4: Diário de bordo | 78

Estação 5: Derivas - Mapeando novos horizontes | 78

Estação 6: Avaliando distâncias | 79

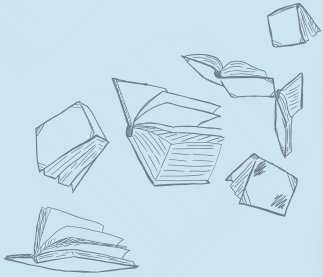
Indicações para ler, pensar e sentir! | 81

Palavras Finais | 82

MAPA



Todos os QR codes são clicáveis!



3 OFICINA
Ler é TRANSFORMAR

OFICINA 3: LER É TRANSFORMAR

"[...] é necessário que os sujeitos se posicionem a partir do lugar que ocupam na sociedade e ofereçam resistência às formas de dominação, por meio de práticas de leitura e interpretação mais questionadoras". (Santos e Cortes, p. 13, 2022).

Oficina 3: Ler é transformar
Navegando da imagem à leitura discursiva
Tema Integrador: Cultura digital
Objetos do conhecimento: Leitura, apreciação e réplica, produção de sentidos, exploração da multissemiose, reconstrução do contexto de produção, circulação e recepção de textos, relação entre os gêneros em circulação, mídias e práticas da cultura digital. Produção textual: textualização, revisão e edição.
Abordagem discursiva: A leitura como ferramenta de autotransformação
Transdisciplinaridade: Itinerários da área de Linguagens
Campos de atuação: Campo da vida pessoal/Campo artístico literário/Campo jornalístico midiático.
Recursos/Materiais necessários: Dispositivo com conexão à internet, livros e textos literários, computador, notebook, projetor multimídia, trechos dos textos selecionados, impressos ou digitais, materiais para registros e anotações.
Cronograma/ duração: uma unidade letiva
Competências específicas de linguagens para o ensino médio contempladas
Competência 3 – Utilizar diferentes linguagens (artísticas, corporais e verbais) para exercer, com autonomia e colaboração, protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva, de forma crítica, criativa, ética e solidária, defendendo pontos de vista que respeitem o outro e promovam os Direitos Humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável, em âmbito local, regional e global. **Competência 6 –** Apreciar esteticamente as mais diversas produções artísticas e culturais, considerando suas características locais, regionais e globais, e mobilizar seus conhecimentos sobre as linguagens artísticas para dar significado e (re)construir produções autorais individuais e coletivas, exercendo protagonismo de maneira crítica e criativa, com respeito à diversidade de saberes, identidades e culturas. **Competência 7 –** Mobilizar práticas de linguagem no universo digital, considerando as dimensões técnicas, críticas, criativas, éticas e estéticas, para expandir as formas de produzir sentidos, de engajar–se em práticas autorais e coletivas, e de aprender a aprender nos campos da ciência, cultura, trabalho, informação e vida pessoal e coletiva.

Habilidades de linguagens para o ensino médio contempladas
(EM13LP53) Produzir apresentações e comentários apreciativos e críticos sobre livros, filmes, discos, canções, espetáculos de teatro e dança, exposições etc. (resenhas, vlogs e podcasts literários e artísticos, playlists comentadas, fanzines, e–zines etc.). **(EM13LGG703)** Utilizar diferentes linguagens, mídias e ferramentas digitais em processos de produção coletiva, colaborativa e projetos autorais em ambientes digitais. **(EM13LGG105)** Analisar e experimentar diversos processos de remidiação de produções multissemióticas, multimídia e transmídia, como forma de fomentar diferentes modos de participação e intervenção social. **(EM13LP15)** Planejar, produzir, revisar, editar, reescrever e avaliar textos escritos e multissemióticos, considerando sua adequação às condições de produção do texto, no que diz respeito ao lugar social a ser assumido e à imagem que se pretende passar a respeito de si mesmo, ao leitor pretendido, ao veículo e mídia em que o texto ou produção cultural vai circular, ao contexto imediato e sócio–histórico mais geral, ao gênero textual em questão e suas regularidades.
Objetivos Gerais
• Estimular a reflexão sobre questões subjetivas e de alteridade a partir da leitura discursiva de textos literários, como forma de estimular a compreensão da produção social dos sentidos e promover uma análise da relação do sujeito consigo mesmo, com o outro e com o mundo. • Desenvolver a produção de textos multimodais, integrando recursos audiovisuais e verbais para ampliar a expressividade e aprofundar a análise das escolhas visuais, sequências e performances na construção de sentidos.

	Estação	Objetivos	Atividades
OFICINA 3	**Estação 1 – Ponto de embarque**	– Apresentar as atividades da oficina 3 "Literatura e multimodalidade: palavras em liberdade". – Promover um momento de leitura coletiva criando um espaço de pausa e reflexão conjunta.	– Conversa dialógica sobre as atividades propostas na oficina 3 da sequência didática. – Leitura Compartilhada: uma pausa para ler junto
	Estação 2 – Todos a bordo	– Estimular a interpretação discursiva e subjetiva dos textos literários, permitindo que os(as) estudantes reconheçam as narrativas como construções de sentido influenciadas por discursos, emoções, relações de poder e saber, e as diversas posições do autor, das personagens e do sujeito–leitor.	– Atividade1: Leitura discursiva do conto *A Terceira Margem do Rio* – *Atividade 2:* Círculo de Leitura: *A realidade pela lente literária*

OFICINA 3	Estação	Objetivos	Atividades
	Estação 3 – Navegar é preciso	– Estimular a criatividade e a autoria por meio do uso inovador de recursos multimodais, incentivando a autenticidade na interpretação, expressão literária e prática da releitura. – Produzir textos multimodais utilizando diversos recursos audiovisuais (como imagens, sons, música, performance, efeitos visuais e transições de vídeo) para ampliar a expressividade e enriquecer o sentido de suas produções textuais, explorando a integração entre linguagem verbal e não verbal. – Motivar a reflexão e a (re)criação literária, promovendo o trabalho coletivo, a socialização das videorresenhas e a discussão sobre diferentes interpretações e abordagens.	– Atividade 3: Transformar é saber fazer: escolha da obra fonte. -Atividade 4: Nas asas da leitura: roteirizando a videorresenha literária. -Atividade 5: Pense depois de ler: elaboração de roteiro de produção de videorresenha literária. –Atividade 6: Uma imagem vale mais que mil palavras? Produção, edição e publicação de videorresenhas–literárias.
	Estação 4 – Diário de bordo	– Refletir sobre o percurso de leitura por meio da escrita de si, estimulando o pensamento crítico e uma relação consciente e ativa com os textos.	– Escrita de si: Registro das impressões, sentimentos e reflexões a partir da observação e problematização das práticas individuais e coletivas de leitura na era digital.
	Estação 5 – Derivas: mapeando novos horizontes	– Ampliar o repertório de atividades direcionadas à pratica da leitura e promover o desenvolvimento de habilidades interpretativas e criativas por meio da leitura de diferentes gêneros e da produção de atividades multimodais.	– Sugestões de repertórios de leituras e atividades pedagógicas que exploram diferentes gêneros multimodais.
	Estação 6: Avaliando distâncias	– Realizar a avaliação do percurso, considerando tanto a participação individual dos(as) estudantes quanto o engajamento do grupo como um todo visando identificar as ações que foram bem–sucedidas e aquelas que podem ser ajustadas para futuras aplicações.	– Produção de um relatório final em grupo fundamentado nos apontamentos do diário de bordo descrevendo as percepções em relação ao itinerário da sequência didática.

Fonte: Autoria própria, 2024.

Estação 1: Ponto de Embarque

A melhor postura é a de mostrar que ele mesmo, professor, ama a leitura, contagiar os alunos através da ficção e da poesia com seu entusiasmo sobre nossa maravilhosa língua portuguesa. Sem isso não tem nem como começar a falar do assunto. (Adélia Prado)

Prezado (a) professor (a),

Nesta oficina, os(as) estudantes realizarão **atividades de leitura e análise discursiva em diversas linguagens e mídias**, buscando desacelerar o ritmo imposto pelas redes sociais e qualificar a leitura literária como prática de reflexão crítica. Por meio de textos literários que abordem questões de identidade e resistência, eles serão incentivados a refletir sobre suas subjetividades e posições no mundo. Além disso, produzirão videorresenhas na perspectiva discursiva, analisando efeitos de sentido nas escolhas visuais e na performance de linguagem verbal e não-verbal, desenvolvendo uma compreensão mais crítica dos discursos contemporâneos.

Uma pausa para ler junto



OFICINA 3
LER É TRANSFORMAR

Navegando da imagem à leitura discursiva

ESTAÇÕES

E1. Ponto de Embarque

E2. Todos a bordo

E3. Navegar é preciso

E4. Diário de Bordo

E5. Derivas

E6. Avaliando distâncias

ATIVIDADES

A1. Leitura discursiva do Conto *A Terceira Margem do Rio*

A2. Círculo de leitura - *A realidade pela lente literária*

A3. Transformar é saber-fazer

A4. Nas asas da leitura

A5. Pense depois de ler

A6. Uma imagem vale mais que mil palavras?

A3 a A6 - Produção, roteiro, experimentação, pós-produção e publicização de videorresenha.

PRODUÇÃO

Produção e publicação de videorresenha

Fonte: Autoria própria, 2024.

Prezados(as) professores(as), que tal iniciar cada semana com um convite à pausa e ao pensamento, em meio à correria do cotidiano? Sugerimos **reservar alguns minutos das aulas para compartilhar uma leitura** – um trecho de um livro, uma crônica, um conto, uma poesia ou uma história. Esse gesto simples pode abrir caminhos para que nossos(as) estudantes **experimentem outros modos de existência, diferentes do ritmo frenético da cultura digital**, que muitas vezes prioriza a produtividade sobre a profundidade. Ao propor essa breve imersão no texto, **incentivamos uma abordagem calma da palavra, de modo a possibilitar a ampliação do olhar sobre o mundo e sobre si.** A **leitura semanal** será mais do que um momento de aula; será uma **prática de resistência à superficialidade**, uma oportunidade para conectar os jovens a ideias, sensações e reflexões. Vamos juntos tornar esses momentos uma constante, cultivando espaços em que os(as) estudantes possam ver, pensar e sentir de forma mais plena e profunda.



Janela Teórica



Trabalhar com multiletramentos [...]caracteriza-se como um trabalho que parte das culturas de referência do alunado (popular, local, de massa) e de gêneros, mídias e linguagens por eles conhecidos, para buscar um enfoque crítico, pluralista, ético e democrático - que envolva agência - de textos/discursos que ampliem o repertório cultural, na direção de outros letramentos, valorizados [...] ou desvalorizados[...]. (Rojo , 2012, p. 08)

Considerando que uma semiose é um sistema de signos em sua organização própria, é importante que os jovens, ao explorarem as possibilidades expressivas das diversas linguagens, possam realizar reflexões que envolvam o exercício de análise dos elementos discursivos, composicionais e formais de enunciados nas diferentes semioses - visuais (imagens estáticas e em movimento), sonoras (músicas, ruídos, sonoridades), verbais (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita) e corporais (gestuais, cênicas, dança). (Brasil, 2018, p. 486.).

Os discursos estão embutidos em práticas não verbais, o verbo não pode mais ser dissociado do corpo e do gesto, a expressão pela linguagem conjuga-se com aquela do rosto, de modo que não podemos mais separar linguagem e imagem". (Courtine, 2011, p. 150).



Estação 2: Todos a bordo

Atividade 1

O que vamos ler? Texto literário

Onde? Sala de aula

Como? Leitura colaborativa e discursiva

Quanto tempo leva? 3 aulas

Atividade 1: Leitura discursiva do conto *A Terceira Margem do Rio*

Esta atividade foi inspirada na proposta de leitura subjetiva sugerida por Jouve (2013) em *Leitura Subjetiva e o ensino da literatura*. No dizer do autor, **"A finalidade do exercício é mostrar que a leitura não é somente a ocasião de enriquecer o saber sobre o mundo; ela permite também aprofundar o saber sobre si." (Jouve, 2013, p. 62)**.



Sugestões para a realização desta atividade:

Etapa 1

Leitura inicial: Sugerimos a leitura coletiva compartilhada com os(as) estudantes do conto **"A Terceira Margem do Rio"** de Guimarães Rosa. Posteriormente, motive-os a expressar, oralmente, suas percepções em relação aos sentimentos de angústia, medo e estranhamento, vividos pelo narrador diante da decisão do pai. Em seguida, eles podem produzir um texto reflexivo sobre um momento em que experimentaram um sentimento semelhante de perda, incompreensão ou distanciamento em relação a uma figura importante em suas vidas.

Etapa 2

Discussão em grupo: Divida a turma em pequenos grupos e proponha questões norteadoras para a discussão, direcionadas ao enredo do conto: De que maneira o pai do narrador expressa sua decisão de partir? Como essa decisão afeta a dinâmica familiar? Quais emoções o narrador demonstra em relação à partida do pai e como elas mudam ao longo do tempo?

Dialogue com os estudantes acerca dos medos e as ausências em suas próprias experiências de vida e como isso influencia suas relações interpessoais.

Etapa 3

Análise discursiva: Oriente os(as) estudantes a analisarem o comportamento do pai retratado no conto dentro de seu contexto social e histórico. Seria interessante discutir com a turma a ideia de "*terceira margem*" como um espaço de ruptura com a lógica social estabelecida. Algumas questões podem guiar a reflexão:
O que pode ter motivado o pai a se afastar da sociedade e da família? Essa decisão poderia ter alguma leitura simbólica? Como os familiares interpretam a ação do pai? Quais normas sociais ou culturais podem ter influenciado essa escolha e a reação dos familiares ?

Etapa 4

Construindo sentidos: Para aprofundar a análise, sugira uma reescrita de um trecho do conto sob uma nova perspectiva, podendo ser a do pai, da mãe ou de outro personagem. Oriente os(as) estudantes a incorporar subjetividades próprias e explorar novas dimensões da história.

Etapa 5

Reflexão final: Conduza uma discussão para que os(as) estudantes reflitam sobre os aprendizados extraídos do conto. Algumas perguntas podem ajudar nesse processo: O que essa leitura revela sobre a maneira como lidamos com situações de afastamento, solidão e incompreensão? Como a experiência do narrador pode se relacionar com momentos de nossas próprias vidas? De que maneira essa leitura possibilita um novo olhar sobre nossa posição no mundo e nossas relações interpessoais?

- **Os(as) estudantes podem escrever uma reflexão final sobre como a leitura contribuiu para a compreensão de si mesmos e de suas relações com o outro e com o mundo.**

Atividade 2: Círculo de leitura
A realidade pela lente literária

Esta atividade encaminha a turma para a produção da videorresenha, explorando **janelas de observação da realidade** oferecidas pelo romance **Torto Arado.** Sua realização pressupõe a leitura do livro.

Atividade 2

O que vamos ler? Texto literário

Onde? Sala de aula

Como? Leitura coletiva e reflexiva

Quanto tempo leva? 4 aulas

Círculo de leitura

[...] a leitura em grupo estreita os laços sociais, reforça a identidade e a solidariedade entre as pessoas.
Cosson (2014, p. 139)

Como uma ação motivacional para a produção da videorresenha, sugerimos pensar na possibilidade de organizar e realizar círculos de leitura entre os colegas de turma.

Essa metodologia pode constituir-se uma excelente forma de incentivar a leitura e a reflexão crítica entre os(as) estudantes, conforme proposto por Cosson. Nessa dinâmica, os participantes reúnem-se em círculo para ler e discutir juntos uma obra literária. Esse formato possibilita aos estudantes a oportunidade de compartilhar suas impressões, questionamentos e interpretações, respeitando e ouvindo o ponto de vista dos outros. Conforme Cosson (2014), o círculo de leitura destaca a interação entre os participantes, fazendo com que a interpretação torne-se um processo mais colaborativo e enriquecedor.

Como organizar círculo de leitura na estação Derivas

[...] círculos de leitura são espaços sociais nos quais as relações entre textos e leitores, entre leitura e literatura, entre o privado e o coletivo são expostas e os sentidos dados ao mundo são discutidos e reconstruídos. Participar de um círculo de leitura é compartilhar com um grupo de pessoas as interpretações dos textos com as quais construímos nossas identidades e da sociedade em que vivemos (COSSON, 2014, p. 154).

Sugestões para a realização desta atividade:

Etapa 1



Organizar círculos de leitura em sala de aula. Os participantes terão a oportunidade de compartilhar suas percepções subjetivas sobre *Torto Arado* (ou outra obra definida pelo(a) professor(a). Esse momento dialógico permite aos(às) estudantes expor suas primeiras impressões, sentimentos e interpretações sobre a obra lida. Mobilize-os para uma reflexão coletiva, incentivando a compartilharem o que aprenderam sobre si mesmos durante a leitura e como essa experiência pode impactar sua percepção da realidade.

Etapa 2

Análise de trechos do livro: Ainda em grupos, indicar aos(às) estudantes trechos selecionados que abordem questões como desigualdade social, resistência, exploração do trabalho e educação. Sugerimos que os grupos discutam as temáticas sociais abordadas na narrativa, relacionando trechos específicos da obra com notícias contemporâneas sobre os mesmos temas, de modo a evidenciar a permanência dos problemas retratados.

Formação de Grupos:

Cada grupo formado fica responsável por um dos temas abaixo:



1. **Resistência e ancestralidade:** Vozes da história que habitam a Literatura.
2. **Exploração e desigualdade social:** A perenização do passado.
3. **Identidade e linguagem:** A Palavra como ferramenta de existência e resistência.
4. **Educação como prática de liberdade:** O poder emancipatório da leitura.
5. **Natureza e conflitos ambientais:** A terra como fonte de vida e disputa.

Tarefa dos Grupos:

1. Selecionar trechos específicos da obra que ilustrem o tema escolhido.
2. Relacionar esses trechos com notícias, dados estatísticos ou movimentos sociais atuais.
3. Preparar uma apresentação breve (5-10 minutos) para compartilhamento das análises com a turma.

Apresentações:

Cada grupo apresenta sua análise, fundamentando suas argumentações em trechos específicos do livro, e defenderá sua perspectiva com base nos argumentos levantados. O(a) professor(a) atuará como mediador(a), estimulando o diálogo entre as diferentes abordagens e incentivando a troca de ideias entre os grupos.

Etapa 3

Produção de texto dissertativo-argumentativo: Após o círculo de leitura, propor aos(às) estudantes a escrita de um texto sobre um dos temas seguintes. Cada tema é acompanhado por trechos selecionados do livro, que podem ser outros, à escolha dos(as) estudantes. Sua análise deve fundamentar os argumentos manejados em direção a um ponto de vista defendido, em articulação aos contextos sociais atuais. **Sugerimos que esta produção complemente as atividades avaliativas da unidade.**



Sugestões de temas e trechos de *Torto Arado* para a produção textual:

1. A invisibilização das comunidades tradicionais e seu impacto na identidade cultural.

Torto Arado evidencia a invisibilização das comunidades tradicionais, mostrando como essa marginalização afeta profundamente a identidade cultural dos personagens, que lutam para manter suas narrativas e conexões com a terra diante das pressões externas. A obra ilustra a importância de reconhecer e **valorizar esses saberes ancestrais** como fundamentais para a **construção da subjetividade e do pertencimento**. **(versão impressa, p. 189; versão em pdf, p. 214)**

2. A educação como motor de mobilidade social ascendente: realidade ou utopia?

Na obra, a educação é apresentada como um ideal de mobilidade social, mas os personagens enfrentam barreiras estruturais que questionam essa utopia. ***Torto Arado*** revela que, mesmo com acesso à educação, as desigualdades persistem, refletindo a complexidade de um sistema que nem sempre garante **oportunidades efetivas** de transformação social. **(versão impressa, p. 64-73; versão em pdf, p. 56-63)**

3. A luta pela terra e a invisibilidade dos trabalhadores rurais.

A luta pela terra em ***Torto Arado*** destaca a invisibilidade dos trabalhadores rurais, que, apesar de sua importância vital para a produção alimentar e a cultura local, são frequentemente ignorados nas narrativas de progresso. A obra retrata a resistência desses indivíduos, enfatizando **a terra como um espaço de dignidade e identidade**, além de um recurso econômico. **(versão impressa p. 54; versão em pdf, p. 46)**

4. Trabalho análogo à escravidão no Brasil contemporâneo.

O romance aborda a dura realidade do trabalho análogo à escravidão, expondo a exploração e d**esumanização enfrentadas por muitos trabalhadores rurais**. A narrativa serve como um **chamado à consciência social**, revelando a urgência de combater essas práticas cruéis que ainda persistem no Brasil contemporâneo. **(versão impressa, p. 204; versão em pdf, p. 180)**

5. A resistência das comunidades quilombolas e a preservação da cultura.

Na narrativa, a resistência das **comunidades quilombolas** é um poderoso testemunho da luta pela preservação cultural e pela dignidade. A obra destaca como essas comunidades mantêm **suas tradições e identidades vivas**, enfrentando desafios contemporâneos com força e resiliência, reafirmando a relevância de sua história na construção de um futuro mais justo **(versão impressa, p. 193-197; versão em pdf, p. 174-177).**

6. A condição da mulher no campo: opressão e resistência.

A condição da mulher no campo é retratada de forma multifacetada, mostrando as opressões enfrentadas, mas também a força e a resistência que elas exercem. As **personagens femininas desafiam normas sociais** e lutam por seus direitos, revelando o papel crucial das mulheres como agentes de mudança nas comunidades rurais. **(versão impressa, p. 118-123; versão em pdf, p. 103-107)**

7. A Relação entre Território e Sustentabilidade.

O livro explora a relação entre território e sustentabilidade, **evidenciando como a conexão dos personagens** com a terra envolve práticas que respeitam o meio ambiente. A obra propõe uma reflexão sobre a necessidade de um desenvolvimento que valorize saberes ancestrais, promovendo uma convivência harmoniosa entre os seres humanos e a natureza para garantir um futuro sustentável. **(versão impressa p. 41-46; versão em pdf, p. 35-39)**

Estação 3: Navegar é preciso

Atividade 3: Transformar é saber-fazer

Atividade 3

O que vamos ler?
Texto literário

Onde? Sala de aula e casa

Como? Leitura discursiva

Quanto tempo leva?
2 aulas

Motivando os(as) estudantes para a produção da videorresenha literária

Proponha a produção de uma videorresenha literária sobre Torto Arado, de Itamar Vieira Júnior — obra analisada na sequência didática — ou outro livro de sua escolha, caso prefiram. Nesta etapa da SD sugerimos um roteiro que norteará o planejamento, a produção, edição e a publicação das produções audiovisuais criadas como o produto final desta oficina.



A videorresenha é uma atividade criativa e dinâmica que permite aos(às) estudantes explorar o universo literário, combinando exposição, descrição e argumentação em um **projeto audiovisual**. Essa produção mescla diferentes linguagens, ampliando as interpretações da obra e conectando o público ao texto de forma afetiva e envolvente, despertando o interesse pela leitura.

Além de favorecer a expressão criativa e reflexiva, a videorresenha tem grande potencial de alcance, pois pode ser publicada nas redes sociais e comunidades digitais da escola, inspirando colegas, professores e familiares, tornando a literatura mais acessível e próxima. Explique que é possível criar videorresenhas sem expor a própria imagem, utilizando recursos como áudio, imagens, desenhos, trechos de filmes, trilhas sonoras e animações. Sugira aos(às) estudantes organizar as ideias e deixar a criatividade fluir, destacando que o vídeo é uma forma poderosa de compartilhar leituras e atuar como mediadores da literatura, ultrapassando os limites da sala de aula.

O gênero textual "videorresenha" segue o mesmo propósito comunicativo da resenha crítica, "o de apresentar um ponto de vista a respeito de um objeto, [...]. A sua produção mescla outros gêneros como o vídeo, música e vinhetas. Além disso, pressupõe um roteiro, edição, divulgação e interação com o público." (Silva, 2019, p. 24).

Resenhar outras histórias, pensar outros sentidos



Sobre a produção de uma resenha literária na perspectiva discursiva da linguagem, sugerimos considerar:

Orientações sobre a produção das videorresenhas

Adotando uma perspectiva discursiva: a produção de videorresenha com essa abordagem envolve a reflexão sobre as condições históricas e sociais dos discursos, considerando sujeitos autorizados a enunciar, as relações de saber-poder enredadas na trama discursiva e os modos de existência das subjetividades visibilizados e interditados. Os(as) estudantes exploram recursos multimodais (imagem, som, expressão corporal e textualidade) para construir sentidos e refletir sobre o papel do poder na constituição dos saberes. A primeira decisão a ser tomada é a escolha de quais aspectos abordar e quais produções artísticas resenhar (cordel, conto, crônica, livro etc.).

A obra pode ser apresentada de forma expositiva, performativa, observacional ou participativa. É essencial refletir sobre a representação de si, do outro e do mundo na produção, bem como do papel da linguagem verbo-visual e dos sentidos evocados pelas escolhas linguísticas. Cada elementos (cenas, expressões, efeitos sonoros), e a forma como são utilizados, carrega uma posição discursiva.

O vídeo pode ser individual ou em grupo.

Além do resumo. A videorresenha destaca como o texto mobiliza discursos sociais e culturais, deslocando o foco para os(as) estudantes como sujeito ativo na construção de sentidos. Incentive-os a articular suas perspectivas, conectando a interpretação com suas experiências e o contexto social. Dialogue sobre estratégias multimodais que extrapolem a estrutura clássica da videorresenha, promovendo uma expressão autêntica e uma análise que vá além da crítica formal.

Múltiplas perspectivas. A videorresenha pode abordar múltiplas perspectivas (sócio-histórica, filosófica, ética, socioemocional), permitindo aos(às) estudante(s) refletir sobre a produção social dos significados, sob a lente do autoconhecimento e cuidado de si.

Atividade 4: Nas asas da leitura



Os vídeos facilitam a motivação, o interesse por assuntos novos. Os vídeos são dinâmicos, contam histórias, mostram e impactam. Facilitam o caminho para níveis de compreensão mais complexos, mais abstratos [...].” (Moran, 2009, n.p)

Atividade 4

O que vamos ler? Texto literário

Onde? Sala de aula e casa

Como? Leitura discursiva

Quanto tempo leva? 2 aulas + tempo extraclasse

Sugestão de roteiro para produção de videorresenha:

Roteirizando uma videorresenha literária I

1 – **Escolha do livro e foco discursivo:** Selecione um texto literário que dialogue com suas vivências e provoque reflexões. Ao falar sobre a obra, você será um intérprete que se transforma com a leitura. Escolha algo que permita expressar suas ideias e perspectivas, conectando o texto ao seu olhar pessoal.



2 – **Perspectiva de análise e objetivo da videorresenha:** Defina o que deseja comunicar sobre a obra, considerando seu diálogo com contextos sociais, culturais e históricos. Vá além de resumir a trama ou emitir opiniões; problematize como o discurso da produção literária forma sentidos e valores ou inspira reflexões subjetivas.

3 – **Pergunte-se:** Como a obra representa as questões sociais? Que relações de poder e identidades estão presentes? Seu objetivo é provocar uma reflexão crítica, instigando o espectador a pensar sobre o livro e o mundo de novas maneiras, além de considerar seu papel como leitor e sujeito.

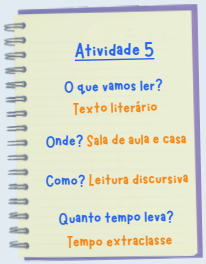
4 – **Elaboração do roteiro:** Crie um título que reflita o tom da resenha, considerando as relações de poder e saber da obra. Pesquise o contexto socio-histórico de produção e circulação para enquadrar a recepção do texto.

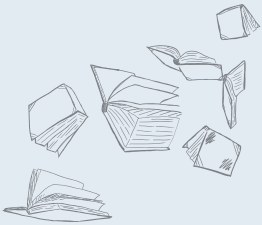
5 – **Resumo da obra e mapeamento discursivo:** Ao resumir, destaque o tema central e a perspectiva adotada, apontando as condições discursivas exploradas ou contestadas pelo autor. Aborde como a narrativa organiza saberes e práticas, questionando ou naturalizando-os ao longo do texto.

Atividade 5:

Pense depois de ler







Roteirizando uma videorresenha literária II

1 – Planejamento visual: recursos visuais e multimodais
Selecione imagens, desenhos ou trechos visuais que expressem emoções e afetos relacionados ao livro, destacando o tom crítico e emocional da resenha. Use fotos ou imagens que representem personagens ou ambientes, sem revelar tudo, para sugerir contexto e enfatizar aspectos discursivos.

2 – Elementos sonoros e trilha sonora
Escolha músicas e sons que reforcem os temas abordados, como músicas intensas para conflitos de poder ou sons suaves para momentos de cuidado de si. A trilha deve alinhar-se ao tom da resenha (reflexivo, tenso, alegre), criando imersão e modalizando o sentido para o espectador.

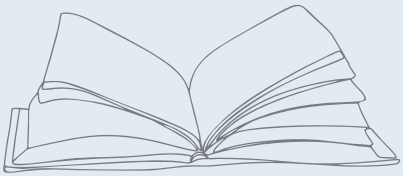
3 – Performance corporal e expressões faciais
Utilize expressões faciais e gestos para comunicar emoções e tornar a resenha envolvente. Transmita características dos personagens e o clima do enredo por meio de entonação, postura e ritmo de fala, influenciando a percepção do espectador e tornando a análise mais expressiva.

4 – Cenário e figurino
Defina um cenário e figurino que se alinhem à perspectiva da resenha, representando questões de poder, controle ou cuidado de si. Considere a duração do vídeo, adaptando-a ao público, propósito e plataforma de publicação.

5 – Gravação do vídeo
Use efeitos sonoros, como músicas suaves ou sons pontuais, para reforçar emoções, criar suspense e destacar contrastes. Prepare as cenas com ensaios para ajustar entonação, ritmo e linguagem corporal. Na filmagem, explore ângulos de câmera (planos fechados para reflexões introspectivas, abertos para análises de poder) que realcem a expressão das ideias.

Atividade 6: Uma imagem vale mais que mil palavras?

Se uma imagem vale mais do que mil palavras, então diga isto com uma imagem.
(Millôr Fernandes)



Atividade 6

O que vamos ler? Videorresenhas

Onde? Sala de aula e casa

Como? Leitura discursiva

Quanto tempo leva? 2 aulas + tempo extraclasse

Exercitando a pós-produção

1 – **Análise e avaliação**

Ao avaliar e editar a videorresenha, pratique a ética do cuidado de si, do outro e do mundo. Garanta autenticidade e respeito aos seus valores, evitando estereótipos e discursos preconceituosos. Apresente suas interpretações com empatia e contribua para um debate crítico e respeitoso, promovendo um ambiente digital consciente e positivo.

2 – **Edição do vídeo**

Ajuste os recursos audiovisuais: use áudio claro e sem ruídos, iluminação adequada e câmera estável e em foco. Escolha efeitos visuais e transições sutis, verifique a legibilidade de legendas e textos e mantenha o ritmo dinâmico. Revise a coerência entre imagem, som e texto, garantindo que a linguagem multimodal (imagens, expressões, música, texto) esteja alinhada à abordagem e aos efeitos de sentidos desejados.

3 – **Revisão e feedback**

Antes de publicar, compartilhe o vídeo com a turma e professores para obter *feedback* construtivo. Peça análises sobre fluidez da apresentação, relevância dos pontos abordados e eficácia das escolhas visuais e sonoras. Esse retorno ajudará a aprimorar o trabalho antes de compartilhá-lo publicamente nas redes sociais.

Publicizando a videorresenha

1 – **Criação de uma Comunidade Digital de Leitura**

Crie uma comunidade digital individual ou coletiva para publicar conteúdos como videorresenhas, encenações literárias, desafios de leitura e reflexões sobre livros. Plataformas como TikTok ou YouTube são ideais para compartilhar conteúdos dinâmicos e visuais, dependendo do público-alvo e do estilo do vídeo. Construa um espaço acolhedor onde os usuários possam interagir, deixar comentários e trocar ideias, fortalecendo o senso de comunidade e promovendo o prazer da leitura e o pensamento crítico.

2 – **Engajamento da comunidade**

Estimule a participação ativa com perguntas e respostas, enquetes e discussões semanais baseadas nos temas das resenhas. Realize desafios de leitura ou debates sobre outras obras que reforcem questões críticas e éticas, promovendo pertencimento e continuidade na comunidade.

3 – **Divulgação**

Divulgue a comunidade de leitura para ampliar seu alcance, atraindo familiares, ex-alunos(as), leitores externos e outras escolas. Esse movimento aumenta a visibilidade do projeto e enriquece as discussões com perspectivas variadas, fortalecendo o papel da escola como promotora de cultura e pensamento crítico. Ao abrir o espaço para todos, a escola fomenta a leitura como um ato coletivo e acessível, conectando diferentes realidades e gerações.

Orientações para a criação de uma comunidade digital de leitura na estação *Derivas*

Lembrete

Professor(a), para publicar os textos audiovisuais dos estudantes é necessário a autorização documentada de todos os participantes. A seguir apresentamos **dois modelos de autorização**.

Modelo 1

Pelo presente documento, eu, _____, ( ) autorizo ( ) não autorizo o uso da minha imagem e/ou do som da minha voz para divulgação ao público em geral para fins acadêmicos.

Modelo 2

Pelo presente documento, eu, _____, responsável pelo aluno(a) _____( ) autorizo/ ( ) não autorizo o uso da minha imagem e/ou do som da minha voz para divulgação ao público em geral para fins acadêmicos.

Estação 4: Diário de Bordo



Registros e apontamentos do leitor-navegador

Professor(a), incentive os(as) estudantes a escrever sobre suas leituras e refletir sobre seu percurso leitor. Esse processo contínuo de escrita organiza o pensamento crítico, aprofunda a análise e promove uma relação mais consciente com os textos. Proponha reflexões como:

- De que modo minhas escolhas literárias refletem meus valores, experiências, e interesses?
- Como os conteúdos que consumo e compartilho moldam minha identidade no ambiente digital?
- Ao produzir textos digitais, considero o impacto de minhas opiniões e formas de expressão?
- Como equilibrar liberdade de expressão e responsabilidade ética nas redes?
- Quais estratégias uso para construir uma presença digital autêntica e crítica, sem reproduzir padrões impostos?
- Como fortalecer minha autonomia e senso crítico como leitor(a) e produtor(a) de conteúdos?

Estação 5: Derivas
Mapeando novos horizontes

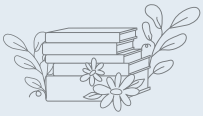


Para saber mais:

clique na opção desejada

- Como organizar círculo de leitura..... I II
- Para ampliar o repertório de contos e crônicas..... I II
- Como revisar o gênero resenha crítica I
- Como produzir vídeos.. I II III
- Para editar vídeos..... I
- Guia influenciadores literários..... clique aqui
- Para criar uma comunidade digital de leitura..... I II
- Para conectar o texto literário e a multimodalidade – produção de *fanzine*.... clique aqui

Estação 6: Avaliando distâncias





[...] pensamos ser produtivo o exercício de produção textual, visual e audiovisual, bem como os processos de revisão das produções, apresentação para a comunidade escolar e avaliação dos resultados como intervenção no microcosmo da sala, da escola e da sociedade conectada. (Santos, 2019, p. 171)

Professor(a), para finalizar a sequência didática, proponha uma **avaliação do percurso**, considerando a participação individual e coletiva dos(as) estudantes. Organize-os em pequenos grupos para produzir **um relatório final**, com descrição, análise e avaliação das etapas da SD, além de sugestões para o projeto.

Incentive-os a consultar o **diário de bordo** para compartilhar percepções, desafios e aprendizados. Garanta que todos(as) participem ativamente da troca de ideias, **discutindo experiências e conhecimentos** adquiridos. O relatório pode ser elaborado com base em questões que abordem as **dimensões formativas do sujeito** indicadas no quadro da página 80, promovendo uma reflexão crítica e colaborativa.



Ainda sobre as artes recíprocas da leitura e da escrita:
Recorramos alternativamente a uma e outra, e temperemos uma com a outra, de tal modo que a composição escrita dê corpo de obra [...] àquilo que a leitura recolheu.
(Sêneca, Cartas a Lucílio, t. III, livro XI, carta 82).



DIMENSÃO ÉTICA E SOCIAL

- Ao longo da sequência, refletimos sobre as condições materiais (bibliotecas, livros, acesso à internet) e imateriais (incentivo familiar, interesse pessoal, influência cultural) que influenciam o acesso à leitura. Como essas condições impactam as possibilidades de leitura e aprendizado em sua vida e na de sua comunidade? Quais fatores são mais desafiadores e quais podem ser transformados?
- Em que medida as discussões e trocas de ideias sobre práticas de leitura enriqueceram sua compreensão dos temas e suas percepções como leitor(a)? Quais atitudes poderiam ter sido diferentes? Quais outras atividades podem ser propostas para avançarmos nas práticas de leitura?
- Em relação às ações, comportamentos e atitudes, em quais aspectos é necessário melhorar? Todos se posicionaram com tolerância, respeito e flexibilidade?

DIMENSÃO EMOCIONAL

- Você se sentiu emocionalmente conectado com as personagens ou temas da obra analisada? Como isso influenciou sua percepção do texto?
- Durante a leitura, vivenciou emoções intensas (tristeza, alegria, raiva, surpresa)?
- Como a leitura em grupo e o uso de multimodalidades (imagens, vídeos, músicas) despertaram diferentes emoções em você?
- Ao produzir a videorresenha, suas emoções influenciaram a interpretação da história? Como isso impactou sua compreensão?
- Percebeu mudanças no entendimento dos próprios sentimentos durante as atividades? Dê um exemplo de reflexão emocional proporcionada por um texto ou atividade.

DIMENSÃO COGNITIVA

- Escreva, de modo sucinto, quais foram as suas dificuldades e quais aprendizagens desenvolveram e aprimoraram no decorrer da sequência didática?
- Como as atividades propostas ajudaram você a desenvolver suas habilidades de análise e interpretação crítica? Cite uma atividade específica que contribuiu para esse desenvolvimento.
- A sequência didática favoreceu a ampliação do seu vocabulário e conhecimento sobre diferentes gêneros e formatos de leitura? Em quais momentos você percebeu essa ampliação?
- Em sua opinião, de que forma o processo de aprendizagem foi mais significativo: durante as conversas mediadas sobre leitura, na análise de textos, na produção das videorresenhas?
- Quais foram os aprendizados mais relevantes durante as três etapas da sequência didática (roda de leitura, análise das videorresenhas, produção das videorresenhas). Quais atividades foram desafiadoras e demandaram outras habilidades para a resolução de problemas e conflitos?



Indicações para ler, pensar e sentir!



Contar uma história significa levar as mentes no voo da imaginação e trazê las de volta ao mundo da reflexão. (Paulina Chiziane)



CLÁSSICOS NACIONAIS

A Hora da Estrela – Clarice Lispector
Caminhos de Pedras – Raquel de Queiroz
Grande Sertão: Veredas – João Guimarães Rosa
Nova Ontologia Poética – Mário Quintana
São Bernardo – Graciliano Ramos
Auto da Compadecida – Ariano Suassuna
Laços de Família – Clarice Lispector
Os Ratos – Dyonélio Machado
O Tempo e o Vento – Érico Veríssimo
O Pagador de Promessas – Dias Gomes





CLÁSSICOS UNIVERSAIS

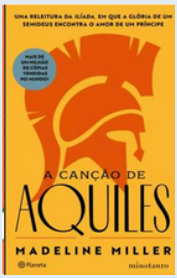
Dom Quixote – Miguel de Cervantes
Romeu e Julieta – William Shakespeare
Crime e Castigo – Fiódor Dostoiévski
O Pequeno Príncipe – Antoine de Saint–Exupéry
A Divina Comédia – Dante Alighieri
O Velho e o Mar – Ernest Hemingway.
Cem Anos de Solidão – Gabriel García Marquez
Os Miseráveis – Victor Hugo





LITERATURA CONTEMPORÂNEA

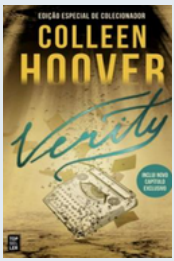
Retratos de Carolina – Lygia Bojunga
Fragosas Brenhas do Mataréu – Ricardo Azevedo
Ensaio sobre a Cegueira– José Saramago
O Outro Pé da Sereia – Mia Couto
Os da minha Rua – Ondjak
A Gloriosa Família – Pepetela
O Alegre Canto do Perdiz – Paulinía Chiziane
O Peso do Pássaro Morto – Aline Bei





SUCESSOS DO BOOKTOK

Verity – Colleen Hoover
A Biblioteca da Meia Noite – Mait Haig
O Duque e Eu – Julia Quinn
Pequenos Incêndios por Toda Parte – Celeste Ng
Deusa de Sangue – FML Pepper
Garota em Pedaços – Kathleen Glasgow
Como se fôssemos vilões – Rio M. L.
Mentirosos– E. Lockhart
A Canção de Aquiles – Madeleine Miller



Palavras finais



Obrigada por chegar até aqui!

Com esta sequência didática, esperamos ter colaborado com as suas reflexões e com o seu trabalho pedagógico de iluminar e enriquecer as trajetórias de leitura dos(as) estudantes. É pelas mãos do(a) professor(a) que diferentes caminhos encontram lugar na escola, como espaço de reconstrução das pontes possibilitadas por essa prática.

Juntos, compartilhamos o desafio de materializar o caráter emancipatório da leitura, quando, em geral, mal estamos conseguindo aproximar o jovem do livro em prol de uma prática sustentada de leitura, capaz de equilibrar as capacidades analógicas e digitais.

Barreiras não faltam, principalmente na escola púbica. Carga horária insuficiente, uma profusão de currículos, práticas anacrônicas, condições materiais e de formação docente quase sempre deficitárias, e, em alguns casos, uma certa indisposição de nossa parte para a mudança. Não fosse o bastante, é cada vez mais urgente resgatar a atenção dos(as) estudantes, sequestrada e fragmentada pela sedução das telas, cujo regime de funcionamento desfaz as pontes que a leitura constrói e alarga a distância que os mantém separados dessa prática como um experiência emancipatória de si.

A disputa em condições assimétricas pela atenção gera uma sobrecarga quase sempre invisível, embora muito sentida pelo corpo docente. Daí o nosso reconhecimento pela disposição e gratuidade de quem não se furta ao enfrentamento, e a nossa compreensão por quem se sente esgotado, mas não desiste de navegar em busca de soluções possíveis.

Ao considerar esses aspectos na construção desta caixa de ferramentas, tentamos materializar os nossos melhores esforços e reflexões nas atividades propostas, movidos pela certeza de que elas só podem ganhar vida, significado e materialidade pelas mãos e criatividade do(a) professor(a).

Por fim, se esta jornada lhe foi propícia, considere permitir que as ideias aqui contidas continuem navegando ao encontro de outras mãos que devam ou necessitem conhecê–las.



Prontos para o próximo desafio?
Bom retorno ao livro e sucesso!

As autoras.

PALAVRAS
EM LIBERDADE

Milva Magalhães
Janaina Santos

FOUCAULT

POR ONDE COMEÇAR?

Guia introdutório ao
pensamento **foucaultiano**







MAPA Clique aqui para retornar

GUIA
INTRODUTÓRIO AO
PENSAMENTO
FOUCAULTIANO



Foucault, por onde começar? | **85**



A oficina de Foucault, um mapa | **92**

Foucault em poucas **palavras:** conceitos essenciais | **95**

Foucault, por onde **continuar?** | **103**

A SEGUIR:

Domínios
Principais obras
Conceitos essenciais



Todos os QR codes são clicáveis!

1. FOUCAULT, POR ONDE COMEÇAR?

Não me pergunte quem sou e não me diga para permanecer o mesmo. (Michel Foucault)



Talvez você já tenha tropeçado nesta incômoda questão e, à falta de alguma luz, capitulou. Calma, você não está sozinho! As dificuldades impostas pelo pensamento foucaultiano são sentidas até mesmo por leitores experientes. As múltiplas portas de entrada, e a impossibilidade de se usar qualquer um dos seus textos como representação do conjunto de sua obra, podem causar certa confusão reducionista e estimular o abandono precoce da leitura.

Somem-se a isso as, em geral, pouco amigáveis condições de legibilidade do texto de Foucault, se comparadas aos padrões da linguagem fluida contemporânea, e estaremos diante de circunstâncias que confirmam: **a ginástica de pensar com Foucault é um exercício estimulante, porém exigente.**

Em vista disso, elaboramos este **guia introdutório** para ajudar o leitor iniciante a se **situar nos domínios do pensamento foucaultiano**. Se a pressa te move, vamos direto ao ponto: sugerimos começar pela aula inaugural que Foucault ministrou ao assumir a cátedra no Collège de France, em 1970, intitulada ***A Ordem Discurso*** (clique na imagem do livro acima para a acessar o pdf). No entanto, pode ser produtivo **apropriar-se de uma visão geral da obra de Foucault antes de iniciar a leitura**. Para esse propósito, recomendamos a Web série ***Análise do Discurso com Foucault***, roteirizada por Maria do Rosário Gregolin. No primeiro episódio (que pode ser acessado abaixo), a especialista em Análise do Discurso "faz um passeio pela obra foucaultiana a partir da pergunta: ***Quem somos nós hoje?***.

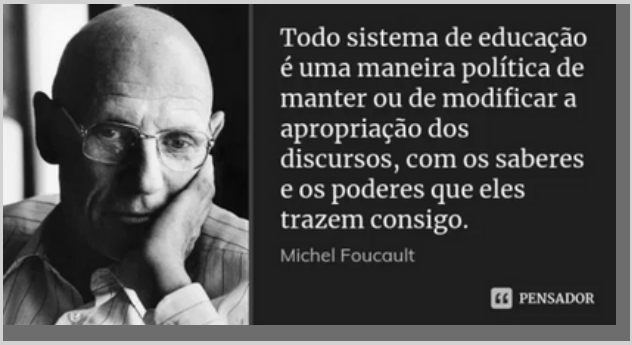
Web série:
Análise do Discurso com Michel Foucault. Ep. 01



Fonte: https://youtu.be/ulBfuOpNdT4

Prosseguindo, convém saber que questões relevantes em educação podem ser pensadas segundo as ideias deste autor. Uma vez compromissados com as devidas cautelas, destacadas por Veiga–Neto (2017) no vídeo seguinte, aparelhar–se com as ideias de Foucault torna possíveis empreendimentos diversos e interessantes nesse campo do saber-fazer-ser:

Michel Foucault e a pesquisa em educação - Prof. Dr. Alfredo Veiga-Neto



Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=8eGGt6wK1Bg

Por exemplo, podemos pensar em reconstruir o roteiro gerador daquilo que julgamos ser o *bom leitor* ou pensar no que esta representação tem a ver com pressões externas por desempenho, avaliações como Pisa e Saeb, a meritocracia e os interesses de mercado. Para isso, desçamos ao "fosso da segregação cultural" de que fala Curcino (2019, p. 651):

> A partilha dessa imagem genérica e idealizada do que é ser leitor reforça o fosso da segregação cultural que privilegia alguns que com ela podem se identificar e condena outros não apenas a sua não identificação com essa representação, como também ao autorreconhecimento de uma falha, de um erro, de uma escolha ruim.

Ao escavá–lo, camadas de pistas acumuladas ao longo do tempo fazem aparecer os efeitos desse jogo de saberes e poderes na prática cotidiana da sala de aula. Pensada como ferramenta de transformação e construção a ser apropriada, a leitura sob a perspectiva foucaultiana pode contribuir, no presente, para a "desmistificação" das distâncias impostas por esse abismo a quem não reúne os meios de fruição desse direito. Nessa peculiar visão, o leitor pode ser considerado um agente de transformação de si mesmo, de sua relação com outro e com o mundo, à medida em que escapa de pensar somente no texto ou em suas representações, para ir adiante, e pensar naquilo que o faz pensar o texto. Por conseguinte, a própria literatura se realiza como prática de liberdade.

Nessa dinâmica, **como se estabelece o ajustamento das ressignificações de literatura, leitura e leitor às questões que acabamos de levantar sobre a abissal produção do *bom leitor*?** Se esta problematização da realidade leitora desafia o seu pensamento, e respostas interessam a sua prática, sondar os domínios do pensamento foucaultiano pode iluminar e operacionalizar a construção de possíveis encaminhamentos. Nunca únicos, jamais acabados, sempre problemáticos.

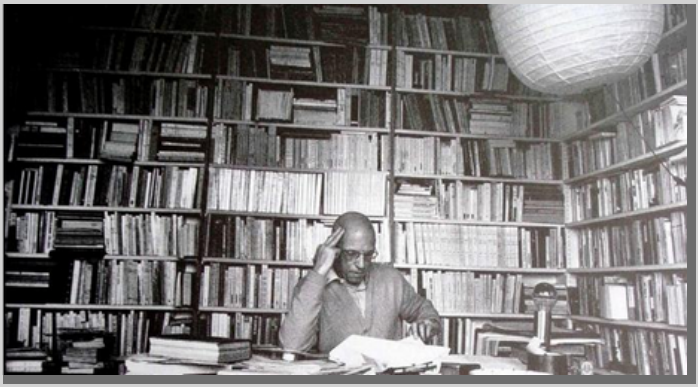
Se aceitar percorrer esses caminhos, vamos juntos ingressar no território de Foucault. Lembramos que a vastidão, a complexidade e a mutabilidade do seu programa possivelmente fará surgir a necessidade de ter em mente um quadro teórico geral onde seja possível fixar e conectar seus conceitos embaraçados. Para esse tipo de construção, esta leitura pode ajudar tanto quanto significa encontrar a "ponta do durex".

As noções de Foucault são antiaderentes, como é antiessencialista a sua postulação sobre o "caráter discursivamente construído da realidade e do sujeito" (Vitale, 2024, p. 131–142). Em sua teorização, o filósofo descreve a realidade a partir da relação de imanência que se estabelece entre a materialidade das coisas e os sentidos que lhes são atribuídos pelo sujeito através da linguagem, em determinado contexto. Contudo, tanto as palavras como as coisas estão ausentes em sua análise da realidade, segundo afirma o próprio Foucault (2022a, p. 59). A matriz de seu pensamento "fica no nível do discurso", repartição em que situa a literatura como vértice de uma relação triangular de imanência, tendo por base a materialidade da obra e a linguagem utilizada pelo sujeito na atribuição de sentido, ao longo de uma inscrição em determinada cultura. Na mesma linha, a literatura em Foucault é uma invenção moderna, uma produção que irrompe–se além do texto e da linguagem, estabelecendo–se como uma relação entre ambas, mas irredutível a elas (Foucault, 2016). C.S. Lewis (2020, p.16), em *Como Cultivar uma Vida de Leitura*, parece capturar parte do pensamento de Foucault na seguinte passagem:

> A literatura, enquanto logos, é uma série de janelas, ou mesmo portas. Uma das coisas que sentimos depois de ler uma grande obra é 'eu saí'. Ou, a partir de outro ponto de vista, 'eu entrei', perfurei a concha de alguma outra mônada e descobri como é dentro dela.

Na palestra seguinte, o professor Veiga-Neto (2022) ajuda-nos a compreender como a visão de Foucault sobre a literatura se afasta de análises hermenêuticas e estruturalistas que privilegiam o sentido e o referente em leituras únicas sobre o texto.

Palestra: Michel Foucault e a Literatura - Prof. Dr. Alfredo Veiga-Neto



Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=C3D1Xt3iqhU

Nota–se logo que a definição de literatura de Foucault é substancialmente mais circunscrita em comparação à que pressupõe um sujeito fundante dos sentidos e uma essência que atravessa a literatura ao longo dos tempos:

> Chamarei de literatura, da maneira mais ampla possível, todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático, em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, desde o que chamamos folclore, lenda, chiste, até as formas mais complexas e difíceis da produção escrita das grandes civilizações. Vista desse modo, a literatura aparece claramente como manifestação de todos os homens em todos os tempos. Não há povo e não há homem que possa viver sem ela, isto é, sem a possibilidade de entrar em contato com alguma espécie de fabulação. Assim como todos sonham todas as noites, ninguém é capaz de passar as vinte e quatro horas do dia sem alguns momentos de entrega ao universo fabulado. [...] Ora, se ninguém pode passar vinte e quatro horas sem mergulhar no universo da ficção e da poesia, a literatura concebida no sentido amplo a que me referi parece corresponder a uma necessidade universal, que precisa ser satisfeita e cuja satisfação corresponde a um direito. Alterando um conceito de Otto Ranke sobre o mito, podemos dizer que a literatura é o sonho acordado das civilizações. Portanto, assim como não é possível haver equilíbrio sem sonho durante o sono, talvez não haja equilíbrio social sem a literatura. Deste modo, ela é fator indispensável de humanização e, sendo assim, consuma o homem na sua humanidade, inclusive porque atua em grande parte no subconsciente e no inconsciente. [...] (Cândido, 2004, p. 174)

A postura problematizadora da realidade, e mesmo da literatura, adotada por Foucault impõe outra consideração à questão inicial de por onde começar: os domínios do seu pensamento são espaços de desconstrução. Sob esse ponto de vista, antes de tentar adesivar com algum rótulo a sua filosofia, lembre–se destas marteladas: "**Não me pergunte quem sou e não me diga para permanecer o mesmo [...]**" (Foucault, 2010a, p. 21). "**Eu sou um pirotécnico. Fabrico alguma coisa que serve, finalmente, para um cerco, uma guerra, uma destruição. Não sou a favor da destruição, mas sou a favor de que se possa fazer caírem os muros.**" (Foucault, 2006, p. 79).

Um pensamento inclassificável força–nos a tentar transformar o calor gerado pelo brandir do martelo em mais um pouco de luz. Para isso, assumimos o risco de usar o artifício didático lançado no quadro 1, na intenção de tentar descomplicar um pouco as razões pelas quais o pensamento de Foucault (2010a, p. 21) "Declina sua identidade, não sem dizer previamente: não sou isto nem aquilo", ou seja, porque rótulos colantes não aderem em sua filosofia prática:

Quadro 1. Rótulos não colam em Foucault

Rótulo	Por que esse rótulo?	Por que não cola?
Estruturalista	Devido a uma concepção estruturalista da linguagem em obras como A Arqueologia do Saber, embora o uso de estruturas universais tenha sido rechaçado por Foucault ao longo de sua obra.	Foucault não se considerava um teórico e sim um experimentador que escreve para mudar a si mesmo e o pensamento sobre si na atividade de analisar os acontecimentos e as coisas. O pensamento de Foucault desloca–se do método científico tradicional, rechaçando a ideia de uma verdade metafísica a ser descoberta, objetos pré–concebidos e as totalidades de uma história dada *a priori*. Por tais razões, a perspectiva teórica aberta pelo pensamento foucaultiano empreende um exercício crítico da realidade, compreendendo–a como uma construção discursiva, passível de ser analisada com ferramentas adequadas, a partir das práticas sociais na dispersão histórica.
Pós-estruturalista	Pela concepção dinâmica da subjetividade (anti-humanista) e ausência de estruturas fixas (não essencialista) em seus escritos.	
Pós-modernista	Em virtude da ideia de desconstrução das verdades e análise do poder presentes no pensamento foucaultiano.	

Fonte: Autoria própria, 2024.

Foucault em 3 minutos



Fonte: Guia do Estudante, 2020.

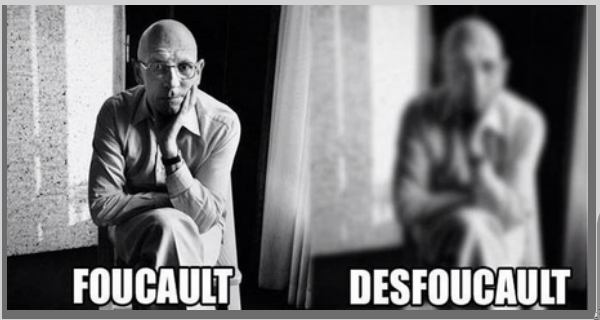
Inspirado em ***Para genealogia da moral***, texto escrito por Nietzsche, Foucault martela verdades absolutas com golpes cirúrgicos, para quebrar e ver dentro. Com esse procedimento, constatou que a realidade não está lá fora: "**A verdade é deste mundo; ela é produzida nele graças a múltiplas coerções e nele produz efeitos regulamentados de poder**" (Foucault, 2019, p. 52).

Podemos dizer que esse regime de trabalho, e sua resultante, constitui a **filosofia prática** da oficina foucaultiana e do manejo das ferramentas de intervenção no tecido do mundo e na vida em rede. Ferramentas de que seu próprio pensamento é provedor, e com as quais torna–se possível empreender uma leitura do roteiro da história, não do fato em si, no momento em que ela acontece. Daí por que dizem que Foucault buscava, em primeira instância, **diagnosticar o presente**, não o passado, não o devir.

Martelar ideias pode parecer uma imagem deslocada da realidade (por que se dar a esse trabalho? Não bastaria aceitar as recomendadas pelo uso e aprovadas pelo tempo e rejeitar as demais?), mas à medida em que começamos a conectar as noções e conceitos, simultaneamente largos, profundos e fluidos, a primeira impressão não fica. Quando balizamos o nosso conhecimento de fundo em relação à maneira foucaultiana de analisar a produção da realidade e a constituição do sujeito, desmantelar ideias deixa de ser uma imagem fora de alcance para tornar–se uma prática tão fortemente enraizada quanto é recomendado pelo próprio autor que dele se descolem e (des)construídas sejam suas ideias (Veiga–Neto, 2017). Clicando na imagem seguinte, você assiste ao documentário **Foucault contra si mesmo** (legendado).

Na visão de Foucault, o conhecimento é um processo de (des)construção

"O documentário Foucault Contra Si Mesmo (Foucault Contre Lui Même) é uma coletânea de entrevistas com críticos e filósofos contemporâneos, numa tentativa de construir novas formas de (re) pensar e discutir os mecanismos de dominação da sociedade, a partir do legado de Michael Foucault." (Youtube)



Fonte da imagem: https://www.michelfoucault.com.br/

Considerada essa impertinência foucaultiana, a **produção filosófica** desse autor, compreendida entre 1960 e 1984 (ano de sua morte), costuma ser periodicizada em **três domínios**, ou, segundo a denominação que adotamos, estações de trabalho, em alinhamento à ideia de oficina. São elas: **Arqueologia do saber; Genealogia do poder e Ética do sujeito**. A cada domínio corresponde um conjunto de obras, conforme o quadro seguinte:

Quadro 2. Cronologia da produção e principais obras de cada estação

Estação (domínio)	Foco	Década	Principais obras
Arqueologia	**Saber**	1960	História da Loucura na Idade Clássica (1961) O Nascimento da Clínica (1963) As palavras e as coisas (1966) A arqueologia do Saber (1969)
zona mista	**Força produtiva do poder**		A ordem do discurso (1970)
Genealogia	**Poder**	1970	Aulas sobre a Vontade de Saber (1970–1971) Teorias e Instituições Penais (1971–1972) A Sociedade Punitiva (1972–1973) O Poder Psiquiátrico (1973–1974) Os Anormais (1974–1975) Vigiar e Punir (1975) Em Defesa da Sociedade (1975–1976) A História da Sexualidade 1: A Vontade de Saber (1976) Segurança, Território e População (1977–1978) Nascimento da Biopolítica (1978–1979)
zona mista	**Governamentalidade**		Do Governo dos Vivos (1979–1980)
Ética	**Ética**	1980	Subjetividade e Verdade (1980–1981) Maldizer, Dizer Verdadeiro (1981); A Hermenêutica do Sujeito (versão em francês) (1981–1982); História da Sexualidade 2: O Uso dos Prazeres (1984); História da Sexualidade 3: O Cuidado de si (1984); História da Sexualidade 4: As Confissões da Carne (2018)

Fonte: Autoria própria, 2024.

Essa demarcação, apesar de problemática e dificilmente observada de forma cercada nos textos, possibilita uma melhor visualização do programa do filósofo.

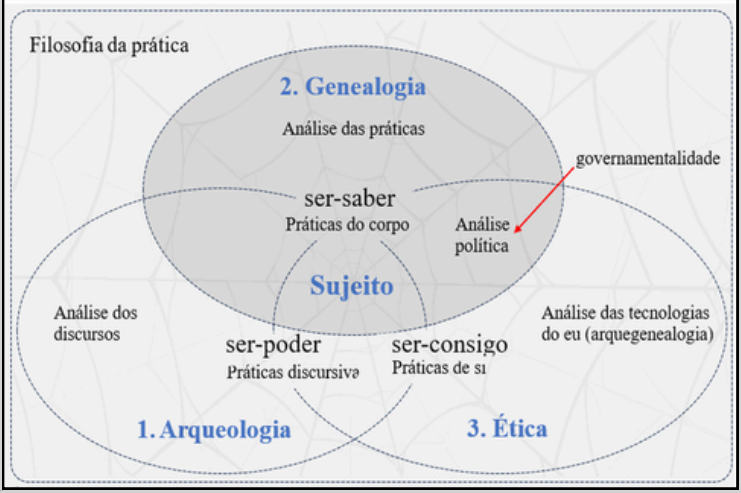
2. A OFICINA DE FOUCAULT, UM MAPA

No **quadro 2**, apresentamos uma possível leitura conjunta do primeiro, segundo e terceiro Foucault. Uma visão panorâmica da oficina foucaultiana. Um sistema centralizado no sujeito, circularmente ligado às estações de trabalho – com seus limites pontilhados – suas interlocuções com a produção da verdade e seus objetos de interesse. Destacamos a posição ocupada pelo domínio da Genealogia pois, segundo Foucault, os três eixos da ontologia histórica desse domínio sobre nós mesmos **(verdade/saber, poder e ética),** atravessam toda a sua obra, desde a Arqueologia até a Ética. Sobre a intervenção da Genealogia sobre a Arqueologia:

> *Eu diria em duas palavras o seguinte: a arqueologia seria o método próprio da análise das discursividades locais, e a genealogia, a tática que faz intervir, a partir dessas discursividades locais assim descritas, os saberes dessujeitados que daí se despredem (Foucault, 2010, p. 11).*

É no interior desses espaços permeáveis e circularmente ligados que surgem emaranhadas as noções (ou ferramentas) forjadas por Foucault para descrição dos acontecimentos, coisas e sujeitos, estendendo–se como relações entre fios e nós que constituem uma trama de arquitetura circular, elástica, resistente e impregnante, que cabem na figura de uma teia de aranha, imagem com a qual o próprio Foucault (2010b) qualifica–os na sua filosofia prática:

Quadro 2. Mapa sintético do pensamento em teia de Foucault



Fonte: Autoria própria, 2024.

Agora que visualizamos a ligação circular das estações de trabalho (domínios do pensamento foucaultiano) no mapa panorâmico da oficina, vamos entender um pouco melhor a atividade em seu interior. No **quadro 3**, sistematizamos algumas das características mais gerais e diferenciadoras da atividade analítica desenvolvida em cada estação,



> *[...] um lugar onde se criam conceitos, mas, frequentemente, também o lugar onde, num movimento de reviravolta que está sempre presente em Foucault, eles passaram num segundo tempo pelo crivo de uma crítica interna: os termos são, portanto, produzidos, fixados, depois reexaminados e abandonados, modificados ou ampliados num movimento contínuo de retomada e deslocamento (Revel, 2005, n.p)*

Nota–se, na descrição de Revel (2005), que a oficina do pensamento foucaultiano assume as feições de um laboratório experimental de produção e burilamento de conceitos. Destacamos, nesse sentido, o domínio da genealogia, para enfatizar a complexidade das noções ali forjadas e desenvolvidas sob o signo das práticas do corpo e de sua governamentalidade, não sendo possível cercá–lo neste ou naquele quadrado. Considerando isso, o caminho mais promissor parece adotar como procedimento iluminar as contradições e as áreas cinzentas desse campo de relações de poder–saber. Nas palavras de Foucault (2019, p. 55): ***"A genealogia é cinza; ela é meticulosa e pacientemente documentária", "[...] exige, portanto, a minúcia do saber, um grande número de materiais acumulados, exige paciência."***:

Quadro 3. Características gerais de cada estação (domínio)

Características	Arqueologia	Genealogia	Ética
Ocupação	saber	poder	ética
Foco	práticas discursivas	práticas discursivas e não discursivas	Ética do sujeito
Analisa	condições de possibilidade dos saberes	poder, no ponto de articulação entre corpo e história	vínculo entre a liberdade e a verdade (corpo e ética)
Dimensão do discurso analisada	discursiva	político–social	Cuidado de si
Descreve	roteiro gerador dos saberes	relação entre saber e poder a partir dos dispositivos discursivos e não discursivos	Técnicas de si

Ponto de articulação	historicidade	Corpo e história	subjetivação, verdade e liberdade
O sujeito é	objetivado pelo saber	objetivado pelos saberes e práticas de governo	subjetivado pelo exercício de si
A verdade é uma construção	histórica	político–social	de si consigo

Fonte: Autoria própria, 2024.

A esta altura já percebemos a "insuficiência do durex" para colar os conceitos, tanto quanto o sentido e a materialidade são, isoladamente, insuficientes para descrever e fixar a realidade em um quadro teórico rígido ou, ainda, a linguagem e a obra são insuficientes para definir a literatura. O caráter discursivamente construído da realidade é, segundo Foucault, imanente da relação entre sentido e materialidade. E isso implica que a realidade não é exterior, e tampouco resulta exclusivamente da subjetividade, mas da dialética entre ambos. A respeito da distância do pensamento de Foucault à ideia de que a realidade é exterior ao sujeito ou se faz apenas aos olhos de quem a vê, são precisas as palavras de C. S. Lewis (2020, p. 16) sobre por que lemos:

> *Cada um de nós, por natureza, vê todo o mundo a partir de um ponto de vista com uma perspectiva e uma seletividade peculiar a si mesmo. E mesmo quando desenvolvemos fantasias desinteressadas, estas estão saturadas e limitadas pela nossa própria psicologia. Concordar nessa particularidade no nível sensorial – em outras palavras, não dar um desconto à perspectiva – seria loucura. Deveríamos então crer que a estrada de ferro se estreita à medida que a distância aumenta. Porém, queremos também fugir das ilusões de perspectiva em níveis mais elevados.*

A fim de não alimentar qualquer **ilusão de perspectiva**, enfatizamos que a utilidade destes **quadros e mapa** introdutórios não é maior que a de **uma bússola**, como instrumento de orientação e incentivo para outras leituras. Algo simples, face à complexidade do programa de estudos foucaultianos, feito para situar o navegador de primeira viagem, em atenção à diferença que faz conhecer alguns de **pontos de referência** relevantes quando se está em território inexplorado.

3. FOUCAULT EM POUCAS PALAVRAS

A pouco amigável escrita de Foucault, se pensarmos nas características do texto midiático dominante, cria uma boa ocasião para abordar o experimento em leitura menos científico já realizado por Wolf (2019, p. 108–109)[1]. A autora aplica uma versão simplificada de fórmulas de legibilidade de textos a uma amostra de romances contemporâneos e do início do século XX, a fim de medir e comparar a densidade dos textos. Sem "[...] sugerir que a profundidade dos pensamentos de um autor tem correlação direta com a densidade sintática da obra", mas preocupada com a "relação entre o número de caracteres com que escolhemos ler ou escrever e o modo como pensamos", Wolf (2019, p. 109) levanta a questão sobre "a perda cognitiva de não querermos ou, no futuro, não sermos capazes de navegar as exigências dos conceitos complexos numa prosa mais densa".

Esse questionamento, que interessa não apenas aos leitores, mas à sociedade em geral, encampa as dificuldades sobre as quais nos referimos ao longo deste texto, relacionadas à leitura de Foucault. Sua escrita, qualificada por Revel (2005) como uma "[...] espantosa escritura barroca", dificultada pelos "empréstimos de outras disciplinas, ocupadas de "voltas e reviravoltas" que enovelam sua argumentação, "mudanças de terminologia", além de uma "vocação simultaneamente filosófica e jornalística [...]", coloca na mesa a preocupação de Wolf (2019) sobre a nossa tendência de abandonar a densidade do texto em direção de uma escrita mais simples, de poucas palavras.

O estilo de Foucault, bastante eficaz em afastar neoleitores, exemplifica o tipo de texto de cuja densidade estamos nos afastando, movimento inserido na tendência geral de afastamento da densidade na vida diária. No dizer de Wolf (2019, p. 108–109), não é preciso um experimento científico para comprová–la. Pense na rotina diária que levamos, reflita sobre as músicas

1 [...] fui à minha estante e tirei três romances best-sellers recentes, escritos por autores conhecidos e respeitados, e três romances do início do século XX. [...] Escaneei aleatoriamente algumas páginas de cada um dos livros para calcular o número médio de frases e orações por sentença e por parágrafo. Além das consideráveis diferenças de estilo e conteúdo, o comprimento médio da sentença nos atuais best-sellers resultou ser menos da metade do que os das obras escritas no início e metade do século XX, com um número drasticamente menor de orações e frases por período (Wolf, 2019, p. 108-109). Por curiosidade, repetimos esse experimento com os dois romances, um de cada época, abordados na introdução desta dissertação. O resultado se mantém: uma redução significativa de caracteres, comprimento das sentenças, orações e frases por período.

que ouvimos, os filmes e as séries recentes que assistimos, as redes sociais de que somos usuários, observe como lemos (na maioria das vezes menos pelo sentido e mais pela velocidade, adotando o comum estilo de ler por cima, caçar palavras, zigzaguer, saltar) e o que lemos no presente (Wolf, 2019, p. 205). Atente–se à gravidade do que significa crianças de colo entregues a *tablets* e celulares e à crescente impaciência dos jovens, cuja atenção é sedutoramente capturada pelas telas.

A densidade da escrita foucaultiana em meme



Fonte: https://www.michelfoucault.com.br/. Acesso em 10 nov. 2024.



CLIQUE OU DIGITALIZE

Seja bem-vindo ao território de Foucault

Levando em conta essas questões para o presente e o futuro da leitura, e o quanto se perde ao não querer ou não conseguir apropriar–se da densidade de textos, como os de Foucault, seguimos com mais um passo introdutório dentro dos seus domínios. Tendo por inspiração o livro **Foucault, conceitos essenciais**, de Judith Revel, além de obras do próprio autor, entre as quais destacamos **A Arqueologia do Saber** e a **Hermenêutica do Sujeito**, apresentamos um breviário de conceitos forjados na oficina foucaultiana, tentando contornar a barreira imposta pelo estilo da escrita, sem comprometer a "complexidade do pensamento corporificada nas palavras" (Wolf, 2019, p. 109). Ainda em observância à ligação circular que os conecta, na medida do possível, buscamos acioná–los conforme aparecem nas definições precedentes. Por isso, os conceitos não estão em ordem alfabética.

Para saber mais sobre o pensamento foucaultiano, clique no QR Code acima e acesse os portais: ***Grupo de Estudos Foucaultianos***, ***Foucault et alii*** e ***GEADA (Grupo de Estudos de Análise do Discurso - Araraquara***, contendo rico material de divulgação científica sobre o tema.

3.1 Relação de conceitos

Arqueologia: método de análise que se ocupa das práticas discursivas, a que se chega situando–se em relação à produção dos saberes que elas formam, no sistema geral de formação e transformação dessas práticas/saberes, denominado *arquivo* (Foucault, 2022, p. 161–221). Descreve o roteiro dos fatos do discurso, não o resultado final. Nesse domínio, a análise arqueológica é a construção do campo histórico dos acontecimentos a partir de recortes precisos em busca pelas condições de emergência dos discursos de saber submetidos às contingências da época de sua produção. Ao situar a Arqueologia à margem de uma análise essencialmente estruturalista ou de busca pela origem mais remota dos fatos, Foucault (2022, p. 20) posiciona o sujeito como elemento central, de sua arqueologia e de toda a sua obra:

> *Em uma palavra, esta obra, como as que a precederam, não se inscreve – pelo menos não diretamente ou em primeira instância – no debate sobre a estrutura (confrontada com a gênese, a história, o devir); mas sim no campo em que se manifestam, se cruzam, se emaranham e se especificam as questões do ser humano, da consciência, da origem e do sujeito.*

Sujeito: é histórico, um invenção moderna que se constitui como função no discurso, tem uma dimensão reflexiva, se faz como objeto de si mesmo, é sempre um duplo (empírico e transcendental), o comandante e o comandado.

Acontecimento: materialização das determinações históricas a que pertence o fato, que não é objeto último da análise histórica no programa de Foucault, mas, antes dele, a irrupção de uma singularidade história que o determina a partir da rede e dos níveis que entrelaçam enunciados, discursos, saberes, poderes, estratégias e práticas que, uma vez organizados e incorporados ao arquivo, a análise arqueológica busca reconstruir.

Para saber mais sobre a **análise arqueológica**:



Fonte: https://youtu.be/DvntJwBmaa8

FOUCAULT EM POUCAS PALAVRAS

Arquivo: "É o sistema geral da formação e transformação dos enunciados" que os instauram como acontecimentos e coisas (Foucault, 2022, p. 159). Em sentido negativo, não é o que protege a história, "não tem o peso da tradição", não é:

> *a "soma de todos os textos que uma cultura guardou em seu poder, como documentos de seu próprio passado, ou como testemunho de sua identidade mantida, tampouco instituições que, em determinada sociedade, permitem registrar e conservar os discursos" (Foucault, 2022, p. 159)*

Pelo contrário, consiste em um regime de funcionamento continuamente variável, "a lei do que pode ser dito", que "define [e diferencia] o modo de atualidade do enunciado ou da coisa no domínio das coisas ditas como acontecimentos singulares que "tenham aparecido graças a todo um jogo de relações que caracterizam particularmente o nível discursivo", acumulando–se como uma massa amorfa. (Foucault, 2022a, p. 158).

Enunciado: não é uma frase, uma proposição ou uma unidade fundamental do discurso, mas uma função que cruza um domínio de estruturas e de unidades possíveis (coisas ditas) e que faz com que apareçam, com conteúdos concretos, no tempo e no espaço. (Foucault, 2022a, p. 105). São descritos no campo do discurso e as "relações de que são suscetíveis" (Foucault, 2022a, p. 38).

Discurso: conjunto de enunciados, regras e práticas "que formam sistematicamente os objetos de que falam" e, organizados em uma mesma formação discursiva, regulam o enunciável em determinado contexto. Em sentido pleno, um:

> *"...conjunto de enunciados [ou práticas discursivas e não discursivas], para os quais é possível definir um conjunto de condições de existência, isto é, uma formação discursiva que constroem e regulam a produção do saber, as relações de poder e a constituição do sujeito no mundo em sua interação consigo e com o outro (Foucault, 2022, p. 143).*

Foucault (2022a, p. 60) reconhece que os discursos são feitos de signos, mas sua função não está limitada à nominação das coisas. O "[...] que fazem é mais que utilizar esses signos para designar coisas. É esse mais que os torna irredutíveis à língua e ao ato da fala. É esse mais que é preciso fazer aparecer e que é preciso descrever." (Foucault, 2022a, p. 60).

Formação discursiva: é o sistema de dispersão dos enunciados e de regularidade dos objetos, isto é, das práticas discursivas, a que se chega pela análise do roteiro das relações que determinam o jogo de regras "que tornam possível, durante um período dado, a dispersão dos enunciados, o aparecimento e a diferenciação dos objetos. No dizer do filósofo, trata–se de uma formação discursiva,

> *No caso em que se puder descrever, entre um certo número de enunciados, semelhante sistema de dispersão, e no caso em que entre os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas, se puder definir uma regularidade (uma ordem, correlações, posições e funcionamentos, transformações) [...] (Foucault, 2022a, p. 47).*

Práticas discursivas: conjunto de enunciados, que assumem a forma de práticas sociais, sempre determinados no tempo e no espaço, originários de formações discursivas.

Genealogia: neste domínio, o eixo da análise do discurso desloca–se da construção do saber (arqueologia) para as relações de poder (genealogia) que incitam e tornam possíveis determinado discurso. Foucault (2019, p. 43), queria saber como a constituição dos acontecimentos e das coisas "podiam ser resolvidos no interior de uma trama histórica, em vez de remetê–los a um sujeito constituinte". Por isso, o genealogista "precisa livrar–se do sujeito", mantendo–se afastado da metafísica, atento à história, sem buscar uma essência constituinte. Foucault segue o caminho acidentado da relação de imanência entre os sentidos e a materialidade, ou seja, da trama histórica. Assim, não se recua no tempo para buscar a fundação de um sujeito pré–existente ou origem remota e assentada das coisas, mas as descontinuidades a partir das quais são descontruídas as redes e níveis de formação dos diversos e inconstantes acontecimentos que constituem o sujeito. Desse modo, a análise genealógica da proveniência está na injunção do corpo com a história. Em como a história é marca e ruína do corpo. Nesse domínio, estuda–se quais os dispositivos e as relações poder realizam essa articulação além de seu efeito sobre os corpos e as coisas. Se, na arqueologia, podemos pensar na análise do ser–saber, ocupada com as redes de saberes subjacentes às práticas discursivas. Na genealogia essa análise desloca–se para o ser–poder, ocupando–se de analisar os dispositivos pelos quais práticas discursivas e não–discursivas se relacionam e incidem sobre os corpos e as coisas.

Governamentalidade: conjunto de instrumentos, formas e táticas que tornam possível o exercício do poder de governo, que possui a população como destinatário, a economia política como um dos seus saberes e os dispositivos de segurança como instrumentos técnicos. Esse conceito surge pelo deslocamento do interesse de Foucault para a questão do governo das condutas. Segundo Veiga–Neto (2017), a governamentalidade "tem um pé na Genealogia e outro na Ética", à medida em que o cuidado de si desenvolve toda uma cultura do autogoverno, inaugurando um modo ético do sujeito colocar–se no mundo. Assim, Foucault aborda uma nova perspectiva a questão da governamentalidade, para além do poder disciplinar: o governo de si por si na sua articulação com o outro, denominada cuidado de si.

Ética: Em seus estudos sobre ética do sujeito, Foucault empreende uma análise histórica das técnicas de si, isto é, da história das maneiras ou tecnologias de enunciação da verdade de si na constituição do sujeito moral consigo mesmo na produção da verdade. Ocupa–se, nessa visada, da história **arquegenealógica** do sujeito moral, motivado pelas mudanças históricas escavadas na antiguidade greco–romana e na tradição cristã, atravessando as várias camadas de saber da fórmula grega do cuidado de si (epiméleia heautoú). Nesse domínio, entra em cena a problemática da verdade e da subjetivação. Quando o sujeito se descreve, ou seja, enuncia a verdade sobre si, ele também constrói a si mesmo como sujeito. Esse retorno a si, ou ser–consigo, recoloca a questão do conhece–te a ti mesmo no contexto mais amplo do cuidado de si como expressão do trabalho que se deve operar sobre si, como se governar.

Parresia: é o franco–dizer, exercício contrário ao ato performativo, à retórica e à lisonja, no exercício do qual nos abrimos com coragem e liberdade a um risco indeterminado. Segundo Foucault (2010b, p. 63–64),

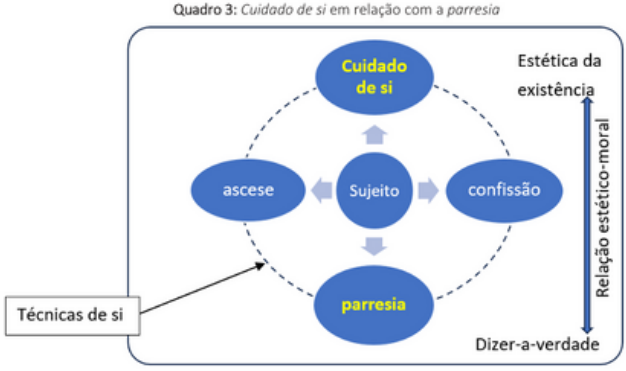
> *[...] é, portanto, uma certa maneira de falar. Mais precisamente, uma maneira de dizer a verdade. Em terceiro lugar, é uma maneira de dizer a verdade tal que abrimos para nós mesmos um risco pelo próprio fato de dizer a verdade. Em quarto lugar, a parresía é uma maneira de abrir esse risco vinculado ao dizer–a–verdade constituindo–nos de certo modo como parceiro de nós mesmos quando falamos, vinculando–nos ao enunciado da verdade e vinculando–nos à enunciação da verdade. Enfim, a parresía é uma maneira de se vincular a si mesmo no enunciado da verdade, de vincular livremente a si mesmo na forma de um ato corajoso. A parresía é a livre coragem pela qual você se vincula a si mesmo no ato de dizer a verdade. Ou ainda, a parresía é a ética do dizer–a–verdade, em seu ato arriscado e livre (Foucault, 2010b, p. 72).*

Confissão: maneira de dizer de si na presença de um outro requerente, tendo em vista a descrição e a produção da verdade de quem a articula. Na modernidade, a confissão torna–se uma performance aberta, sujeita aos olhares e julgamentos de uma audiência, não está restrita a uma autoridade central, com na prática cristã. Essa mudança está de acordo com uma reconfiguração nos modos de subjetivação no ambiente líquido–moderno, em que o reconhecimento e a validação externa ganham precedência, influenciando as formas como os indivíduos percebem a si mesmos e constroem suas subjetividades dentro dos espaços performáticos de convivência. No dizer de Foucault (2022b, p. 66):

> *[...] é um ritual de discurso onde o sujeito que fala coincide com o sujeito do anunciado; é, também, um ritual que se desenrola numa relação de poder, pois não se confessa sem a presença ao menos virtual de um parceiro, que não é simplesmente um interlocutor, mas a instância que requer a confissão, impõe–na, avalia–a e intervém para julgar, punir, perdoar, consolar, reconciliar; um ritual onde a verdade é autenticada pelos obstáculos e as resistências que teve de suprimir para poder manifestar–se; enfim um ritual onde a enunciação em si, independentemente de suas consequências externas, produz em quem a articula modificações intrínsecas: inocenta–o resgata–o, purifica–o, livro–o de suas faltas, libera–o, promete–lhe a salvação. (Foucault, 2022b, p. 66).*

Cuidado de si: cultura ou forma de pensar a subjetividade sustentada por meio de práticas discursivas não adstritas às relações de saber–poder (considere retornar ao conteúdo de Ética). Segundo Navarro (2020, p. 23), o cuidado de si e a parresia articulam–se como essas práticas discursivas, ou técnicas de si, situadas "na intersecção de uma estética da existência com o dizer–a–verdade", localizada "no interior do arquivo sobre a relação do sujeito consigo e com os outros":

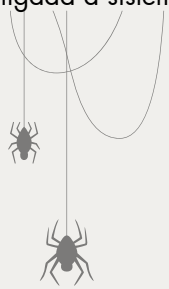
Quadro 3: *Cuidado de si* em relação com a *parresia*



Fonte: Adaptado de Navarro (2020, p. 23)

Técnicas de si: práticas discursivas de "fabricação pessoal da própria vida" não vinculados a fatores externos, estabelecendo–se como "pressupostos ou prescritos aos indivíduos para fixar sua identidade, mantê–la ou transformá–la em função de determinados fins, e isso graças a relações de domínio de si sobe si ou de conhecimento de si por si". Considere retornar ao conteúdo de Ética.

Verdade: "conjunto de procedimentos regulados para a produção, a lei, a repartição, a circulação e funcionamento dos enunciados". A verdade está ligada a sistemas de poder,



> *[...] é deste mundo; ela é produzida nele graças a múltiplas coerções e nele produz efeitos regulamentados de poder. Cada sociedade tem seu regime de verdade. Sua política geral de verdade: isto é, os tipos de discurso que ela acolhe e faz funcionar como verdadeiros; os mecanismos e as instâncias que permitem distinguir os enunciados verdadeiros dos falsos; a maneira como se sanciona uns e outros; as técnicas e os procedimentos que são valorizados para a obtenção da verdade; o estatuto daqueles que tem o encargo de dizer o que funciona como verdadeiro (Foucault, 2019, p. 52–54).*

Em torno da verdade, Foucault desdobra um problema político essencial para a compreensão e transformação do presente: como desvincular o "poder da verdade das formas de hegemonia (sociais, econômicas, culturais) no interior das quais ela funciona no momento". Sobre o encaminhamento dessa questão, informa que não se trata de "[...] mudar a consciência das pessoas, ou o que elas tem na cabeça, mas o regime político, econômico, institucional de produção da verdade." (Foucault, 2019, p. 52–54).

Resumidamente, nessa breve abordagem do ferramental provido por Foucault, vimos como suas noções e conceitos rompem com verdades centralizadoras e totalizantes, possibilitando outros modos de pensamento para analisar a realidade e a condição humana. Em virtude de uma construção dinâmica e multideterminada, pensar com fundamento em suas ideias, sem colocar em questão as racionalidades do idealismo, do essencialismo, do fundacionismo e do finalismo, pode ter consequências explosivas para o seu edifício teórico mutável e flexível.

4. FOUCAULT, POR ONDE CONTINUAR?

Uma vez abordadas algumas dificuldades do encontro inicial com a obra de Foucault, ao custo de alguns golpes de martelo, abrem–se novas janelas para a compreensão crítica do vínculo entre a Educação e a produção do sujeito contemporâneo. E nessa abertura, ganha relevância uma pergunta problematizadora do pensamento foucaultiano: como aplicá–lo na pesquisa em Educação e na prática escolar?

A esse respeito, além dos livros do próprio autor já indicados, ao final desta seção sugerimos uma lista de leituras que servem de portas de entrada para o pensamento foucaultiano [2]. São textos de alguns dos principais comentadores da obra foucaultiana, cuja leitura pode contribuir para a apropriação mais fundamentada das ideias deste autor.

Web série:
Análise do Discurso com Michel Foucault.
Ep. 03



Fonte: https://youtu.be/ulBfuOpNdT4

Percebemos que para pensar a educação à luz das ideias de Foucault, é fundamental apropriar–se de seu pensamento. Vimos, no espaço deste guia, como sua filosofia prática e analogias instigam que seus conceitos sejam tomados como uma caixa de ferramentas, cuja aplicação está voltada ao diagnóstico do presente, desenvolvendo–se por meio de uma análise problematizadora da realidade que fica no nível do discurso. O sistema de circulação, dispersão e rarefação dos discursos – que não está na materialidade das coisas e nem nos sentidos a elas atribuídos por sujeito falante – está na relação de imanência entre ambos e pode ser flagrado em muitas instâncias da vida cotidiana, embora a recorrência não torne menos complexo o trabalho do analista.

[2] A ordem de apresentação não indica preferência.

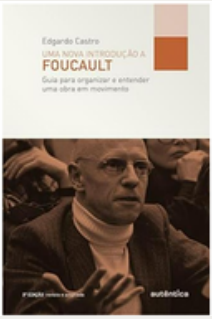
A escola, como uma das instituições sociais estudadas por Foucault, é um desses espaços de observação privilegiados de produção do sujeito, por onde circulam saberes, poderes, técnicas de governo e uma ética, que ali se organizam, fixam, desenvolvem e transformam. Essa foi a perspectiva que adotamos para a pesquisa sobre o *BookTok* e a Leitura, base para esta SD.

Ademais, os pontos de referência que fixamos neste texto, entendemos necessários para essa incursão introdutória no engenhoso mundo habitado por noções multideterminadas como discursos, práticas, corpos, governos, sujeitos e seus arquivos, máquinas, tecnologias, dispositivos e técnicas. De sua articulação podem surgir interessantes *insights* para pesquisas futuras.

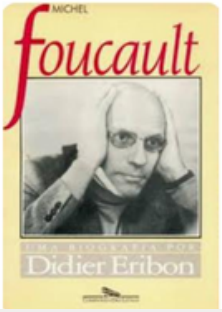
Em Arqueologia, por exemplo, podem ser analisadas as condições de produção do discurso pedagógico sobre leitura ou as disposições do currículo sobre essa prática. Com base na Genealogia, abre–se um campo de estudos da normatividade das práticas escolares na operacionalização do governo dos corpos docente e discente, em proveito da produção de representações consensuais, como a do "bom leitor". De grande relevância são as iniciativas que se propõem a "desvincular o poder da verdade" dos discursos hegemônicos, como o que fixa a distância entre o leitor e não–leitor, com base na desapropriação das condições de leitura. No domínio da ética, podem ser instauradas reflexões sobre a produção da verdade do sujeito–leitor sobre si mesmo, entre outras tantas possibilidades (Foucault, 2019, p. 54).

Encaminhando para um desfecho, esperamos que esta iniciativa possa se materializar como um primeiro passo – quem sabe de muitos que virão – rumo à apreensão do pensamento de Foucault. Ao longo do percurso até este ponto, **insistimos na ideia de pensar os conceitos foucaultianos como ferramentas, com as quais o analista pode se aparelhar para o trabalho de desconstrução de verdades absolutas, ressignificação da realidade e compreensão da produção histórica e discursiva do sujeito.** Ideia que se estende, com algumas ressalvas, às pesquisas em Educação. A melhor maneira que encontramos para terminar é desejando uma boa leitura foucaultiana, realizada menos pela velocidade e mais pela capacidade de ultrapassar os limites do texto, menos para pensar no que o ele quer dizer e mais para pensar no que o texto nos faz dizer sobre o que é lido.

Ao invés de tomar a palavra, gostaria de ser envolvido por ela e levado bem além de todo começo possível (Michel Foucault)







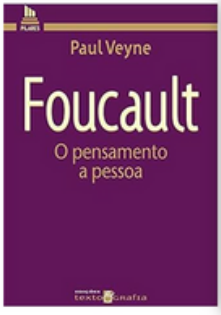


COMENTADORES DE FOUCAULT

Uma nova introdução a Foucault – Edgardo Castro	clique aqui
Foucault – Gilles Deleuze	clique aqui
Foucault, uma trajetória filosófica – Paul Rabinow e Hubert Dreyfus	clique aqui
Como ler Foucault – Johanna Oskala	clique aqui
Michel Foucault – Didier Eribon	clique aqui
Foucault, a filosofia e a literatura – Roberto Machado	clique aqui
Foucault O pensamento, a pessoa – Paul Veyne	clique aqui







PALAVRAS EM LIBERDADE
Clique ou digitalize
Livros para download gratuito

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em: 22 dez. 2023.

CÂNDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: CÂNDIDO, Antonio. **Vários escritos**. São Paulo: Duas Cidades, 2011. p. 235–263.

CARVALHO, Daniel. **Vamos juntos, Profe?: Projetos integradores: Linguagens e suas tecnologias,** volume único: Organização Márcia Takueuchi : São Paulo: Saraiva: 2020.

CEREJA, William Roberto. **Conecte : interpretação de textos.** Vol. Único. William Roberto Cereja, Ciley Cleto. 2. ed. São Paulo: Saraiva, 2013.

COSSON, Rildo. **Círculos de leitura e letramento literário.** São Paulo: Contexto, 2014a.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática.** 2. ed., 5ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2014b.

CURCINO, Luzmara. **As emoções em discursos sobre a leitura**. In: PIOVEZANI, Carlos; CURCINO, Luzmara; SARGENTINI, Vanice. [org.]. O Discurso e as Emoções: medo, ódio, vergonha e outros afetos. São Paulo: Parábola, 2024. p. 79-92.

CURCINO, Luzmara; DOURADO, Maysa. **O que se ensina quando se ensina a ler: discursos sobre a leitura e sua incidência sobre as práticas de ensino e de formação dos sujeitos em nossa sociedade [Entrevista concedida].** In: REP's – Revista Eventos Pedagógicos. Vol. 10, n. 26, Sinop, 2019. p. 648–663.

DOLZ, J.; NOVERRAZ, M.; SCHNEUWLY, B. **Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento**. In: SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. Gêneros orais e escritos na escola. Campinas: Mercado de Letras, 2004. p. 95–128.

FOUCAULT, Michel. **A grande estrangeira: sobre literatura**. Tradução Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016. p. 75–90.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso** – aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

FOUCAULT, Michel. **Ditos e escritos. Vol. III: Estética: literatura e pintura, música e cinema**. 4. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2015. p. 428–438.

FOUCAULT, Michel. **O Governo de Si e dos Outros:** curso no Collège de France (1982–1983). 1. ed. Tradução: Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

FREIRE, Paulo**. Importância do ato de ler**. 49. ed. São Paulo: Cortez, 2014.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimid**o. 22. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2015.

FREIRE, Paulo. **Carta de Paulo Freire aos professores**. Estud. av. [online]. 2001, vol.15, n. 42. Disponível em: . Acesso em: 20 jul. 2024.

REFERÊNCIAS

GREGOLIN, M.R.V. **Sentido, Sujeito e Memória: com o que sonha nossa vã autoria?** In: __. Análise do Discurso as materialidades do sentido. São Carlos: Claraluz, 2000. p. 60–78.

hooks, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática de liberdade**. 2ª ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2017.

JOUVE, Vincent. **A Leitura como retorno a si: sobre o interesse pedagógico das leituras subjetivas** – In – Leitura Subjetiva e ensino de literatura. (Org.) Rouxel, Annie, Langlade e Rezende, Neide Luzia, São Paulo, Alameda, 2013.

JÚNIOR, Itamar Vieira. **Torto Arado**. 1ª ed. São Paulo: Todavia, 2019.

LEWIS, C. S. **Como cultivar uma vida de leitura**. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2020.

Medeiros, Nathássia Matias de. **Guia primeiros passos na obra de Foucault** (livro eletrônico) /situe–se no pensamento de Foucault. Fortaleza, Ce.: Ed.da autora, 2021 Pdf.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Gêneros textuais: reflexões e ensino.** Rio de Janeiro: Lucerna, 2006.

MORAN, José Manuel. **O Vídeo na sala de aula. Escola de Comunicação e Artes**. Universidade de São Paulo. 2010. Disponível em: https://www.eca.usp.br/prof/moran/vidsal.htm. Acesso em: 10 ago. 2024.

MORAN, José Manuel. **Vídeos são instrumentos de comunicação e produção**. Portal do Professor. Ministério da Educação. Brasil: 2009.Disponível em: http://portaldoprofessor.mec.gov.br/noticias.html?idEdicao=16&idCategoria=8– Acesso em: 08/09/2024.

NAVARRO, Pedro. **Estudos discursivos foucaultianos: questões de método para análise de discursos.** MOARA – Revista Eletrônica do Programa de Pós–Graduação em Letras ISSN: 0104–0944, [S.l.], v. 1, n. 57, p. 08–33, dez. 2020. ISSN 0104–0944. Disponível em: https://www.periodicos.ufpa.br/index.php/moara/article/view/9682. Acesso em: 13 nov. 2024. doi:http://dx.doi.org/10.18542/moara.v1i57.9682.

PAULINO, Graça; COSSON, Rildo. **Letramento literário: para viver a literatura dentro e fora da escola**. In: ZILBERMAN, Regina; RÖSING, Tania (org.). Escola e leitura: velha crise; novas alternativas. São Paulo: Global, 2009.

PENNAC, Daniel. **Como um romance**. Tradução: Leny Werneck. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

REVEL, Judith . **Michel Foucault: conceitos essenciais**. Tradução Nilton Milanez, Carlos Piovesan, Maria do Rosário Gregolin. São Carlos: Claraluz, 2005.

REFERÊNCIAS

ROCHA, Regina Braz. Identidade em ação: linguagens e suas tecnologias: manual do professor / Regina Braz Rocha. – 1. ed. – São Paulo: Moderna, 2020.

ROJO, Roxane; BARBOSA, Jaqueline Peixoto. Hipermodernidade, multiletramentos e gêneros discursivos. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

ROJO, Roxane. Multiletramentos na escola. Roxane Rojo e Eduardo Moura – orgs. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

ROJO, Roxane. A teoria dos gêneros discursivos do Círculo de Bakhtin e os multiletramentos. In: DE PAULA, L.; STAFUZZA, G. (Orgs.) Círculo de Bakhtin: inter e intra discursividades. Vol. 4 da Série Bakhtin – Inclassificável. Campinas: Mercado de Letras, 2010.

SANTOS, Janaina de Jesus. Linguagem audiovisual em sala de aula: novos sujeitos, novos objetos e novas práticas. Fólio – Revista de Letras, Vitória da Conquista: Edições UESB, v. 11, n. 2, p. 159–176, 2019. Disponível em: REFERÊNCIAS. Acesso: 20 jan. 2024.

SANTOS, Janaina de Jesus; CORTES, Luciana Cristina Sande. Mídia e vontade de verdade no livro didático: por uma libertação dos modos de existência na leitura de um cartaz. In: Diogenes Cândido de Lima; Fernanda de Castro Modl. (Org.). Linguagens, culturas, docência: implicações. 1ed. Campinas – SP: Pontes, 2022, p. 219–230.

SCHNEUWLY, Bernard; Dolz, Joaquim. Os gêneros orais e escritos na escola. Tradução e organização de Roxane Rajo e Glaís Cordeiro. Campinas: Mercado de Letras, 2004.

SILVA, Alessandra dos Santos. Videorresenha: uma proposta para letramento digital nas aulas de Língua Portuguesa. 2019. Tese (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2019.

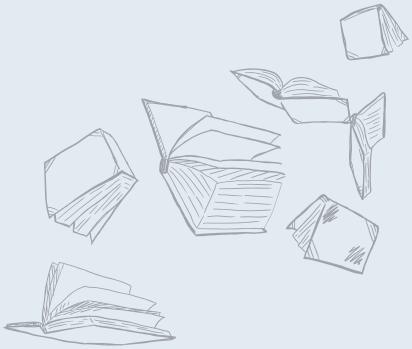
VEIGA–NETO, Alfredo. Foucault e Educação. 3. ed. Belo Horizonte: Autentica Editora, 2017.

VITALE, Alejandra. **Páthos, memória e política.** In: PIOVEZANI, Carlos; CURCINO, Luzmara; SARGENTINI, Vanice. [org.]. O Discurso e as Emoções: medo, ódio, vergonha e outros afetos. São Paulo: Parábola, 2024. p. 131-142.

WOLF, Maryanne. O cérebro no mundo digital: os desafios da leitura na nossa era. Tradução de Rodolfo Ilari e Mayumi Ilari. São Paulo: Contexto, 2019.

Lista de sites:

https://chatgpt.com/c/67178eec–6c08–800c–b6ae–7372de3c4c9d
https://www.escrevendoofuturo.org.br/caderno_virtual/caderno/documentario/
https://www.michelfoucault.com.br/



Ler é inteirar–se de outras proposições,
é confrontar–se com outros destinos,
é transformar–se a partir da experiência
vivenciada pelo outro e referendada
pelo fruidor. Existe, pois, ação educativa maior
do que esta de formar leitores?

Bartolomeu Campos de Queirós

PPGELS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO, LINGUAGEM E SOCIEDADE

UNEB
UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA